

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Coesão e Coerência, Semântica, Figuras
e Vícios de Linguagem, Reescrita



SUMÁRIO

Coesão e Coerência, Semântica, Figuras e Vícios de Linguagem, Reescrita.....	3
A noção de Coerência Textual.....	3
Mecanismos de Coesão Textual	4
Elementos de Referenciação, Substituição e Repetição	6
Significação das Palavras: o Signo Linguístico	7
Denotação e Conotação	8
Figuras e Vícios de Linguagem	21
Reescrita de Frases e Parágrafos do Texto	24
Paralelismo	31
Resumo	33
Mapas Mentais	34
Questões de Concurso.....	38
Gabarito	83
Gabarito Comentado.....	84
Referências	140

COESÃO E COERÊNCIA, SEMÂNTICA, FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM, REESCRITA

A NOÇÃO DE COERÊNCIA TEXTUAL

Quando falamos em **Coerência textual** devemos ter em mente a noção de **Integração**:

Integração é o conjunto de procedimentos necessários à articulação significativa das unidades de informação do texto em função de seu significado global.
(Azeredo, 2008)

É a partir da integração que as frases que compõem o texto se distribuem e se concatenam a fim de realizar uma combinação aceitável (possível, plausível) de conteúdos. Quando a articulação significativa depende de algum conhecimento externo (por exemplo, a cultura dos interlocutores e a situação comunicativa), a integração recebe o nome de **Coerência**.

Isso quer dizer que, em um nível intratextual (nível interno ao texto), as partes do texto (frases, períodos, parágrafos etc.) devem ser solidárias entre si (isto é, estar integradas), para assim se chegar ao significado global do texto.

Em um nível externo ao texto (cuja construção de sentido está relacionada aos conhecimentos de mundo do produtor e receptor do texto), a articulação significativa depende da “normalidade” consensual do funcionamento das coisas do mundo (isto é, devem ser coerentes).

Parece-nos claro que as noções de integração e de coerência estão diretamente interligadas: não se atinge a coerência sem haver a integração das partes do texto.

Todas as informações contidas em um texto são distribuídas e organizadas em seu interior graças ao emprego de certos recursos lexicais e gramaticais (conjunções, preposições, pronomes, pontuação etc.). Esses recursos são utilizados em benefício da expressão do sentido e de sua compreensão. Vejamos um exemplo:

Contratei quatro pedreiros; **eles** vieram esta manhã para orçar o serviço.

Nessa frase, verificamos o uso da forma pronominal **eles** (terceira pessoa do plural) e a flexão verbal **vieram**. A forma **eles vieram** faz referência a outro elemento, presente na primeira oração (Contratei **quatro pedreiros**). Sabemos que a forma pronominal **eles** faz referência ao termo **quatro pedreiros**.

A esse processo de sequenciação que assegura (ou torna recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual damos o nome de **Coesão textual**.

Ambos os processos (**coerência** e **coesão**) são muito (muito mesmo!) avaliados em processos seletivos, como veremos ao final desta aula.

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL

Quando lemos um texto, observamos uma série de recursos coesivos utilizados para dar integração aos parágrafos. Os itens mais encontrados estão listados no quadro a seguir (segundo Othon M. Garcia).

Itens de transição e palavras de referência	Exemplo
(i) Prioridade, relevância: em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, mormente, principalmente, primordialmente, sobretudo;	<i>Em primeiro lugar</i> , é preciso deixar bem claro que esta série de exemplos não é completa, <i>principalmente</i> no que diz respeito às locuções adverbiais.
(ii) Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade): então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto isso – e as conjunções temporais;	<i>Finalmente</i> , é preciso acrescentar que alguns desses exemplos se revelam <i>por vezes</i> um pouco ingênuos. <i>A princípio</i> , nossa intenção era omiti-los para não alongar este tópico: mas, <i>por fim</i> , nos convencemos de que as ilustrações são <i>frequentemente</i> mais úteis do que as regrinhas.
(iii) Semelhança, comparação, conformidade: igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista – e as conjunções comparativas;	No exemplo <i>anterior</i> (valor anafórico), o pronome demonstrativo “desses” serve <i>igualmente</i> como partícula de transição: é uma palavra de referência à ideia <i>anteriormente</i> expressa. <i>Da mesma forma</i> , a repetição de “exemplos” ajuda a interligar os dois trechos. <i>Também</i> o adjetivo “anterior” funciona como palavra de referência. “Também” expressa aqui semelhança. No exemplo <i>seguinte</i> (valor catafórico), indica adição.

(iv) Adição, continuação: além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também – e as conjunções aditivas (e, nem, não só... mas também etc.)	Além das locuções adverbiais indicadas na coluna à esquerda, <i>também</i> as conjunções aditivas, como o nome indica, “ligam, ajuntando”.
(v) Dúvida: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe? é provável, não é certo, se é que;	O leitor ao chegar até aqui – <i>se é que chegou</i> – talvez já tenha adquirido uma ideia da relevância das partículas de transição.
(vi) Certeza, ênfase: de certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza;	<i>Certamente</i> , o autor destas linhas confia demais na paciência do leitor ou duvida demais do seu senso crítico.
(vii) Ilustração, esclarecimento: por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber;	Essas partículas, ditas “explicativas”, vêm sempre entre vírgulas, ou entre uma vírgula e dois-pontos.
(viii) Propósito, intenção, finalidade: com o fim de, a fim de, com o propósito de, propositalmente, de propósito, intencionalmente – e as conjunções finais;	
(ix) Resumo, recapitulação, conclusão: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto;	<i>Em suma</i> , leitor: as partículas de transição são indispensáveis à coerência entre as ideias e, <i>portanto</i> , à unidade do texto.
(x) Causa e consequência: daí, por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito – e as conjunções causais, conclusivas e explicativas;	
(xi) Contraste, oposição, restrição, ressalva: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos – e as conjunções adversativas e concessivas;	
(xii) Referência em geral: os pronomes demonstrativos “este” (o país próximo), “aquele” (o mais distante), “esse” (posição intermediária; o que está perto da pessoa com quem se fala); os pronomes pessoais; repetições da mesma palavra, de um sinônimo, perífrase ou variante sua; os pronomes adjetivos <i>último</i> , <i>penúltimo</i> , <i>antepenúltimo</i> , <i>anterior</i> , <i>posterior</i> ; os numerais ordinais (primeiro, segundo etc.).	Este caso exige ainda esclarecimentos. Com referência a tempo passado (ano, mês, dia, hora) não se deve empregar este, mas “esse” ou “aquele”. “ <i>Este ano choveu</i> muito. Dizem os jornais que as <i>tempestades</i> e <i>inundações</i> foram muito violentas em certas regiões do Brasil.” (A transição <i>neste último</i> exemplo se faz pelo emprego de sinônimos ou equivalentes de palavras <i>anteriormente</i> expressas (<i>choveu</i>): <i>tempestades</i> e <i>inundações</i> .)



O PULO DO GATO

Você pode usar essa tabela para melhorar a sua produção escrita. Seu texto ficará mais rico em vocabulário, o que é muito importante em provas discursivas.

ELEMENTOS DE REFERENCIAÇÃO, SUBSTITUIÇÃO E REPETIÇÃO

Em um texto, o referente (aquilo sobre o que estamos falando) pode ser expresso por formas pronominais e por itens lexicais equivalentes (sinônimos, perífrases etc.). Vamos observar a forma mais comum de referenciação: a realizada pelos **pronomes**.

Para definir um pronome, temos que usar uma palavra pouco conhecida, **díctico**, que significa “aquilo que se refere à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso”.

Vixe, professor, a palavra é desconhecida e o significado da palavra é complicado...

Fique tranquilo(a), vou esclarecer.

Quando eu digo algo como “**Eu** comprei **este** celular pela internet”, as formas pronominais **Eu** e **este** fazem referência a alguma coisa. Mas a quais coisas? A forma pronominal **Eu** faz referência a quem comunica a mensagem. A mesma pessoa que comprou o celular é a pessoa que informa que comprou o celular. Essa forma pronominal indica, então, um ator do discurso.

A forma pronominal **este** também faz referência a algo. No caso da frase “Eu comprei **este** celular pela internet”, o pronome **este** indica que o item comprado pela internet (o celular) está **próximo** ao enunciador (ao **Eu**). Se a frase fosse “Eu comprei **esse** celular pela internet”, o pronome **esse** indica que o objeto comprado (o celular) está perto do emissor da mensagem (aquele a quem eu dirijo a minha fala). E, por fim, se a frase fosse “Eu comprei **aquele** celular pela internet”, o significado também mudaria: o objeto comprado (celular) está distante tanto do enunciador (aquele que produz a mensagem) quanto do receptor (aquele que recebe a mensagem). Ficou claro? Essa ilustração serve para traduzir a ideia de que **as formas pronominais**

são díticas (ou seja, os pronomes fazem referência à situação em que o enunciado (a mensagem) é produzido).

Os pronomes também fazem referência internamente ao texto. Por exemplo, vamos observar a sequência de frases a seguir:

A professora chegou atrasada. Ela quase nunca faz isso.

Dois pronomes se destacam na segunda frase (**Ela** nunca faz **isso**). Como falante do português, você certamente sabe quais são os referentes desses dois pronomes, não é? O pronome **Ela** faz referência ao nome **professora** (primeira frase) e o pronome **isso** faz referência ao evento **chegar atrasada**. Quando uma forma pronominal **retoma** uma informação presente no texto, estamos diante de uma **anáfora**.

Os pronomes também podem **antecipar** informações que ainda vão ser apresentadas, como neste exemplo:

Eu sempre escutei estes artistas: David Gilmour, Pat Metheny e Djava.

A expressão **estes artistas** antecipa os nomes **David Gilmour, Pat Metheny e Djava**. Quando uma forma pronominal **antecipa** uma informação do texto, estamos diante de uma **catáfora**.

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS: O SIGNO LINGUÍSTICO

Em textos orais e escritos, observamos a presença de muitas palavras de nosso vocabulário (léxico). Essas palavras adquirem significado quando estão inseridas em um contexto mais amplo que o domínio do item lexical (ou seja, quando estão em períodos, parágrafos etc.). No entanto, somos capazes de saber que “cadeira” significa “cadeira”, mesmo que essa palavra não esteja em um contexto mais amplo. A explicação para esse nosso conhecimento lexical está na reflexão do linguista F. Saussure (citado por mim na primeira aula, lembra?), o qual diz que um **signo linguístico** é formado pela união indissociável entre um **significante** e um **significado**.

Com essa definição, temos o seguinte: quando ouvimos ou lemos a palavra **cachorro**, reunimos, em um nível mental, o significante (a impressão sonora da palavra) ao significado

(a noção “mamífero carnívoro da família dos canídeos”). A impressão sonora da palavra é um conceito psicológico - e essa impressão sonora é concretizada pelo som das palavras ou pelo registro gráfico (letras).

Há muitas questões em concursos públicos sobre o significado que as palavras ou expressões possuem. Também veremos isso ao final de nossa aula.

Vamos agora trabalhar os conceitos de denotação e conotação, também muito avaliados em provas de concursos públicos.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Na relação entre significante e significado, percebemos que a semântica da palavra **cachorro**, por exemplo, corresponde às propriedades semânticas mais constantes e estáveis (e são essas as propriedades semânticas que todo falante de língua portuguesa evoca mentalmente quando ouve ou lê a palavra **cachorro**). Essa relação direta entre o significante e o significado é chamada de **denotação**:

Obs.: **denotação** é a relação significativa objetiva entre o significante e o significado. A denotação é o elemento estável da significação da palavra, elemento não subjetivo. Pode ser analisado fora do discurso (contexto).

Quando há propriedades semânticas que são atualizados em determinado contexto, estamos diante da **conotação**. Por exemplo, podemos afirmar que o namorado de Fulana é muito **cachorro**. É claro que não caracterizaremos este homem como um “mamífero carnívoro da família dos canídeos”. Na verdade, nesse contexto, em que há elementos subjetivos, queremos dizer que o namorado de Fulana se porta como um cachorro, que desconsidera os sentimentos de sua parceira (ou das mulheres) e age por instinto. Percebemos, então, que há inserções de informações semânticas à palavra **cachorro**, a qual está situada em um contexto discursivo.

E então, essa distinção ficou clara? Espero que sim.

As noções de denotação e conotação são próximas às noções de sentido literal e sentido figurado.

Sentido literal: conforme ao próprio e genuíno significado das palavras, por oposição ao seu sentido figurado; exato, rigoroso.

Sentido figurado: que se caracteriza por uso abundante e sistemático das **figuras de palavra** (tropos), como a metáfora, a metonímia e a sinédoque (diz-se da linguagem ou do estilo).

Tudo certo até agora? Vamos continuar, então!

Nessa área de estudos semânticos de nossa língua, costuma-se classificar as relações semânticas em sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, polissemia. Vamos observar a definição de cada uma delas:

- **Sinonímia:** é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes. A sinonímia plena não existe, e por isso é preciso analisar o quanto as palavras são próximas em significado;

Sinônimos de **ordenado**: comissão, embolso, emolumento, estipêndio, honorários, paga, pagamento, remuneração, salário, soldo, vencimento, proventos.

- **Antonímia:** é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes, contrários. Importante: a oposição de significado deve ocorrer *dentro das propriedades semânticas compartilhadas pelas palavras*;

Antônimos de **metódico**: ametódico, assistemático, descomedido, desmetódico, desordenado, desorganizado, desregrado.

- **Polissemia:** é a propriedade que uma mesma palavra (uma única raiz etimológica) tem de apresentar vários significados. Nos exemplos abaixo (de **ponto e linha**), cada um dos números (1., 2., etc.) representa um significado;

Ponto

1. V. ponto de parada (1): “Costuma tomar o ônibus naquele ponto.”
2. Livro, cartão, folha, onde se registra a entrada e saída diária do trabalho: “Bateu o ponto na hora exata.”
3. Unidade que, nas bolsas de valores, exprime a variação dos índices: “Estes papéis subiram cinco pontos em um mês.”

Linha

1. Fio de fibras de linho torcidas usado para coser, bordar, fazer renda etc.
2. Sinal elétrico que porta as mensagens enviadas por meio de tal sistema de fios ou cabos, ou contato ou conexão entre aparelhos ligados a tal sistema: “O telefone não está dando linha.”
3. Serviço regular de transporte entre dois pontos: “O fim da linha dos ônibus interestaduais fica próximo do centro da cidade.”

- **Homonímia: diz respeito ao fenômeno semântico em que** palavras (raízes etimológicas distintas) possuem a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Veja os seguintes casos de homonímia:

- **Homófonas heterográficas:** mesmo som (pronúncia), mas com grafia diferente:

Concerto (sessão musical) – conserto (reparo)

Cerrar (fechar) – serrar (cortar)

- **Homógrafas heterofônicas:** mesma grafia, mas pronúncia diferente:

Colher (substantivo) – colher (verbo)

Começo (substantivo) – começo (verbo)

- **Homógrafas homófonas:** são iguais na escrita e na pronúncia:

Livre (adjetivo) – livre (verbo livrar)

São (adjetivo) – são (verbo ser) – são (santo)

- **Paronímia:** são as palavras parecidas na escrita e na pronúncia, mas com significação diferente. O fenômeno de paronímia gera muitas dúvidas quando lemos ou escrevemos textos, e é por isso que registro a seguir os casos mais recorrentes (reproduzo a lista registrada no *Manual de Redação da Presidência da República*):

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*

Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.

Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*

Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*

A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*

Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico; existem aproximadamente: Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*

Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*

A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.

Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.

Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.

Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*

De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)

Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto;* ao lado, junto; além de.

Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, comentário à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*

À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*

Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.

Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*

Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.

Arroxar: ou **arroxear, roxear:** tornar roxo.

Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.

Az (pouco usado): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: *Auferir lucros, vantagens.*

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: *Aferir valores, resultados.*

Augurar: prognosticar, prever, auspicar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*

Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.

Causal: causativo, relativo a causa.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: *A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.*

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1º de agosto.*

Chá: planta, infusão.

Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xequê: dirigente árabe; lance de xadrez; (figurado) perigo (*pôr em xeque*).

Círio: vela de cera.

Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (*daí civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*

Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (cp. *concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*

Conserto: reparo, remendo, restauração (cp. *consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conjectura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*

Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferenciar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*

Desapercebido: desprevenido, desacomatado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *Ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procurou uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.

Intender: exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*

Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (comparar: *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interseção: ação de seccionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.

Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.

Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.

Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.

Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.

Magistral: relativo a mestre; perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão.*

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente.*

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (*primeiro, segundo, milésimo, etc.*).

Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.*

Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor.*

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*

Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscreitar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.

Taxar: fixar a taxa de; regular, regradar: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: *tencionar*); assunto, tema.

Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

No que o fenômeno de paronímia é importante em sua prova? Eu diria que principalmente nas propostas de **reescrita**, em que as bancas alteram, dentre outras coisas, a grafia de palavras.

Duas noções também são importantes nessa área de semântica: hiperonímia e hiponímia.

A **hiperonímia** é a relação que se estabelece entre itens da língua com base na menor especificidade do significado de um deles. Por exemplo: **móvel** é hiperônimo de **sofá**. Isso porque

móvel é menos específico em relação a **sofá** e designa todo tipo de mobiliário (incluindo o sofá, um tipo específico de móvel). Em suma, hiperônimo é qualquer palavra que transmite a ideia de um todo. Ela funciona como uma matriz, à qual estão vinculadas as filiais.

A **hiponímia**, por outro lado, designa a palavra que indica cada parte ou cada item de um todo. **Sofá**, por exemplo, é hipônimo de **móvel**.

FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

Abordarei, agora, as figuras de linguagem. Também abordarei, em seguida, os chamados vícios de linguagem, tais como formulados pela tradição gramatical (normativa). As definições têm origem no Dicionário Houaiss (2009). Acho mais interessante apresentá-los em tabela, da seguinte maneira:

Figura de linguagem	Definição	Exemplo
Antítese (ou paradoxo)	Figura pela qual se opõem, numa mesma frase, duas palavras ou dois pensamentos de sentido contrário.	Com luz no olhar e trevas no peito. Claro enigma.
Antonomásia (ou perífrase)	Variedade de metonímia que consiste em substituir um nome de objeto, entidade, pessoa etc. por outra denominação, que pode ser um nome comum (ou uma perífrase), um gentílico, um adjetivo etc., que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor.	Aleijadinho por Antônio Francisco Lisboa. O Salvador por Jesus Cristo.
Catacrese	Metáfora já absorvida no uso comum da língua, de emprego tão corrente que não é mais tomada como tal, e que serve para suprir a falta de uma palavra específica que designe determinada coisa.	Braços de poltrona. Dentes do serrote. Nariz do avião. Pescoço de garrafa.
Comparação	Paralelo feito entre dois termos de um enunciado com sentidos diferentes.	Dirige como um louco.
Disfemismo	Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra.	Ficar puto por ficar com raiva.

Eufemismo	Palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável.	Ele bateu as botas (morreu).
Hipérbole	Ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.	Morrer de medo. Estourar de rir.
Metáfora	Designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança.	Ele tem uma vontade de ferro.
Metonímia	Figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.	Adora Portinari por 'a obra de Portinari'.
Personificação (ou prosopopeia)	Figura pela qual o orador ou escritor empresta sentimentos humanos e palavras a seres inanimados, a animais, a mortos ou a ausentes.	"Ah, cidade maliciosa de olhos de ressaca"
Sinestesia	Cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão.	O cheiro áspero de terra.

Vício de linguagem	Definição	Exemplo
Ambiguidade (ou anfibologia)	Propriedade que apresentam diversas unidades linguísticas (morfemas, palavras, locuções, frases) de significar coisas diferentes, de admitir mais de uma leitura.	O rapaz bateu na velha com a bengala.
Barbarismo	Uso de formas vocabulares contrárias à norma culta da língua, seja do ponto de vista ortoépico (pronúncia), ortográfico, gramatical ou semântico.	Peneu no lugar de pneu; Rúbrica no de rubrica; "Menas palavras" por "menos palavras".
Cacofonia	Repetição de sons (fonemas ou sílabas) considerada desagradável ao ouvido.	Vou-me já.

Pleonasmo	Redundância de termos no âmbito das palavras, mas de emprego legítimo em certos casos, pois confere maior vigor ao que está sendo expresso.	Ele via tudo com seus próprios olhos.
Queísmo	Omissão da preposição de antes da conjunção integrante que, onde, pela regência do verbo na norma culta da língua, ela é necessária.	Gostaríamos [de] que ele fosse nosso paraninfo.
Sínquise	Tipo de hipérbato no qual a transposição de ordem das palavras de uma oração ou período resulta em dificuldade para o entendimento da construção.	Em “pesada caiu o pobre melancolia” por “o pobre caiu em pesada melancolia”.
Solecismo	Intromissão, na norma culta de uma língua, de construções sintáticas alheias à mesma, geralmente por parte de pessoas que não dominam inteiramente suas regras.	Os chamados erros de concordância, de regência, de colocação, a má construção de um período composto etc.

Sobre a **ambiguidade**, podemos dizer mais algumas palavras.

Uma das características de qualquer língua é a existência de ambiguidade, a qual é definida como “fenômeno linguístico em que unidades linguísticas (palavras, sintagmas) podem significar coisas diferentes, podem admitir mais de uma leitura”.

Nos estudos linguísticos, há dois tipos principais de ambiguidade: a **lexical** e a **estrutural**.

Na ambiguidade lexical, a ambiguidade está presente na palavra. É o caso, por exemplo, de “Ele está me esperando no banco”, em que a ambiguidade está presente na palavra **banco** (pode ser o móvel, em uma praça, ou a instituição financeira).

Já na ambiguidade estrutural, os sentidos diferentes são resultantes de diferentes configurações sintáticas. É exatamente o caso de “O empregado matou o rei com a espada”. Nessa frase, o sintagma [com a espada] pode modificar [o rei] ou [matou]. Quando modifica [o rei], o sentido é de que o rei portava a espada e o empregado o matou (com qualquer outro objeto, inclusive outra espada). Quando modifica [matou], a interpretação é a de que o empregado usou a espada para matar o rei (que estava desarmado, por exemplo).

Como exercício, identifique o tipo de ambiguidade nas frases a seguir:

- 1) Este é o canto preferido da lolanda.
- 2) O policial viu o assalto da viatura.

REESCRITA DE FRASES E PARÁGRAFOS DO TEXTO

As principais bancas examinadoras apresentam questões de reescrita em seus processos seletivos. Isso se tornou muito recorrente nos últimos anos, e é quase certo que haverá uma questão desse tipo em sua prova. Por isso, precisamos abordar esse conteúdo.

Nos editais, o tópico de **reescrita** pode nos *conteúdos programáticos* como:

- reescrita de frases e parágrafos do texto;
- equivalência e transformação de estruturas;
- substituição de palavras ou de trechos de texto;
- reorganização da estrutura de orações e de períodos do texto;
- reescrita de textos de diferentes gêneros e níveis de formalidade; ou
- reescrita de frases: paralelismo.

Bom, a primeira coisa que de que você precisa saber é que a noção de **reescrita** pode estar vinculada à ideia de **manutenção de correção gramatical**. Nesse caso, o que a banca avalia é se a reescrita mantém as relações gramaticais segundo a norma culta. Veja a questão a seguir:

DIRETO DO CONCURSO

QUESTÃO 1 (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2015)

13| Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos

14| vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que,

15| nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas.

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir “restauraria” (l. 14) por “poderia restaurar”.

COMENTÁRIO

Certo.

A substituição de uma palavra por uma forma perifrástica mantém a correção gramatical, pois ambas denotam os mesmos valores modo-temporais (e o gabarito do item é: **Certo**). Assim, a reescrita mantém a estrutura gramatical original (além de manter os sentidos originais).

Nessa outra questão, temos a exigência de haver paralelismo sintático (discutido na sequência de nossa aula):



DIRETO DO CONCURSO

QUESTÃO 2 (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2015)

Na República, o Decreto n. 848/1890, ao
16 criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo,
sobre a estrutura e as atribuições do Ministério Público no
âmbito federal.

A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão “sobre a” (l. 17) fosse substituída por “acerca da”.



COMENTÁRIO

Errado.

As expressões “sobre” e “acerca de” são equivalentes. No entanto, quando se faz o uso de “acerca de”, é necessário preposicionar a forma “as atribuições” (por paralelismo). O trecho, então, deveria ficar assim:

“Na República, o Decreto n. 848/1890, ao 16 criar e regulamentar a justiça federal, dispôs, em um capítulo, **acerca da** estrutura e **das** atribuições do Ministério Público no âmbito federal.”

Além das questões relativas à noção de correção gramatical, temos questões que explicitam a necessidade de a reescrita preservar a correção gramatical **E** os sentidos originais:



DIRETO DO CONCURSO

QUESTÃO 3 (CEBRASPE/MPU/TÉCNICO/2015)

É importante destacar que o art. 154-A do Código
10 Penal (Lei n. 12.737/2012) trouxe para o ordenamento

jurídico o crime novo de “invasão de dispositivo informático”,
que consiste na conduta de invadir dispositivo informático
13 alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante
violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de
obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem
16 autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo, ou
instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita.

Prejudicam-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir
“ilícita” (l. 17) por “ilegal”.

COMENTÁRIO

Errado.

Vantagem “ilícita” é semelhante, no contexto, a “vantagem **ilegal**”. A palavra “ilícita” significa (dicionário Houaiss): “condenado pela lei e/ou pela moral”; “proibido”, “**ilegal**”. Além de o sentido original ser preservado, as relações sintáticas também são mantidas.

Professor, e se a banca exigir somente uma coisa? Por exemplo: que a reescrita preserve apenas a correção gramatical. Nesse caso, como faço se houver mudança de sentido?

Bom, aqui a ideia é que temos de julgar o item de acordo com o que é exigido pela banca. Se a banca exige a sua avaliação sobre a correção gramatical, avalie a correção gramatical. Se a banca exige apenas a manutenção de sentidos, avalie apenas a manutenção dos sentidos. Como se sabe, há uma estreita relação entre estrutura gramatical e sentidos de um texto. Se houver a mudança de estrutura gramatical, há grande probabilidade de haver mudança de sentido (probabilidade, mas não obrigatoriedade). No final das contas, o importante é estar atento(a) ao que se pede no comando do item.

Além de alterações de ordem gramatical, as bancas também exigem alterações na configuração de períodos e parágrafos. Observe a questão a seguir:

**DIRETO DO CONCURSO****QUESTÃO 4**

(CESPE/SUPERIOR/STM/2018)

Texto 6A1BBB

1 A humanidade não aceitará uma língua não natural
para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus
instintos. Nenhum homem, “que seja homem”, achará natural
4 conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque,
ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do
gênero. Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas
7 natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua
artificialmente construída. O homem é um animal apesar de
muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como
10 todos o são.

A coerência e a coesão do **Texto** seriam mantidas caso seu último período passasse a figurar como seu quarto período.

**COMENTÁRIO****Certo.**

Vou apresentar o texto conforme a alteração proposta pela banca:

A humanidade não aceitará uma língua não natural para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus instintos. Nenhum homem, “que seja homem”, achará natural conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque, ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do gênero. **O homem é um animal apesar de muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como todos o são.** Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua artificialmente construída.

As relações de sentido são mantidas, uma vez que o período deslocado encerra uma “verdade absoluta” (na visão do autor). Essa independência proposicional é o que permite o deslocamento.

Então o que temos até agora é o seguinte: em questões de reescrita, pode-se avaliar:

- a preservação de estrutura gramatical (norma culta);
- a preservação de sentido original do texto;
- a preservação da estrutura gramatical **E** do sentido original do texto;
- a preservação de organização textual (períodos, parágrafos etc.) (no âmbito da coerência e da coesão).

Em questões de múltipla escolha, a formatação típica é esta:



DIRETO DO CONCURSO

QUESTÃO 5 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

... não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...

Uma nova redação para a frase acima, em que se mantêm a clareza, o sentido e a correção, está em:

- a) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e, todavia, considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- b) Não só devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas também considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- c) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, a fim de considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- d) Não devemos nem subestimar o alcance real do riso que eles provocam, nem considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- e) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...



COMENTÁRIO

Letra e.

Observe cada uma das inadequações das reescritas:

- a) **Errada.** O uso de “todavia” não respeita as relações semânticas internas ao período.

b) **Errada.** O uso da expressão “não só, mas também”, que cria um paralelismo, não respeita as relações semânticas internas ao período.

c) **Errada.** O uso de “a fim de” não respeita as relações semânticas internas ao período.

d) **Errada.** O uso da expressão “nem..., nem”, que cria um paralelismo, não respeita as relações semânticas internas ao período.

O item (e) está correto porque no trecho original a conjunção “e” equivale à conjunção “mas”.

Professor, então nas questões de reescrita a banca pode avaliar qualquer conteúdo de Língua Portuguesa?

EXATAMENTE! Eu costumo chamar a denominação “reescrita” como **termo coringa** para a banca cobrar *todo e qualquer* conteúdo de gramática, semântica ou texto. É um desafio, eu sei. Você precisa articular bem seus conhecimentos de gramática aos conhecimentos de texto (tipologia, gêneros, níveis de formalidade, coesão, coerência, estrutura do parágrafo etc.).

No âmbito gramatical, os principais tópicos avaliados em questões de reescrita são estes:

- uso de conectivos (conjunções);
- pontuação;
- concordância (nominal e verbal);
- regência (e crase);
- colocação e ordem de termos;
- sinonímia e antonímia;
- uso de pronomes (referenciação);
- ortografia/acentuação;

Vamos avançar mais e detalhar os conteúdos mais recorrentes.

- **Conectivos:**
 - equivalência de conectivos no período composto (por coordenação e por subordinação).
- **Pontuação:**
 - uso de vírgula para isolar termos deslocados;
 - uso inadequado de vírgula para separar termos em ordem direta (SV0).

- **Concordância:**

- identificação da relação entre a forma verbal e o sujeito que desencadeia a flexão;
- verbos impessoais: haver, meteorológicos (ficam sempre na terceira pessoa do singular);
- sujeito posposto;
- distinção TEM/TÊM: tem (sujeito na 3ª pessoa do singular); têm (sujeito na 3ª pessoa do plural).

- **Regência:**

- verbos mais recorrentes: assistir, aspirar, avisar, implicar, pedir, obedecer, visar;
- verbos que regem a preposição “a”: possível ocorrência de crase.

No âmbito da Interpretação de Textos, a reescrita é tratada como um fenômeno de **paráfrase**, definida como “diferentes formas de dizer a mesma coisa; frase sinônima”. Assim, a paráfrase é o recurso linguístico de dizer a mesma coisa de diferentes formas. A frase declarativa a seguir pode ter diversas paráfrases:

O João Gabriel comprou aquela Fender na Amazon.

Paráfrases

- (i) Foi na Amazon que o João Gabriel comprou aquela Fender. [clivagem]
- (ii) Aquela Fender foi comprada na Amazon pelo João Gabriel. [apassivação]
- (iii) O João Gabriel comprou, na Amazon, aquela fender. [deslocamento]
- (iv) Ele **a** comprou **lá**. [pronominalização]

Há diversas formas de realizar paráfrases. As principais são estas (o sinal de “<>” significa “vice-versa”):

- Mudança de nível de formalidade (formal<>informal);
- Mudança no tipo de discurso (direto<>indireto);
- Nominalizações;
- Mudança de voz (ativa<>passiva);

- Deslocamento:
 - de constituintes;
 - de períodos dentro de um parágrafo; ou
 - de parágrafos em um texto;
- Substituição vocabular:
 - de conectores (conjunções e preposições);
 - de itens lexicais (por sinonímia, hiponímia ou hiperonímia);
 - de palavra por locuções/perífrases (vice-versa);
 - de categorias gramaticais (tempos e modos verbais; aspecto verbal; gênero e número nos nomes);
 - via conversão de classe (nominalização, formação de advérbios em -mente etc.);
- Pronominalização e substituição de formas pronominais (especialmente do relativo “que”).

Temos o suficiente para os fins de nosso curso. Lembro sempre que, na resolução de questões de reescrita, o importante é articular **todos** os conhecimentos de Língua Portuguesa, observando sempre se há (ou não) manutenção de estrutura gramatical (norma culta) e manutenção de sentido original.

Caso você não se recorde dos detalhes desses conteúdos gramaticais, indico a retomada desses pontos nas aulas teóricas de Gramática (curso em PDF e videoaulas).

PARALELISMO

Você viu que a noção de **paralelismo** é abordada no conteúdo de reescrita, correto? Bom, paralelismo é definido como a identidade de estrutura numa sucessão de frases. Vejamos a frase a seguir:

O esforço é grande e o homem é pequeno.

Nessa frase, há uma simetria estrutural entre as duas orações. Ambas são estruturadas por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.

Segundo o professor Azeredo, paralelismo sintático é a perfeita correlação na estrutura sintática da frase. Como a coordenação, é um processo que encadeia valores sintáticos idênticos.

No paralelismo, presume-se que os elementos sintáticos coordenados entre si devam apresentar, em princípio, estruturas gramaticais similares. Portanto, a coordenação sintática deve comportar constituintes do mesmo tipo.

É muito importante observar que o paralelismo sintático não se enquadra em uma norma gramatical rígida. É possível construir sentenças na língua que não seguem o princípio do paralelismo:

Este é um carro possante e que alcança grande velocidade.

Veja que nessa frase coordenamos termos de naturezas distintas: um sintagma adjetival básico (**possante**) e um sintagma adjetival derivado (uma oração subordinada: **que alcança grande velocidade**). Respeitar-se-ia o princípio do paralelismo se a frase tivesse a seguinte estrutura:

Este é um carro que tem muita força e que pode alcançar grande velocidade.

Nessa última frase, coordenamos dois sintagmas adjetivais derivados (ambos são orações subordinadas).

Por fim, é também importante destacar que ambas as formas são perfeitamente aceitáveis, pois nenhuma das frases fere a integridade sintática do sistema linguístico. A escolha entre ambas é uma questão **estilística** (segundo o professor Othon M. Garcia).

RESUMO

Nesta nossa última aula, estudamos conteúdos cobrados recorrentemente em provas de concurso. Vamos lembrar quais são estes tópicos.

Primeiramente, conhecemos a noção de **coerência textual**, a qual está relacionada à solidariedade entre as partes que compõem o texto e aos conhecimentos de mundo. Em seguida, vimos os tipos de **coesão textual**: sequencial e referencial. São estes mecanismos que fazem o texto “seguir”, conectando as partes que o formam.

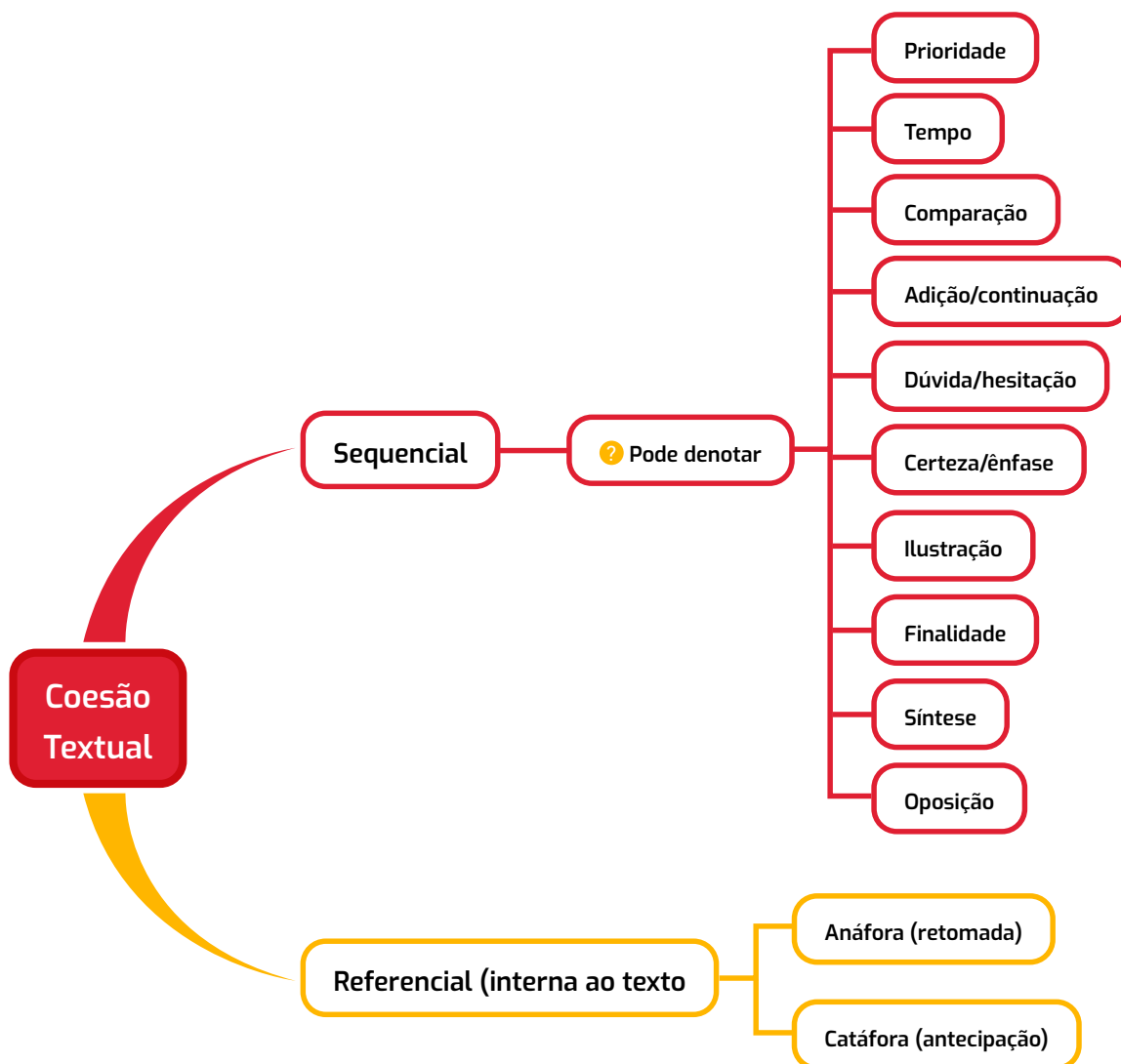
Em relação ao âmbito da **semântica**, vimos que um **signo** linguístico é formado pela união (indissociável) entre um significante e um significado. Vimos que há diversas relações semânticas, como a sinonímia, a antonímia, a polissemia etc.

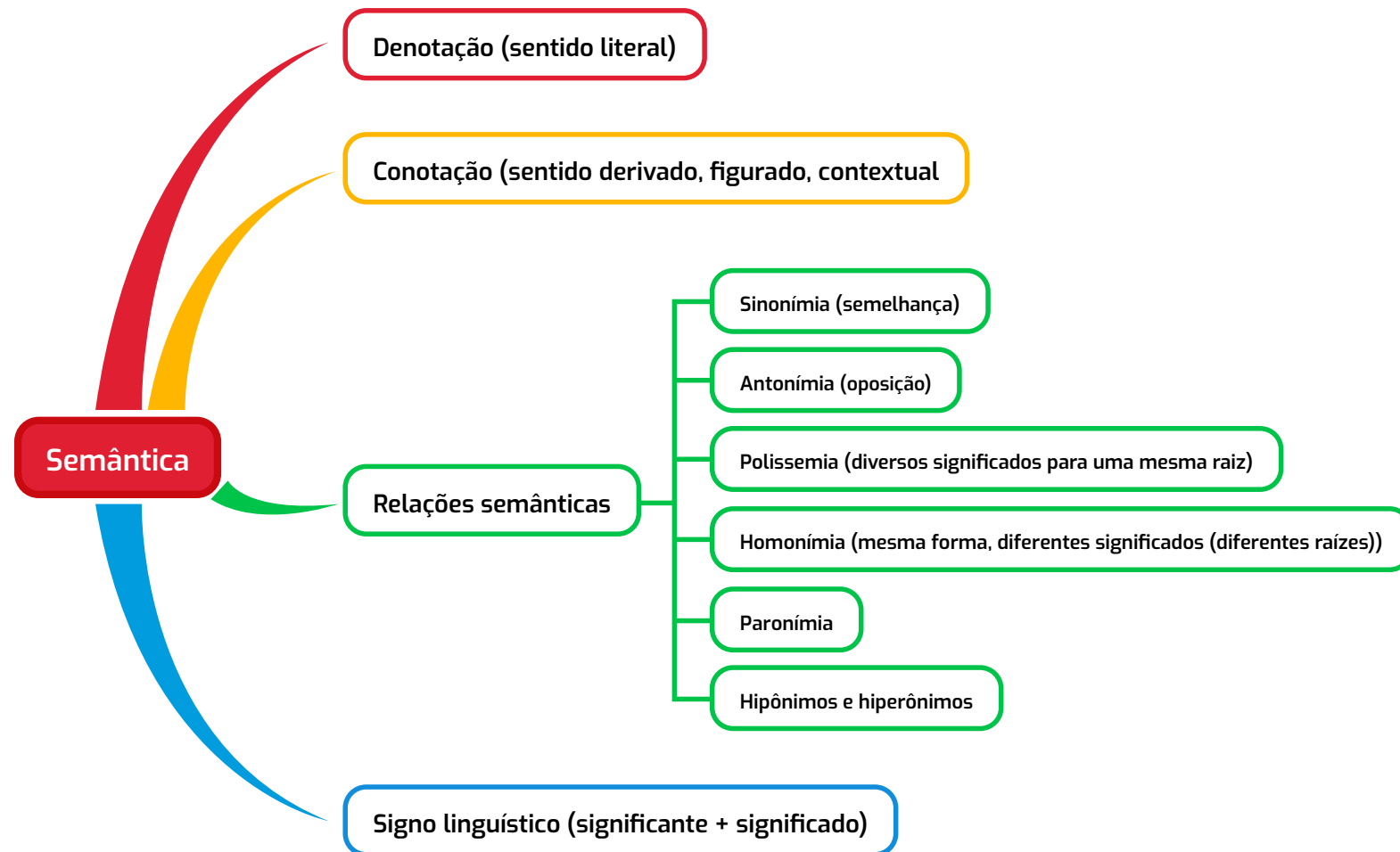
Conhecemos as **figuras de linguagem**, destacando que são formas de trabalhar os efeitos de sentido em um texto (seja literário ou não).

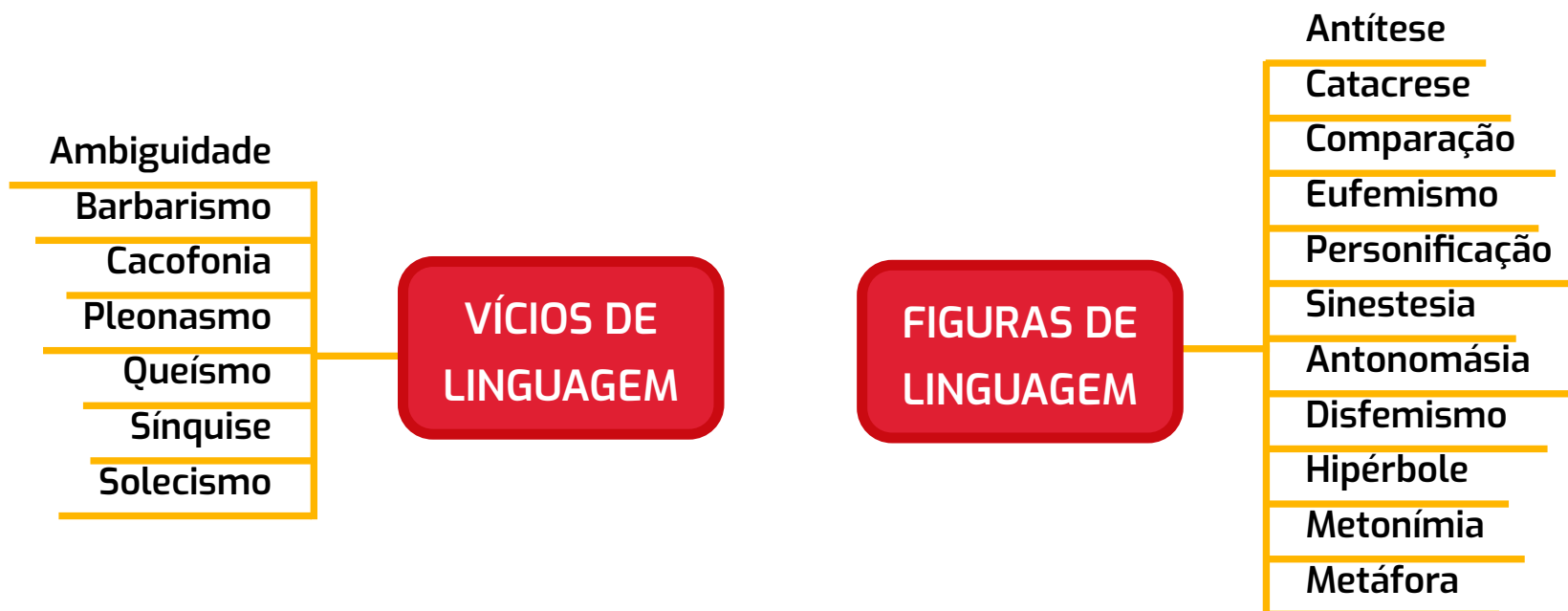
Sobre os **vícios de linguagem**, descobrimos que estão vinculados à norma gramatical, sendo considerados formas “inadequadas” de se utilizar a língua.

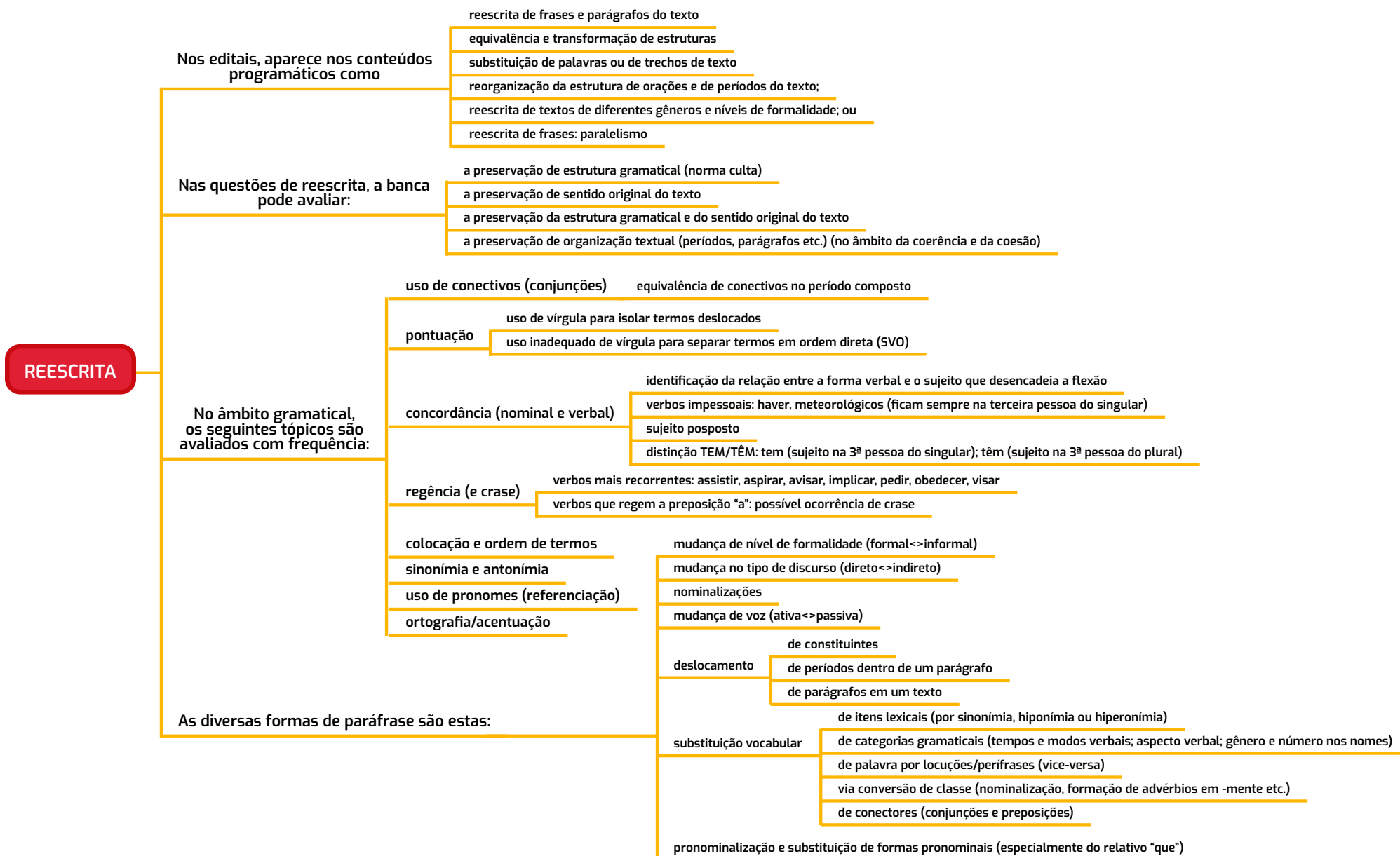
Por fim, percebemos que a noção de **reescrita** também leva em consideração a norma gramatical. Assim, em um texto reescrito (sugerido pela banca), é preciso observar se não há desvios gramaticais/coesivos/estilísticos, como inadequações de regência, concordância e pontuação.

MAPAS MENTAIS









QUESTÕES DE CONCURSO

QUESTÃO 1 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Nas frases a seguir, o processo sublinhado que indica mudança de estado é:

- a) o operário trabalha demais.
- b) os trabalhadores chegaram depois da hora.
- c) as provas foram difíceis.
- d) as pessoas tornam-se preguiçosas.
- e) a bolsa foi deixada sobre a mesa.

QUESTÃO 2 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

O processo de discursivização corresponde a um conjunto de operações que se encarregam de transformar a língua em discurso, ou seja, que fazem a passagem do significado (sentido de língua) para a significação (sentido de discurso). De fato, vocábulos como homem, bondo-so, viajar etc. possuem tão-somente um sentido potencial e só ganham sentido real quando atualizados discursivamente:

“o homem é mortal”

“as criaturas bondosas ganham o reino dos céus”

“os turistas japoneses viajam por todo o mundo”

Como fazer para que o significado ganhe significação? Para isso são necessárias algumas operações: operação de semiotização, que consiste na nomeação dos seres do mundo, reais ou fictícios (entidades), das ações e estados ligados a essas entidades (processos) e das características a elas atribuídas (atributos).

Observe a seguinte frase: Prefiro um cachorro amigo que um amigo cachorro. Nessa frase, o vocábulo “cachorro”:

- a) passa de entidade a atributo.
- b) muda de atributo para entidade.
- c) exerce o papel de atributo nos dois casos.
- d) transforma-se em processo na segunda frase.
- e) exerce o papel de entidade nos dois casos.

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A alternativa abaixo em que ocorre uma premissa seguida de uma conclusão é:

- a) Foi ouvido um barulho na cozinha / a cozinheira já chegou.
- b) O restaurante deve estar cheio de clientes / o estacionamento está lotado.
- c) O Vasco da Gama vai ganhar o jogo / o time do Vasco vai jogar completo.
- d) Os carros novos chegarão ao mercado mais caros / os carros novos estão equipados com tecnologia moderníssima.
- e) Os empresários vão ficar felizes / os empresários passam a receber este mês novos financiamentos.

QUESTÃO 4 (FGV/ANALISTA/MPE-BA/2017)

China

Estou há pouco mais de dois anos morando na China, leitor, e devo dizer que a minha admiração pelos chineses só tem feito crescer. É um país que tem coesão e rumo, como notou o meu colega de coluna neste jornal Cristovam Buarque, que passou recentemente por aqui.

Coesão e rumo. Exatamente o que falta ao nosso querido país. E mais o seguinte: uma noção completamente diferente do tempo. Trata-se de uma civilização milenar, com mentalidade correspondente. Os temas são sempre tratados com uma noção de estratégia e visão de longo prazo. E paciência. A paciência que, como disse Franz Kafka, é uma segunda coragem. Nada de curto praxismo, do imediatismo típico do Ocidente, que têm sido tão destrutivos e desagregadores.

Esse traço do chinês é até muito conhecido no resto do mundo. Há uma famosa observação do primeiro-ministro Chou En-Lai, muito citada, que traduz essa noção singular do tempo. Em certa ocasião, no início dos anos 1970, um jornalista estrangeiro lançou a pergunta: “Qual é afinal, primeiro-ministro, a sua avaliação da Revolução Francesa?” Chou En-Lai respondeu: “É cedo para dizer”.

Recentemente, li aqui na China que essa célebre resposta foi um simples mal-entendido. Com os percalços da interpretação, Chou En-Lai entendeu, na verdade, que a pergunta se referia à revolta estudantil francesa de 1968! Pronto. Criou-se a lenda.

Pena – que tenha sido um mal-entendido. Seja como for, é indubitável que para os chineses o tempo tem outra dimensão. Para uma civilização de quatro mil anos ou mais, uma década tem sabor de 15 minutos.

O Globo, 15/9/2017

Há vários momentos do texto em que se juntam termos de valor substantivo e valor adjetivo; o par abaixo em que **NÃO** ocorre mudança de significado em caso de troca de posição é:

- a) certa ocasião;
- b) jornalista estrangeiro;
- c) revolta estudantil;
- d) simples mal-entendido;
- e) observação famosa.

QUESTÃO 5 (FGV/ASSISTENTE/MPE-BA/2017)

Refeição em família

Rosely Sayão

Os meios de comunicação, devidamente apoiados por informações científicas, dizem que alimentação é uma questão de saúde. Programas de TV ensinam a comer bem para manter o corpo magro e saudável, livros oferecem cardápios de populações com alto índice de longevidade, alimentos ganham adjetivos como “funcionais”. Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos.

Cada vez menos a família se reúne em torno da mesa para compartilhar a refeição e se encontrar, trocar ideias, saber uns dos outros. Será falta de tempo? Talvez as pessoas tenham escolhido outras prioridades: numa pesquisa recente sobre as refeições, 69% dos entrevistados no Brasil relataram o hábito de assistir à TV enquanto se alimentam.

[...]

O horário das refeições é o melhor pretexto para reunir a família porque ocorre com regularidade e de modo informal. E, nessa hora, os pais podem expressar e atualizar seus afetos pelos filhos de modo mais natural. (adaptado)

“Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos”.

A relação vocabular adequada nos itens abaixo é:

- a) cardíacos / coração;
- b) hipertensos / temperatura corpórea;
- c) gestantes / descontrole hormonal;
- d) obesos / sistema respiratório;
- e) idosos / depressão psicológica.

QUESTÃO 6 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Apesar de a pesquisa trazer à tona uma realidade do Reino Unido”.

Nessa frase, a expressão sublinhada equivale a:

- denunciar.
- comentar.
- debater.
- analisar.
- revelar.

QUESTÃO 7 (FGV/AUXILIAR/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Depois de um certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério.”

Nesse segmento do texto, o advérbio “desesperadamente” pode ser substituído por “com desespero”.

Assinale a opção que apresenta a substituição do mesmo tipo que está incorreta.

- a) Reagiu raivosamente = Reagiu com raiva.
- b) Cantou tristemente = Cantou com tristeza.
- c) Agiu solenemente = Agiu sozinho.
- d) Gritava nervosamente = Gritava com nervosismo.
- e) Comia vorazmente = Comia com voracidade.

QUESTÃO 8 (FGV/AUXILIAR/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Diz a lenda que, na Bahia, em meados da década de 60 do século passado, havia um menino que, além de muito levado, era também muito mentiroso, e que, certo dia, após aprontar muito na sala de aula, foi colocado de castigo no porão da escola por sua professora. Depois de um

certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério.”

Nesse segmento do texto, há uma série de palavras cujo significado é fornecido nas opções a seguir. Assinale a opção em que o sentido dado é correto.

- a) década – conjunto de dez anos.
- b) levado – convencia facilmente os outros meninos.
- c) aprontar – preparar.
- d) porão – canto da sala
- e) a sério – sem seriedade.

QUESTÃO 9 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Na organização de um texto, há elementos ana-

fóricos e catafóricos; o enunciado abaixo em que o termo sublinhado tem função catafórica é:

- a) A situação atual é de crise, mas é preciso enfrentá-la com coragem.
- b) Cheguei à conclusão de que isto é o mais importante: não perder o emprego.
- c) Trabalhar sempre: esse é o segredo do sucesso.
- d) Novos assaltos ocorreram, pois a polícia não consegue controlar essas ocorrências.
- e) Encontrei amigos durante a viagem, mas eles não ficaram junto conosco.

QUESTÃO 10 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Assinale a frase em que o pronome sublinhado substitui uma frase e não um termo.

- a) “Aqueles que reprimem o desejo assim o fazem porque seu desejo é fraco o suficiente para ser reprimido.”
- b) “Os homens dizem que a vida é breve, mas seus infortúnios fazem-na parecer longa.”
- c) “A vida tem um grande valor quando a desprezamos.”
- d) “Não há bom raciocínio que pareça tal quando é muito longo.”
- e) “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar.”

QUESTÃO 11 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

“Essa segunda descrição é mais detalhada e demonstra mais observação. Naturalmente, se eu estiver procurando tal pessoa, a partir dessa descrição detalhada, posso encontrá-la com mais facilidade.”

Assinale o termo desse fragmento do texto que **não** estabelece qualquer ligação coesiva com um termo antecedente.

- a) Essa segunda descrição.
- b) tal pessoa.
- c) dessa descrição detalhada.
- d) -la.
- a) mais facilidade.

QUESTÃO 12 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)



Assinale a opção em que o segmento verbal da charge não apresenta problemas de norma-padrão.

- a) Ai Jesus.
- b) Me ajuda.
- c) Ah Sinhô.
- d) há meses.

QUESTÃO 13 (FGV/ASSISTENTE/COMPESA/2018)

“Tu ias dormir e eu velava para que dormisses bem e profundamente. Tua irmã, embora menor, creio que **ela me** embromava: na realidade, ela já devia pressentir que Papai Noel era um mito **que** nós fazíamos força para manter em nós mesmos. Ela não fazia força para **isso**, e desde que a árvore amanhecesse florida de pacotes e **coisas**, tudo dava na mesma. Contigo era diferente. Tu realmente acreditavas em mim e em Papai Noel.”

Entre os termos sublinhados nesse segmento, assinale aquele que não se liga a nenhum termo anterior.

- a) ela.
- b) me.
- c) que.
- d) isso.
- e) coisas.

QUESTÃO 14 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

Tomando resolutamente a sério as narrativas dos “selvagens”, a análise estrutural nos ensina, já há alguns anos, que tais narrativas são precisamente muito sérias e que nelas se articula um sistema de interrogações que elevam o pensamento mítico ao plano do pensamento propriamente dito. Sabendo a partir de agora, graças às Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss, que os mitos não falam para nada dizerem, eles adquirem a nossos olhos um novo prestígio; e, certamente, investi-los assim de tal gravidade não é atribuir-lhes demasiada honra.

Talvez, entretanto, o interesse muito recente que suscitam os mitos corra o risco de nos levar a tomá-los muito “a sério” desta vez e, por assim dizer, a avaliar mal sua dimensão de pensamento. Se, em suma, deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados, veríamos difundir-se uma espécie de mitomania esquecida de um traço todavia comum a muitos mitos, e não exclusivo de sua gravidade: o seu humor.

Não menos sérios para os que narram (os índios, por exemplo) do que para os que os recolhem ou leem, os mitos podem, entretanto, desenvolver uma intensa impressão de cômico; eles desempenham às vezes a função explícita de divertir os ouvintes, de desencadear sua hilaridade. Se estamos preocupados em preservar integralmente a verdade dos mitos, não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes e fazer rir aqueles que o escutam.

A vida cotidiana dos “primitivos”, apesar de sua dureza, não se desenvolve sempre sob o signo do esforço ou da inquietude; também eles sabem propiciar-se verdadeiros momentos de distensão, e seu senso agudo do ridículo os faz várias vezes caçoar de seus próprios temores. Ora, não raro essas culturas confiam a seus mitos a tarefa de distrair os homens, desdramatizando, de certa forma, sua existência.

Essas narrativas, ora burlescas, ora libertinas, mas nem por isso desprovidas de alguma poesia, são bem conhecidas de todos os membros da tribo, jovens e velhos; mas, quando eles têm vontade de rir realmente, pedem a algum velho versado no saber tradicional para contá-las mais uma vez. O efeito nunca se desmente: os sorrisos do início passam a cacarejos mal reprimidos, o riso explode em francas gargalhadas que acabam transformando-se em uivos de alegria.

- 1) deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados (2º parágrafo)
- 2) eles desempenham às vezes a função explícita (3º parágrafo)
- 3) senso agudo do ridículo os faz várias vezes (4º parágrafo)

Os termos sublinhados acima referem-se respectivamente a:

- a) mitos - os que narram - primitivos
- b) pensamento - mitos - primitivos
- c) mitos - mitos - primitivos
- d) mitos - os que narram - momentos de distensão
- e) pensamento - mitos - momentos de distensão

QUESTÃO 15 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

... não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes... (3º parágrafo)

Uma nova redação para a frase acima, em que se mantêm a clareza, o sentido e a correção, está em:

- a) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e, todavia, considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- b) Não só devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas também considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- c) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, a fim de considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- d) Não devemos nem subestimar o alcance real do riso que eles provocam, nem considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...

e) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...

QUESTÃO 16 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Aplicativos para celular e outros avanços tecnológicos têm transformado as formas de ir e vir da população e podem ser grandes aliados na melhoria da mobilidade urbana.

Segundo a União Internacional dos Transportes Públicos (UITP), simulações feitas nas capitais de países da União Europeia mostram que a combinação de transporte público de alta capacidade e o compartilhamento de carros e caronas poderia remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico.

A forma verbal “poderia”, no segundo parágrafo, atribui à expressão “remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico” sentido:

- a) falacioso.
- b) factual.
- c) imperativo.
- d) conclusivo.
- e) conjectural.

QUESTÃO 17 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Carros autônomos com diferentes tecnologias já estão circulando em várias partes do planeta, em ruas de grandes cidades e estradas no campo. Um caminhão autônomo já rodou cerca de 200 km nos Estados Unidos para fazer a entrega de uma grande carga de cerveja. Embora muito recentes, veículos sem motoristas são uma realidade crescente. E, no entanto, os países ainda não discutiram leis para reger seu trânsito.

No início do século 20, quando os primeiros automóveis se popularizaram, as cidades tiveram o desafio de criar uma legislação para eles, pois as vias públicas tinham sido concebidas para pedestres, cavalos e veículos puxados por animais. Cem anos depois, vivemos um momento semelhante diante da iminência de uma “nova revolução industrial”, como define o secretário de Transportes paulistano, Sérgio Avelleda. Ele cita o exemplo das empresas de seguros: “Hoje o risco incide sobre pessoas, donos dos carros e motoristas. No futuro, passará a empresas que produzem o carro, porque os humanos viram passageiros apenas”.

Considere as relações coesivas estabelecidas pelo pronome “seu”, ao final do primeiro parágrafo. No contexto, esse pronome retoma, especificamente:

- a) veículos sem motoristas.
- b) Estados Unidos.
- c) leis.
- d) ruas de grandes cidades e estradas no campo.
- e) países.

QUESTÃO 18 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Cem anos depois, vivemos um momento semelhante diante da iminência de uma “nova revolução industrial”, como define o secretário de Transportes paulistano, Sérgio Avelleda.

O vocábulo “como”, nessa passagem do texto, estabelece a mesma relação de sentido que a verificada em:

- a) Ainda não se sabe como ficarão as leis de trânsito com a popularização dos carros autônomos.
- b) Como dito no texto, os carros autônomos, com diferentes tecnologias, já são uma realidade.
- c) O modo acelerado como os carros sem motorista têm sido produzidos é realmente espantoso.
- d) Os carros autônomos são, para a sociedade atual, como eram os carros no início do século 20.
- e) Como ainda há poucos carros autônomos nas ruas, seu impacto no cotidiano é desconhecido.

QUESTÃO 19 (FCC/ANALISTA/SEGEF-MA/2016)**COP-21 já foi. E agora, o que virá?**

O Acordo do Clima aprovado em Paris em dezembro de 2015 não resolve o problema do aquecimento global, apenas cria um ambiente político mais favorável à tomada de decisão para que os objetivos assinalados formalmente por 196 países sejam alcançados.

Como todo marco regulatório, o acordo estabelece apenas as condições para que algo aconteça, e, nesse caso, não há sequer prazos ou metas. As propostas apresentadas voluntariamente pelos países passam a ser consideradas “metas” que serão reavaliadas a cada 5 anos,

embora a soma dessas propostas não elimine hoje o risco de enfrentarmos os piores cenários climáticos com a iminente elevação média de temperatura acima de 2°C.

Sendo assim, o que precisa ser feito para que o Acordo de Paris faça alguma diferença para a humanidade? A 21ª Conferência do Clima (COP-21) sinaliza um caminho. Para segui-lo, é preciso realizar muito mais - e melhor - do que tem sido feito até agora. A quantidade de moléculas de CO₂ na atmosfera já ultrapassou as 400 ppm (partes por milhão), indicador que confirmaria - segundo o Painel Intergovernamental de Mudança Climática (IPCC) da ONU - a progressão rápida da temperatura acima dos 2°C.

A decisão mais urgente deveria ser a eliminação gradual dos U\$ 700 bilhões anuais em subsídios para os combustíveis fósseis. Sem essa medida, como imaginar que a nossa atual dependência de petróleo, carvão e gás (75% da energia do mundo é suja) se modifique no curto prazo?

Para piorar a situação, apesar dos investimentos crescentes que acontecem mundo afora em fontes limpas e renováveis de energia (solar, eólica, biomassa, etc.), nada sugere, pelo andar da carruagem, que testemunhemos a inflexão da curva de emissões de gases estufa. Segundo a vice-presidente do IPCC, a climatologista brasileira Thelma Krug, a queima de combustíveis fósseis segue em alta e não há indícios de que isso se modifique tão cedo.

Como promover tamanho freio de arrumação em um planeta tão acostumado a emitir gases estufa sem um novo projeto educacional? Desde cedo a garotada precisa entender o gigantesco desafio civilizatório embutido no combate ao aquecimento global.

O Acordo do Clima é certamente um dos maiores e mais importantes da história da diplomacia mundial. Mas não nos iludamos.

Tal como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (adotada pela ONU em 1948), o Acordo sinaliza rumo e perspectiva, aponta o que é o certo, e se apresenta como um compromisso coletivo. Tornar o Acordo realidade exige atitude. Diária e obstinada.

Uma palavra empregada com sentido exclusivamente figurado está sublinhada na seguinte passagem do texto:

- a) a iminente elevação média de temperatura acima de 2°C (2º parágrafo)
- b) A quantidade de moléculas de CO₂ na atmosfera já ultrapassou as 400 ppm (3º parágrafo)
- c) nada sugere, pelo andar da carruagem, que testemunhemos (5º parágrafo)

- d) U\$ 700 bilhões anuais em subsídios para os combustíveis fósseis. (4º parágrafo)
- e) a queima de combustíveis fósseis segue em alta (5º parágrafo)

QUESTÃO 20 (FCC/ANALISTA/SEGEPI-MA/2016) A frase escrita com correção é:

- a) Humberto de Campos, jornalista, crítico, contista, e memorialista nasceu, em Miritiba, hoje Humberto de Campos no Maranhão, em 1886, e faleceu, no Rio de Janeiro em 1934.
- b) O escritor Humberto de Campos, em 1933, publicou o livro que veio à ser considerado, o mais celebre de sua obra: *Memórias*, crônica dos começos de sua vida.
- c) Em 1912, Humberto de Campos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, e entrou para *O Imparcial*, na fase em que ali encontrava-se um grupo de exímios escritores.
- d) De infância pobre e orfão de pai aos seis anos; Humberto de Campos, começou a trabalhar cedo no comércio, como meio de subsistência.
- e) Humberto de Campos publicou seu primeiro livro em 1910, a coletânea de versos intitulada *Poeira*; em 1920, já membro da Academia Brasileira de Letras, foi eleito deputado federal pelo Maranhão.

QUESTÃO 21 (FCC/TÉCNICO/SEGEPI-AM/2016)

A tragédia vinha sendo anunciada: desde o começo do ano, Nabiré parecia cansada. Portadora de um cisto no ovário, carregava seu corpo de 31 anos e 2 toneladas com mais dificuldade. Ainda assim, atravessou aquele 27 de julho em relativa normalidade. Comeu feno, caminhou na areia, rolou na poça de lama para proteger-se do sol. Ao fim da tarde, recolheu-se aos seus aposentos – uma área fechada no zoológico Dvůr Králové, na República Tcheca. Deitou-se, dormiu – e nunca mais acordou. No dia seguinte, o diretor da instituição descreveria a perda como “terrível”, definindo-a como “um símbolo do declínio catastrófico dos rinocerontes devido à ganância humana”.

Nabiré representava 20% dos rinocerontes-brancos-do-norte ainda vivos. A espécie está extinta na natureza. Dos quatro remanescentes, três vivem numa reserva ecológica no Quênia, protegidos por homens armados. O restante – uma fêmea chamada Nola – mora num zoológico nos Estados Unidos. São todos idosos e, até que se prove o contrário, inférteis.

Surgido como um adorno que conferia sucesso reprodutivo ao portador (como a juba, no caso do leão), o chifre acabaria por selar o destino trágico do paquiderme. Passou a ser usado para

tratar diversas doenças na medicina oriental. De nada valeram inúmeros estudos científicos mostrando a inocuidade da substância. O chifre virou artigo valiosíssimo no mercado negro da caça.

Segundo estimativas, no começo do século XX a ordem dos rinocerontes era representada por um plantel de meio milhão de animais. Hoje restam apenas 29 mil, divididos em cinco espécies. A que está em estado mais crítico é a subespécie branca-do-norte.

O rinoceronte-branco-do-norte era endêmico do Congo – país que ainda sofre os efeitos de uma guerra civil iniciada em 1996 que já deixou um saldo de ao menos 5 milhões de pessoas mortas. Diante desse quadro, não houve quem zelasse pelo animal.

Nabiré foi um dos quatro rinocerontes-brancos-do-norte nascidos em cativeiro, no próprio zoológico. Após o nascimento de Fatu, no mesmo zoológico, quinze anos mais tarde, nenhuma outra fêmea de rinoceronte-branco-do-norte conseguiu engravidar. Por isso, em 2009, os quatro rinocerontes-brancos-do-norte que faziam companhia a Nabiré foram levados para um reserva no Quênia. Como nem a inseminação artificial tivesse funcionado, havia a esperança última de que um habitat selvagem pudesse surtir algum efeito. Porém, não houve resultado.

Nabiré não viajou com o grupo por ser portadora de uma doença: nasceu com ovário policístico, o que a tornava infértil. “Foi a rinoceronte mais doce que tivemos no zoológico”, disse o diretor de projetos internacionais do zoológico. “Nasceu e cresceu aqui. Foi como perder um membro da família.”

Há uma esperança remota de que a espécie ainda seja preservada por fertilização in vitro. “Nossa única esperança é a tecnologia”, completou o diretor. “Mas é triste atingir um ponto em que a salvação está em um laboratório. Chegamos tarde. A espécie tinha que ter sido protegida na natureza.”

No contexto, está usado em sentido figurado o elemento que se encontra em destaque em:

- a) Foi a rinoceronte mais **doce** que tivemos no zoológico.
- b)... a ordem dos rinocerontes era representada por um **plantel** de meio milhão de animais.
- c) Surgido como um **adorno** que conferia sucesso reprodutivo ao portador...
- d) São todos **idosos** e, até que se prove o contrário, inférteis.
- e) O restante – uma **fêmea** chamada Nola – mora num zoológico os Estados Unidos.

QUESTÃO 22 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)**Medo da eternidade**

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao saímos de casa para a escola me explicou:

Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

- Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminháamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?

- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala

eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

Considere as seguintes frases do texto:

- 1) Parei um instante na rua, perplexa. (5º parágrafo)
- 2) Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. (7º parágrafo)
- 3) – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver. (9º parágrafo)

As palavras grifadas nessas frases assumem no texto, respectivamente, o sentido de:

- a) atônita – figurava – cerimônia
- b) inerme – transcendia – liturgia
- c) atônita – simbolizava – périplo
- d) desorientada – figurava – imolação
- e) assustada – transcendia – périplo

QUESTÃO 23 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Documentos sobre Shakespeare 'vândalo' são abertos ao público

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro - tábuas por tábuas, prego por prego - e reconstruí-lo em outro lugar.

A história ocorrida em 28 de dezembro de 1598 não é inédita e consta em diversas biografias de Shakespeare. Agora, contudo, chegou o momento de ouvir o outro lado da ação: a justiça. De acordo com a transcrição do processo judicial de 1601, Shakespeare, seus atores e amigos (incluindo Burbage) foram "violentos" em uma ação "desenfreada" que destruiu o The Theatre. O documento diz que o dramaturgo e seus cúmplices estavam armados com punhais, espadas e machados, o que causou "grande distúrbio da paz" e deixou testemunhas "aterrorizadas".

Até então guardado em segurança pelo National Archive, o arquivo do Reino Unido, o documento é uma das peças que serão exibidas ao público no centro cultural londrino Somerset House, a partir de fevereiro de 2016, ano em que se completam quatro séculos da morte do Bardo.

Nesse texto, observa-se que os responsáveis pelo ato de vandalismo são renomeados: "William Shakespeare e seus atores"; "Shakespeare e os homens de sua companhia"; "Shakespeare, seus atores e amigos"; "o dramaturgo e seus cúmplices".

Entende-se que, nesse caso, a progressão textual (KOCK, 1994) se dá por recorrência de:

- a) nominalizações.
- b) paráfrases.
- c) hiperônimos.
- d) marcadores de situação.
- e) marcadores conversacionais.

QUESTÃO 24 (FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018) A expressão destacada em "Leonardo da Vinci se mudou de Florença para Milão a serviço do duque **como** engenheiro, arquiteto, escultor e pintor" tem sentido equivalente ao de:

- a) enquanto.

- b) segundo.
- c) mesmo.
- d) tanto que.
- e) pelo que.

QUESTÃO 25 (FCC/AGENTE/SABESP/2018)**Júlio Verne: previsões do autor que se tornaram realidade**

O escritor francês Júlio Verne é considerado por muitos o pai da ficção científica. Suas obras influenciaram gerações e inspiraram filmes e séries de TV. Há quase cem filmes baseados em mais de 30 livros assinados por ele.

Júlio Verne nasceu na cidade de Nantes em fevereiro de 1828. Sua verdadeira paixão eram as viagens, que na época eram feitas principalmente de navio. Aos 11 anos, ele fugiu de casa para se tornar marinheiro. Na primeira escala, porém, seu pai conseguiu apanhá-lo - e depois quem apanhou foi o pequeno Verne. Reza a lenda que ele teria jurado não voltar a viajar, a não ser em sua imaginação e fantasia.

Um dos fatos que mais chamam a atenção em suas obras são as previsões feitas pelo escritor que se concretizaram séculos depois. Por exemplo, oitenta anos antes dos noticiários televisivos surgirem, Júlio Verne descreveu a alternativa para os jornais: "Em vez de ser impresso, o 'Crônicas da Terra' seria falado, teria assinantes e partiria de conversas interessantes dos repórteres e cientistas que contariam as notícias do dia". Ele também imaginou o "fonotelefo-to", que seria usado pelos repórteres para registrar e transmitir sons e imagens.

Considere a frase do texto:

"Na primeira escala, porém, seu pai conseguiu **apanhá-lo** - e depois quem **apanhou** foi o pequeno Verne."

Os vocábulos "apanhar", na primeira e na segunda ocorrência, são usados, respectivamente, com os sentidos de:

- a) compreender; contrair uma doença.
- b) segurar com força; recolher com as mãos.
- c) levar uma pancada; ser derrotado.
- d) alcançar; levar uma surra.
- e) encontrar; apossar-se de bem alheio.

QUESTÃO 26 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Está aberta a temporada de ipês. Eu definiria essas árvores como sendo o clichê menos enfadonho de Brasília. Sim, porque, como parte do ciclo da natureza, eles brotam e colorem a capital das mesmas cores, no mesmo período, todos os anos. É a repetição mais original trazida pelo início da seca. Ainda que presença certa, os ipês são esperados com igual ansiedade a cada estação. E eles não aparecem sozinhos. Mesmo que soberanos em uma paisagem ressequida, a beleza dessas árvores - que exibem flores em cachos, de cores vistosas - é exaltada pela questionável feiura das plantas mirradas do cerrado.

Os ipês ficam ainda altivos ao lado de árvores que hibernam em forma de seu próprio esqueleto. Seus galhos aparentemente mortos, retorcidos, sem flores, sem folhas, se recolhem para dar espaço à exuberância dos ipês em tons de roxo, rosa, amarelo ou branco. Na paisagem desértica, eles ganham ainda mais destaque, o que me faz pensar que a natureza é mesmo um belo exemplo de equilíbrio. Se brotassem todos juntos, teriam que dividir a majestade. Em apresentação solo, viram reis absolutos, para os quais se dirigem aplausos, flashes, sorrisos e agradecimentos pela beleza da vida. Excesso é veneno para a magia. Sábios, os ipês.

Está redigida com correção, clareza e coesão a seguinte frase:

- a) Em cada região, os ipês ganham um significado especial, como no cerrado, aonde colore uma paisagem ressequida.
- b) Considerada árvore-símbolo do Brasil, as flores do ipê nascem em cachos e não dividem espaço com as folhas.
- c) A fragilidade dos ipês não resiste à passagem do um vento mais forte, após a qual o chão se colore de flores.
- d) A beleza singular dos ipês já chamou à atenção vários poetas, a fim de cantarem, a delicadeza de suas flores.
- e) Os ipês, com um florada que dura tão pouco tempo, que nos leva a refletir acerca do caráter efemero da vida.

QUESTÃO 27 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado,

concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como “grande arte”; hábito de torcer o nariz para “tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público”. Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como “onívoros”: em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a “grande arte” e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

A palavra “unívoro” (3º parágrafo) remete:

- a) ao grupo que se caracteriza por apreciar um tipo específico e uniforme de produtos culturais.
- b) aos apreciadores da cultura que se definem pelo conhecimento erudito e pelo gosto diversificado.
- c) aos indivíduos que nutrem simpatia tanto por produções eruditas quanto por populares.

- d) à elite cujo gosto pela arte se caracteriza pelo ecletismo e pelo respeito à diversidade de expressão.
- e) àqueles com conhecimento insuficiente para reconhecer os diferentes estilos de produção artística.

QUESTÃO 28 (FCC/TÉCNICO/TST/2017) Está redigida com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, em sua modalidade formal, a frase:

- a) A elite cultural de diversos países não a muito tempo, torcia o nariz, para a música popular ou para as produções de TV, atitude que parece ter mudado nos últimos anos.
- b) A pesquisa realizada pelo grupo de John Goldthorpe traçou um novo perfil para a elite cultural, com preferências que a distanciam do estereótipo construído ao longo de séculos.
- c) Uma manifestação artística afim de ter a aprovação dos conhecedores da cultura, deveria ter atributos que a distinguíssem, de tudo quanto fosse classificado como trivial.
- d) Foi o sociólogo, John Goldthorpe, líder da equipe que empenhou-se ao estudo do novo perfil para caracterizar quem é a elite cultural que surgiu recentemente, na atualidade.
- e) Na hierarquia da cultura, acreditavam-se haver distinções qualitativas entre aqueles que frequentavam óperas e os que curtiavam permanecer em casa, assistindo a televisão.

QUESTÃO 29 (FCC/ANALISTA/TRT-4ª/2015)

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignomínia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuances diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixaza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos: desonra/honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz

esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem. É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza segundo a qual a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros. E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela, as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado. Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido. Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim; a vergonha pressupõe um controle interno: quem sente vergonha julga a si próprio. Lembremos o fato notável de que a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com efeito, certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo. Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem “apenas” observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?

Consideradas definições da palavra “vergonha” retiradas do **Dicionário Aurélio**, a alternativa que contém exemplificação correta é:

- a) “sentimento da própria dignidade, brio, honra” (linha 4): “Durante severa discussão, o mais sincero dos amigos indagou-lhe se não tinha ética e vergonha na cara.”
- b) “sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem” (linhas 2 e 3): “Se tiverem vergonha, honrarão a confiança neles depositada e trabalharão com mais lisura.”
- c) “desonra humilhante; opróbrio, ignomínia” (linha 2): “Artista talentoso, o jovem pianista contornou a explícita vergonha apresentando vários números antes de dirigir a palavra à audiência”.

- d) “sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acahamento” (linhas 3 e 4): “Todos ficaram constrangidos com o comportamento indecoroso do magistrado; foi de fato uma vergonha.”
- e) “desonra humilhante; opróbrio, ignomínia” (linha 2): “Um profundo sentimento de vergonha o impedia de aceitar elogios sem negar ou diminuir o que nele viam de bom.”

QUESTÃO 30 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019)

As rápidas e crescentes mudanças no setor da comunicação puseram em xeque os antigos modelos de negócios. As novas rotinas criadas a partir das plataformas digitais produziram um complexo cenário de incertezas. Vivemos um grande desafio.

É preciso refletir sobre a mudança de paradigmas, uma vez que a criatividade e a capacidade de inovação - rápida e de baixo custo - serão fundamentais para a sobrevivência das organizações tradicionais e para o sucesso financeiro das nativas digitais. Mas é preciso, também, que façamos uma autocrítica sobre o modo como vemos o mundo e a maneira como dialogamos com ele.

Antes da era digital, em quase todas as famílias existia um álbum de fotos. Lembram disso? Lá estavam as nossas lembranças, os nossos registros afetivos. Muitas vezes abríamos o álbum e a imaginação voava.

Agora fotografamos tudo compulsivamente. Nosso antigo álbum foi substituído pelas galerias de fotos digitais de nossos dispositivos móveis. Temos excesso de fotos, mas falta o mais importante: a memória afetiva, a curtição daqueles momentos. Pensamos que o registro do momento reforça sua lembrança, mas não é assim. Milhares de fotos são incapazes de superar a vivência de um instante. É importante guardar imagens. Porém, é mais importante viver cada momento com intensidade. As relações afetivas estão sucumbindo à coletiva solidão digital.

Algo análogo se dá com o consumo da informação. Navegamos freneticamente no espaço virtual. A fragmentação dos conteúdos pode transmitir certa sensação de liberdade, já que não dependemos, aparentemente, de ninguém. Somos os editores do nosso diário personalizado. Será? Não creio, sinceramente. Uma enxurrada de estímulos dispersa a inteligência. Ficamos reféns da superficialidade. Perdemos contexto e sensibilidade crítica.

É importante guardar imagens. Porém, é mais importante viver cada momento com intensidade. (4º parágrafo)

Sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, as relações de sentido e a correção do segmento acima estarão preservadas caso se substitua o elemento sublinhado por:

- a) Conquanto
- b) Embora
- c) Porquanto
- d) Conforme
- e) Todavia

QUESTÃO 31 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019) Está correta a redação do segmento adaptado do texto que se encontra em:

- a) Foi apenas nos últimos 300 anos, que surgiu as normas, e eventualmente os direitos, de privacidade.
- b) No futuro, conforme previsões, a vigilância ativa será uma parte rotineira das transações, a qual será quase impraticável escapar.
- c) As experiências com a mídia social, já se deixou claro que agimos de modo diferente quando estamos sendo observados.
- d) A conexão histórica entre a privacidade e a riqueza ajuda a explicar os motivos pelos quais a privacidade está ameaçada hoje.
- e) A difusão da privacidade em escala maciça, cuja as realizações mais impressionantes da civilização moderna, dependeu da criação da classe média.

QUESTÃO 32 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019)

Por boa parte da história humana, a privacidade estava pouco presente na vida da maioria das pessoas. Não existiam expectativas de que uma porção significativa da vida transcorresse distante dos olhares alheios.

A difusão da privacidade em escala maciça, com certeza uma das realizações mais impressionantes da civilização moderna, dependeu de outra realização, ainda mais impressionante: a criação da classe média. Só nos últimos 300 anos, quando a maior parte das pessoas obtiveram os meios financeiros para controlar o ambiente físico, as normas, e eventualmente os direitos, de privacidade vieram a surgir.

A conexão histórica entre a privacidade e a riqueza ajuda a explicar por que a privacidade está sob ataque hoje. A situação nos faz recordar que ela não é um traço básico da existência humana, mas sim um produto de determinado arranjo econômico - e portanto um estado de coisas transitório.

Hoje as forças da criação de riqueza já não favorecem a expansão da privacidade, mas trabalham para solapá-la. Testemunhamos a ascensão daquilo que a socióloga Shoshanna Zuboff define como “capitalismo de vigilância” - a transformação de nossos dados pessoais em mercadoria por gigantes da tecnologia. Encaramos um futuro no qual a vigilância ativa é uma parte tão rotineira das transações que se tornou praticamente inescapável.

Como nossas experiências com a mídia social têm deixado claro, agimos diferente quando sabemos estar sendo observados. A privacidade é a liberdade de agir sem ser observado, e assim, em certo sentido, de sermos quem realmente somos - não o que desejamos que os outros pensem que somos. A maioria deseja maior proteção à sua privacidade. Porém, isso requererá a criação de diversas leis.

- 1) Hoje as forças da criação de riqueza já não favorecem a expansão da privacidade, mas trabalham para solapá-la. (4º parágrafo)
- 2) Encaramos um futuro no qual a vigilância ativa é uma parte tão rotineira das transações... (4º parágrafo)
- 3) A situação nos faz recordar que ela não é um traço básico da existência humana... (3º parágrafo)

No contexto, os elementos sublinhados acima referem-se, respectivamente, a:

- a) riqueza - vigilância - existência humana.
- b) privacidade - futuro - privacidade.
- c) privacidade - futuro - existência humana.
- d) riqueza - futuro - privacidade.
- e) privacidade - vigilância - privacidade.

QUESTÃO 33 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

Tomando resolutamente a sério as narrativas dos “selvagens”, a análise estrutural nos ensina, já há alguns anos, que tais narrativas são precisamente muito sérias e que nelas se articula um

sistema de interrogações que elevam o pensamento mítico ao plano do pensamento propriamente dito. Sabendo a partir de agora, graças às Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss, que os mitos não falam para nada dizerem, eles adquirem a nossos olhos um novo prestígio; e, certamente, investi-los assim de tal gravidade não é atribuir-lhes demasiada honra.

Talvez, entretanto, o interesse muito recente que suscitam os mitos corra o risco de nos levar a tomá-los muito “a sério” desta vez e, por assim dizer, a avaliar mal sua dimensão de pensamento. Se, em suma, deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados, veríamos difundir-se uma espécie de mitomania esquecida de um traço todavia comum a muitos mitos, e não exclusivo de sua gravidade: o seu humor.

Não menos sérios para os que narram (os índios, por exemplo) do que para os que os recolhem ou leem, os mitos podem, entretanto, desenvolver uma intensa impressão de cômico; eles desempenham às vezes a função explícita de divertir os ouvintes, de desencadear sua hilaridade. Se estamos preocupados em preservar integralmente a verdade dos mitos, não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes e fazer rir aqueles que o escutam.

A vida cotidiana dos “primitivos”, apesar de sua dureza, não se desenvolve sempre sob o signo do esforço ou da inquietude; também eles sabem propiciar-se verdadeiros momentos de distensão, e seu senso agudo do ridículo os faz várias vezes caçoar de seus próprios temores. Ora, não raro essas culturas confiam a seus mitos a tarefa de distrair os homens, desdramatizando, de certa forma, sua existência.

Essas narrativas, ora burlescas, ora libertinas, mas nem por isso desprovidas de alguma poesia, são bem conhecidas de todos os membros da tribo, jovens e velhos; mas, quando eles têm vontade de rir realmente, pedem a algum velho versado no saber tradicional para contá-las mais uma vez. O efeito nunca se desmente: os sorrisos do início passam a cacarejos mal reprimidos, o riso explode em francas gargalhadas que acabam transformando-se em uivos de alegria.

Considerando o contexto, está correto o que se afirma em:

- a) “caçoar” (4º parágrafo) está empregado em sentido metafórico.
- b) “primitivos” (4º parágrafo) e “selvagens” (1º parágrafo) são sinônimos.
- c) “mitos” e “pensamento” (2º parágrafo) são antônimos.

- d) “selvagens” (1º parágrafo) é hiperônimo de “homens”.
- e) “primitivos” (4º parágrafo) está empregado de forma irônica.

QUESTÃO 34 (IDECAN/AGENTE/UERN/2016)



Em “A gente não deve matá-las porque elas trabalham para nós”, o termo em destaque é empregado com a mesma denotação vista em:

- a) Tal empreendimento é imprescindível para os mais necessitados.
- b) A irresponsabilidade para quem assim age é uma prática corriqueira.
- c) O homem de bom caráter, para se fazer notar, não precisa de muitas palavras.
- d) Disse que iria para um lugar diferente, distante de todos os problemas que o atordoavam.

QUESTÃO 35 (IDECAN/ANALISTA/PRODEB/2015)

De Gutenberg a Zuckerberg

Após cinco anos e meio dedicados apenas a funções executivas, volto a ter um espaço para troca de ideias e informações. Desta vez, sobre o mercado digital com suas histórias de bastidores, dados infundáveis, surpresas, o dia a dia de *start ups* aqui e lá no Vale (sim, o do Silício) e entrevistas com quem sacode este mercado ou é sacudido por ele.

O título do blog (seria *blog*, *vlog*, *site*, plataforma digital?) vem de *From Gutenberg to Zuckerberg: Leveraging Technology to Get Your Message Heard*, palestra de Michael Eisner que passa bem além do trocadilho engraçadinho.

O fato é que não são poucas as vezes em que ouço que nós, os caras de internet, os bichos de tecnologia criamos todos os problemas que a humanidade não tinha antes de inventarmos os nossos *gadgets*, *softwares*, redes e o que mais pudesse ser desenvolvido em nossas garagens (imaginárias, Wozniak?).

Errado. Explico.

Não criamos nada. Desculpe, amigos, mas é a verdade. Ferramentamos, apenas. Como *Gutenberg* o fez pelos idos de 1450. No *big deal*. Repetimos a história. Se o poder saía das mãos de dedos manchados dos monges copistas e passava a um tipo que podia multiplicar exponencialmente os caracteres que formavam a informação, com *Zuck* e seus contemporâneos deu-se o mesmo. O jornalista, até então dono absoluto do palco italiano, da bola e do campo, teve que deitar a régua. O que era vertical, *top down*, passou a ser horizontal, em uma distribuição de informações via iguais.

Nenhuma novidade aqui. O que as redes sociais fizeram foi repetir o fenômeno evolutivo. Is revolução digital the new revolução industrial? É provável sob muitos aspectos, mas uma revolução somente se conhece a posteriori, contentemo-nos em evoluir por ora. Não é pouco.

E sobre criarmos plataformas-problema, qual foi a primeira rede social que você conheceu? A fofoqueira de sua rua. Ficava na janela, ouvia no máximo 140 caracteres de qualquer conversa, tempo necessário para que o transeunte desavisado percorresse o espaço da fachada da casa da moça. Retuitava ao marido, à filha, compartilhava. De vez em quando, curtia. E quando ia ao salão de beleza, viralizava.

Não, esta criação não nos pertence. Ferramentamos, ajudamos e até atrapalhamos, ok. Mas como sempre fizeram estes seres humanos, gregários, que insistem em viver em uma sociedade em rede.

Mas agora resolveram chamar de rede social.

<http://gutzuck.com/de-gutenberg-azuckerberg-20150105/>

De acordo com os conceitos linguísticos de conotação e denotação, analise os trechos em destaque a seguir e assinale qual deles DIFERE dos demais.

- a) “O jornalista, até então dono absoluto do palco italiano, da bola e do campo, teve que deitar a régua.” (4º§)
- b) “[...] e lá no Vale (sim, o do Silício) e entrevistas com quem sacode este mercado ou é sacudido por ele.” (1º§)
- c) “É provável sob muitos aspectos, mas uma revolução somente se conhece a posteriori, contentemo-nos em evoluir por ora.” (5º§)

d) “O fato é que não são poucas as vezes em que ouço que nós, os caras de internet, os bichos de tecnologia criamos todos os problemas que a humanidade não tinha [...]” (3º§)

QUESTÃO 36 (IDECAN/ADVOGADO/PREFEITURA DE PORCIÚNCULA/2011)

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. Seu componente de irracionalidade é irrelevante para quem se sente mal. O escritório de estatísticas da Inglaterra divulgou recentemente uma pesquisa que é ao mesmo tempo um diagnóstico. Cerca de um sexto dos ingleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano. Isso provoca tal desconforto que muitos apresentam desordens neuróticas.

O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer. O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis, imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim. (...)

O excesso de informação não escolhe idade nem sexo.

A paulista Renata Gukovas, de 13 anos, sabe exatamente o que é isso. Ela vai à escola, estuda japonês e inglês, joga basquete e handebol e participa de competições de matemática. “O que me falta na vida? Tempo. Queria que o dia tivesse trinta horas.” (...)

O americano Richard Saul Wurman, autor dos livros *Ansiedade de Informação* e *Ansiedade de Informação 2*, este último lançado no final do ano passado nos Estados Unidos e ainda não publicado no Brasil, sugere que as pessoas encarem o mundo como um grande depósito de material de construção. E o que fazer com a matéria-prima? Ora, diz ele, seja um arquiteto de sua própria catedral de conhecimento. A arma para isso é a “ignorância programada”, ou seja, a escolha criteriosa do que se quer absorver (...). O resto deve ser deixado de lado, como o compositor que intercala pausas de silêncio entre as notas para que a música faça sentido aos ouvidos. “A ansiedade de informação é o buraco negro que existe entre os dados disponíveis e

o conhecimento. É preciso escapar dela”, observa Wurman. Ou, ao menos, não deixar que ela assuma proporções dolorosas para quem precisa ultrapassá-la no dia-a-dia.

Cristiana Baptista. A dor de nunca saber o bastante. Veja: Comportamento, 5 de setembro de 2001 / com adaptações

No texto, algumas ideias são expostas através de uma linguagem conotativa. Dentre os trechos a seguir apenas um deles NÃO demonstra o uso do recurso metafórico. Assinale-o.

- a) “... encarem o mundo como um grande depósito de material de construção.”
- b) “... seja um arquiteto de sua própria catedral de conhecimento.”
- c) “... ou seja, a escolha criteriosa do que se quer absorver.”
- d) “... como o compositor que intercala pausas de silêncio entre as notas...”
- e) “A ansiedade de informação é o buraco negro que existe...”

QUESTÃO 37 (IDECAN/ADVOGADO/UFAL/2014)

Fumo em lugares fechados será vetado no Brasil

Ministério da Saúde regulamenta regras da Lei Antifumo; fumódromo está proibido.

O Ministério da Saúde anunciou ontem, em função das comemorações do “Dia Mundial sem Tabaco”, as regras do decreto que vai regulamentar a Lei Antifumo, aprovada em 2011. As novas normas preveem a proibição do fumo em locais fechados e de uso coletivo em todo o país, extinguindo, inclusive, os fumódromos. Além disso, veta toda e qualquer propaganda comercial, até mesmo nos pontos de venda. Nesses locais, só será possível a exposição dos produtos acompanhada por mensagens sobre perigos do fumo. O decreto da presidente Dilma Rousseff deverá ser publicado amanhã no Diário Oficial e entrará em vigor 180 dias depois.

O consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos ligados ao fumo está proibido em locais de uso coletivo públicos e privados. Isso inclui *hall* e corredores de condomínios, restaurantes, clubes e até pontos de ônibus, não importa se o ambiente é apenas parcialmente fechado por uma parede, divisória, teto ou toldo. Em bares e restaurantes, o fumo só será permitido caso haja ambientes totalmente livres, como mesas na calçada. O consumo continuará livre em vias públicas, residências e áreas ao ar livre. As embalagens deverão ter, em 100% da face posterior e em uma de suas laterais, avisos sobre os danos provocados pelo tabaco. Em 2016, o mesmo deverá ser feito também em 30% da face frontal dos maços.

O Ministério da Saúde informou que os fumantes não serão alvo de fiscalização. Isso recairá sobre os estabelecimentos comerciais. Caso não cumpram a lei, eles podem ser advertidos, multados, interditados ou até ter a autorização para funcionamento cancelada. As multas vão de R\$ 2 mil a R\$ 1,5 milhão. A fiscalização ficará a cargo dos órgãos de vigilância sanitária de estados e municípios. Os responsáveis pelos estabelecimentos poderão, inclusive, chamar a polícia quando o cliente se recusar a apagar o cigarro.

Até hoje, não havia definição sobre o conceito de local coletivo fechado, onde o fumo é proibido. Além disso, atualmente ainda são permitidas a existência de fumódromos e a propaganda nos pontos de venda. A regulamentação iguala as normas para todo o Brasil, e extingue as variações no caso dos estados que possuem suas próprias legislações.

No Rio, por exemplo, já existe uma lei rigorosa em vigor desde 2009, muito semelhante à estabelecida pelo governo federal. Há algumas diferenças, como os valores de multas, por exemplo. No estado, elas variam de R\$ 3.933 a R\$ 38 mil.

– A Lei Antifumo é um grande avanço. O decreto é fundamental para que possamos continuar enfrentando o tabaco como problema de saúde pública – disse o ministro da Saúde, Arthur Chioro, acrescentando que o propósito não é criminalizar o fumante nem tornar sua vida um inferno. – O tabaco faz mal. Mas é uma droga legal e as pessoas têm direito de usar.

O Globo, 01 de junho de 2014.

Apesar do texto apresentado possuir predominantemente uma linguagem denotativa, é possível identificar conotação em:

- a) “Isso recairá sobre os estabelecimentos comerciais.” (3º§)
- b) “[...] não é criminalizar o fumante nem tornar sua vida um inferno.” (5º§)
- c) “O decreto da presidente Dilma Rousseff deverá ser publicado amanhã [...]” (1º§)
- d) “[...] a proibição do fumo em locais fechados e de uso coletivo em todo o país, [...]” (1º§)
- e) “O consumo de cigarros, cigarilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos ligados ao fumo está proibido [...]” (2º§)

QUESTÃO 38 (IDECAN/ANALISTA/CNEN/2014)

Visão comunicativa

Até pouco tempo atrás, a qualificação de empresários, *headhunters*, executivos e CEOs e dos mais variados profissionais se fundava no domínio de outro idioma - o inglês em particular. Num mundo globalizado, saber outra língua é signo e condição competitiva.

Décadas recentes demonstraram, no entanto, que já é digna de atenção a maneira como nossos recursos humanos buscam reciclar o próprio português. Aumenta a necessidade de usar o idioma de forma refinada, como ferramenta nos negócios, ou pelo menos de modo a não pôr a perder um negócio.

O mercado brasileiro avança em seus próprios terrenos, não só os globalizados. Vivemos hoje num país em que mais de 800 milhões de mensagens eletrônicas diárias são trocadas, muitas das quais enviadas para tratar de questões empresariais. Há mais relatórios, encontros entre empresários, almoços de negócios, apresentações em reuniões de trabalho. Cresce o número de situações em que as pessoas ficam mais expostas por meio da escrita e da retórica oral, expondo a fragilidade de uma má formação em seu próprio idioma. Não por acaso, cresce também a procura por aulas de língua portuguesa, destinadas a executivos, gerentes e os mais diversos tipos de profissionais.

A velocidade da mensagem eletrônica não perdoa desatenção. Texto de correio eletrônico, de redes sociais com fins corporativos e de *intranets* deve ser simples, mas exige releitura e cuidado para acertar o tom da mensagem. Se por um lado a popularização da tecnologia nos ambientes de trabalho fez com que as pessoas passassem a ter contato diário com a língua escrita, por outro a enorme quantidade de mensagens trocadas nem sempre deixa claro onde está o valor da informação realmente importante. As mensagens eletrônicas do mundo empresarial dão ainda muita margem a mal-entendidos, com textos truncados, obscuros ou em desacordo com normas triviais da língua e da comunicação corporativa.

Quem se comunica bem no mundo profissional não é quem repete modelinhos e regras, ideias e frases feitas aprendidas em cursos *prêt-à-porter* de comunicação empresarial. Saber interagir num ambiente minado como o das organizações ajuda a carreira, mas para ter real efeito significa dar voz ao outro, falar não para ouvir o que já sabia, mas descobrir o que não se percebia por pura falta de diálogo.

Luiz Costa Pereira Junior. *Língua Portuguesa*. Ed. Segmento. Janeiro de 2014.

Ao referir-se ao ambiente das organizações, o autor caracteriza como um “ambiente minado” demonstrando o uso de uma linguagem:

- a) denotativa, própria da linguagem jornalística.
- b) denotativa, em que há uma comparação explícita.
- c) conotativa, em que a objetividade da informação é assegurada.
- d) conotativa, em que há um exagero proposital em tal qualificação.
- e) conotativa, em que a palavra está sendo empregada fora do sentido usual.

QUESTÃO 39 (IDECAN/PREFEITURA DUQUE DE CAXIAS/PSICÓLOGO/2014)**Como o antibiótico mudou o mundo**

Em 24 horas, uma bactéria se reproduz 16 milhões de vezes. É um ritmo diabólico. Não à toa, os micróbios por trás das quatro grandes epidemias (peste negra, cólera, tuberculose e tifo) mataram mais de 1 bilhão de humanos. Elas estavam ganhando de goleada até que, num dia de 1928, o biólogo escocês *Alexander Fleming* se esqueceu de limpar o laboratório. Quando voltou, notou um fungo crescendo numa placa – e matando as bactérias que ele usava em experiências. E o que era desleixo virou a descoberta do século: esse fungo, do gênero *penicillium*, foi o primeiro antibiótico até para os bichos (nos EUA, 80% dele é ingerido por gado, aves e porcos de corte). Mas a lua-de-mel pode estar perto do fim. As bactérias estão criando resistência aos antibióticos, e a indústria farmacêutica não consegue criar novos – o ritmo de invenções caiu 70% nos últimos 20 anos. A esperança são os “antibióticos virais”, que já estão em testes – e são feitos de vírus que matam bactérias.

Superinteressante, abril de 2014.

De acordo com o contexto, as palavras e/ou expressões podem assumir sentidos diversos. Considerando tal aspecto, indique o trecho em destaque em que o sentido conotativo pode ser observado.

- a) “Elas estavam ganhando de goleada [...]”
- b) “[...] foi o primeiro antibiótico até para os bichos [...]”
- c) “[...] o ritmo de invenções caiu 70% nos últimos 20 anos.”
- d) “Quando voltou, notou um fungo crescendo numa placa [...]”
- e) “Em 24 horas, uma bactéria se reproduz 16 milhões de vezes.”

QUESTÃO 40 (IDECAN/CÂMARA DE PANCAS-ES/AUDITOR/2014) Considerando que a escolha adequada do léxico é um dos elementos necessários à construção da coerência textual,

indique o vocábulo indicado que poderia substituir o termo em destaque preservando-se tal coerência.

- a) “[...] parece uma ação descabida.” – conveniente
- b) “[...] ao mesmo tempo suprimir o tédio?” – delimitar
- c) “[...] desequilíbrio oriundo do capitalismo?” – egrégio
- d) “E parece estar instaurado no inconsciente [...]” – oscilante
- e) “[...] a cidade grande está perdendo os atrativos da vida urbana [...]” – estímulos

QUESTÃO 41 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/TRT-1ª REGIÃO/2018)**“Eu era piloto...”**

Quando ainda estava no sétimo ano, um avião chegou à nossa cidade. Isso naqueles anos, imagine, em 1936. Na época, era uma coisa rara. E então veio um chamado: ‘Meninas e meninos, entrem no avião!’. Eu, como era *komsomolka**, estava nas primeiras filas, claro. Na mesma hora me inscrevi no aeroclube. Só que meu pai era categoricamente contra. Até então, todos em nossa família eram metalúrgicos, várias gerações de metalúrgicos e operadores de altos-fornos. E meu pai achava que metalurgia era um trabalho de mulher, mas piloto não. O chefe do aeroclube ficou sabendo disso e me autorizou a dar uma volta de avião com meu pai. Fiz isso. Eu e meu pai decolamos, e, desde aquele dia, ele parou de falar nisso. Gostou. Terminei o aeroclube com as melhores notas, saltava bem de paraquedas. Antes da guerra, ainda tive tempo de me casar e ter uma filha.

Desde os primeiros dias da guerra, começaram a reestruturar nosso aeroclube: os homens foram enviados para combater; no lugar deles, ficamos nós, as mulheres. Ensinávamos os alunos. Havia muito trabalho, da manhã à noite. Meu marido foi um dos primeiros a ir para o *front*. Só me restou uma fotografia: eu e ele de pé ao lado de um avião, com capacete de aviador... Agora vivia junto com minha filha, passamos quase o tempo todo em acampamentos. E como vivíamos? Eu a trancava, deixava mingau para ela, e, às quatro da manhã, já estávamos voando. Voltava de tarde, e se ela comia eu não sei, mas estava sempre coberta daquele mingau. Já nem chorava, só olhava para mim. Os olhos dela são grandes como os do meu marido...

No fim de 1941, me mandaram uma notificação de óbito: meu marido tinha morrido perto de Moscou. Era comandante de voo. Eu amava minha filha, mas a mandei para ficar com os parentes dele. E comecei a pedir para ir para o *front*...

Na última noite... Passei a noite inteira de joelhos ao lado do berço...”

Antonina Grigórievna Bondareva, tenente da guarda, piloto.

** komsomolka: a jovem que fazia parte do Komsomol, Juventude do Partido Comunista da União Soviética.*
ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Quanto às expressões de circunstâncias de tempo no texto, assinale a alternativa correta.

- a) Em “Quando ainda estava no sétimo ano, um avião chegou à nossa cidade.”, a oração em destaque indica que o avião chegou à cidade da narradora quando ela tinha 7 anos de idade.
- b) Em “Até então, todos em nossa família eram metalúrgicos [...]”, a expressão em destaque indica o momento em que os membros da família da narradora começaram a exercer a profissão de metalúrgicos.
- c) Em “No fim de 1941, me mandaram uma notificação de óbito [...]”, a palavra em destaque poderia ser substituída por “termo”, sem prejuízo sintático ou semântico.
- d) Em “Voltava de tarde, e se ela comia eu não sei [...]”, a preposição em destaque poderia ser omitida, sem causar prejuízo sintático ou semântico.
- e) Em “Havia muito trabalho, da manhã à noite.”, a expressão em destaque poderia ser substituída por “de manhã e à noite”, sem causar prejuízo sintático ou semântico.

QUESTÃO 42 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/EBSERH/2017)

A beleza e a arte não constituem nenhuma garantia moral

Contardo Calligaris

Gostei muito de “Francofonia”, de Aleksandr Sokurov. Um jeito de resumir o filme é este: nossa civilização é um navio cargueiro avançando num mar hostil, levando contêineres repletos dos objetos expostos nos grandes museus do mundo. Será que o esplendor do passado facilita nossa navegação pela tempestade de cada dia? Será que, carregados de tantas coisas que nos parecem belas, seremos capazes de produzir menos feiura? Ou, ao contrário, os restos do passado tornam nosso navio menos estável, de forma que se precisará jogar algo ao mar para evitar o naufrágio?

Essa discussão já aconteceu. Na França de 1792, em plena Revolução, a Assembleia emitiu um decreto pelo qual não era admissível expor o povo francês à visão de “monumentos elevados ao orgulho, ao preconceito e à tirania” – melhor seria destruí-los. Nascia assim o dito vandalismo revolucionário – que continua.

Os guardas vermelhos da Revolução Cultural devastaram os monumentos históricos da China.

O Talibã destruiu os Budas de Bamiyan (séculos 4 e 5). Em Palmira, Síria, o Estado Islâmico destruiu os restos do templo de Bel (de quase 2.000 anos atrás). A ideia é a seguinte: se preservarmos os monumentos das antigas ideias, nunca teremos a força de nos inventarmos de maneira radicalmente livre.

Na mesma Assembleia francesa de 1792, também surgiu a ideia de que não era preciso destruir as obras, elas podiam ser conservadas como patrimônio “artístico” ou “cultural” – ou seja, esquecendo sua significação religiosa, política e ideológica.

Sentado no escuro do cinema, penso que nós não somos o navio, somos os contêineres que ele carrega: um emaranhado de esperanças, saberes, intuições, dúvidas, lamentos, heranças, obrigações e gostos. Tudo dito belamente: talvez o belo artístico surja quando alguém consegue sintetizar a nossa complexidade num enigma, como o sorriso de “Mona Lisa”.

Os vândalos dirão que a arte não tem o poder de redimir ou apagar a ignomínia moral. Eles têm razão: a estátua de um deus sanguinário pode ser bela sem ser verdadeira nem boa. Será que é possível apreciá-la sem riscos morais?

Não sei bem o que é o belo e o que é arte. Mas, certamente, nenhum dos dois garante nada.

Por exemplo, gosto muito de um quadro de Arnold Böcklin, “A Ilha dos Mortos”, obra imensamente popular entre o século 19 e 20, que me evoca o cemitério de Veneza, que é, justamente, uma ilha, San Michele. Agora, Hitler tinha, em sua coleção particular, a terceira versão de “A Ilha dos Mortos”, a melhor entre as cinco que Böcklin pintou. Essa proximidade com Hitler só não me atormenta porque “A Ilha dos Mortos” era também um dos quadros preferidos de Freud (que chegou a sonhar com ele).

Outro exemplo: Hitler pintava, sobretudo aquarelas, que retratam edifícios austeros e solitários, e que não são ruins; talvez comprasse uma, se me fosse oferecida por um jovem artista pelas ruas de Viena. Para mim, as aquarelas de Hitler são melhores do que as de Churchill. Pela pior razão: há, nelas, uma espécie de pressentimento trágico de que o mundo se dirigia para um banho de sangue.

É uma pena a arte não ser um critério moral. Seria fácil se as pessoas que desprezamos tivessem gostos estéticos opostos aos nossos. Mas, nada feito.

Os nazistas queimavam a “arte degenerada”, mas só da boca para fora. Na privacidade de suas casas, eles penduraram milhares de obras “degeneradas” que tinham pretensamente destruído. Em Auschwitz, nas festinhas clandestinas só para SS, os nazistas pediam que a banda dos presos tocasse suíngue e jazz – oficialmente proibidos.

Para Sokurov, o museu dos museus é o Louvre. Para mim, sempre foi a Accademia, em Veneza. A cada vez que volto para lá, desde a infância, medito na frente de três quadros, um dos quais é “A Tempestade”, do Giorgione. Com o tempo, o maior enigma do quadro se tornou, para mim, a paisagem de fundo, deserta e inquietante. Pintado em 1508, “A Tempestade” inaugura dois séculos que produziram mais beleza do que qualquer outro período de nossa história. Mas aquele fundo, mais tétrico que uma aquarela de Hitler, lembra-me que os dois séculos da beleza também foram um triunfo de guerra, peste e morte – Europa afora.

É isto mesmo: infelizmente, a arte não salva.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2016/08/1806530-a-beleza-e-a-arte-nao-constituem-nenhuma-garantia-moral.shtml>

A expressão “Essa proximidade com Hitler [...]” e o advérbio destacado no trecho “A cada vez que volto para lá [...]” referem-se, respectivamente:

- a) ao fato de o autor do texto compartilhar o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, com Hitler e à Accademia em Veneza.
- b) ao fato de o autor do texto gostar das aquarelas que foram pintadas por Hitler, uma vez que elas evocam um sentimento trágico, e ao Museu do Louvre.
- c) ao fato de Hitler e Freud compartilharem o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, uma vez que o primeiro tinha em sua coleção particular uma versão do quadro e o segundo chegou a sonhar com ele e à Academia em Veneza.
- d) ao fato de o autor do texto, assim como Freud, também sonhar com a obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, cuja a melhor versão pertenceu a Hitler e ao Museu do Louvre.
- e) ao fato de o autor do texto, além compartilhar o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, com Hitler, ter comprado uma aquarela do líder nazista oferecida por um jovem artista em Viena e à Accademia em Veneza.

QUESTÃO 43 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)

A lista de desejos

Rosely Sayao

Acabou a graça de dar presentes em situações de comemoração e celebração, não é? Hoje, temos listas para quase todas as ocasiões: casamento, chá de cozinha e seus similares – e há similares espantosos, como chá de lingerie –, nascimento de filho e chá de bebê, e agora até para aniversário.

Presente para os filhos? Tudo eles já pediram e apenas mudam, de vez em quando ou frequentemente, a ordem das suas prioridades. Quem tem filho tem sempre à sua disposição uma lista de pedidos de presentes feita por ele, que pode crescer diariamente, e que tanto pode ser informal quanto formal.

A filha de uma amiga, por exemplo, tem uma lista na bolsa escrita à mão pelo filho, que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias. Ah! E ela funciona tanto como lista de pedidos como também de “checklist” porque, dessa maneira, o garoto controla o que já recebeu e o que ainda está por vir. Sim: essas listas são quase uma garantia de conseguir ter o pedido atendido.

Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo. Sabe aquele esforço de pensar na pessoa que vai receber o presente e de imaginar o que ela gostaria de ganhar, o que tem relação com ela e seu modo de ser e de viver? Pois é: agora, basta um telefonema ou uma passada rápida nas lojas físicas ou virtuais em que as listas estão, ou até mesmo pedir para uma outra pessoa realizar tal tarefa, e pronto! Problema resolvido!

Não é preciso mais o investimento pessoal do pensar em algo, de procurar até encontrar, de bater perna e cabeça até sentir-se satisfeito com a escolha feita que, além de tudo, precisaria estar dentro do orçamento disponível para tal. Hoje, o presente custa só o gasto financeiro e nem precisa estar dentro do orçamento porque, para não transgredir a lista, às vezes é preciso parcelar o presente em diversas prestações...

E, assim que os convites chegam, acompanhados sem descrição alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra. É que os presentes menos custosos são os primeiros a serem ticados nas listas, e quem demora para cumprir seu compromisso acaba gastando um pouco mais do que gostaria.

Se, por um lado, dar presentes deixou de dar trabalho, por outro deixou também totalmente excluído do ato de presentear o relacionamento entre as pessoas envolvidas. Ganho para o mercado de consumo, perda para as relações humanas afetivas.

Os presentes se tornaram impessoais, objetos de utilidade ou de luxo desejados. Acabou-se o que era doce no que já foi, num passado recente, uma demonstração pessoal de carinho.

Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo? Ou aquela frase transparente de criança, que nunca deixa por menos: “Eu não quero isso!”? Tudo isso acabou. Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla. Quem recebe apenas tica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.

Que tempos mais chatos. Resta, a quem tiver coragem, a possibilidade de transgredir essas tais listas. Assim, é possível tornar a vida mais saborosa.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2014/07/1489356-a-lista-de-desejos.shtml>

Em “... que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias.”, o termo destacado retoma:

- a) bolsa.
- b) filha.
- c) lista.
- d) amiga.
- e) liberdade.

QUESTÃO 44 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)**Zygmunt Bauman: Estamos isolados em rede?**

“As relações humanas não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual. Em vez disso, transformaram-se numa fonte prolífica de ansiedade. Em lugar de oferecerem o ambicionado repouso, prometem uma ansiedade perpétua e uma vida em estado de alerta. Os sinais de aflição nunca vão parar de piscar, os toques de alarme nunca vão parar de soar.”
- Zygmunt Bauman

Em tempos líquidos, a crise de confiança traz consequências para os vínculos que são construídos. Estamos em rede, mas isolados dentro de uma estrutura que nos protege e, ao mesmo tempo, nos expõe. É isso mesmo?

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seu livro *Medo líquido*, diz que estamos fragilizando nossas relações e, diante disso, nos contatamos inúmeras vezes, seja qual for a ferramenta digital que usamos, acreditando que a quantidade vai superar a qualidade que gostaríamos de ter.

Bauman diz que, nesses tempos líquidos modernos, os homens precisam e desejam que seus vínculos sejam mais sólidos e reais. Por que isso acontece? Seriam as novas redes de relacionamento que são formadas em espaços digitais que trazem a noção de aproximação? Talvez sim, afinal a conexão com a rede, muitas vezes, se dá em momentos de isolamento real. O sociólogo, então, aponta que, quanto mais ampla a nossa rede, mais comprimida ela está no painel do celular. “Preferimos investir nossas esperanças em ‘redes’ em vez de parcerias, esperando que em uma rede sempre haja celulares disponíveis para enviar e receber mensagens de lealdade”, aponta ele.

E já que as novas sociabilidades, aumentadas pelas pequenas telas dos dispositivos móveis, nos impedem de formar fisicamente as redes de parcerias, Bauman diz que apelamos, então, para a quantidade de novas mensagens, novas participações, para as manifestações efusivas nessas redes sociais digitais. Tornamo-nos, portanto, seres que se sentem seguros somente se conectados a essas redes. Fora delas os relacionamentos são frágeis, superficiais, “um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas”.

A liquidez do mundo moderno esvai-se pela vida, parece que participa de tudo, mas os habitantes dessa atual modernidade, na verdade, fogem dos problemas em vez de enfrentá-los. Quando as manifestações vão para as ruas, elas chamam a atenção porque se estranha a formação de redes de parceria reais. “Para vínculos humanos, a crise de confiança é má notícia. De clareiras isoladas e bem protegidas, lugares onde se esperava retirar (enfim!) a armadura pesada e a máscara rígida que precisam ser usadas na imensidão do mundo lá fora, duro e competitivo, as ‘redes’ de vínculos humanos se transformam em territórios de fronteira em que é preciso travar, dia após dia, intermináveis conflitos de reconhecimento.”

<http://www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-estamos-isolados-em-rede>

Em “[...] apelamos, então, para a quantidade de novas mensagens, novas participações, para as manifestações efusivas nessas redes sociais digitais. Tornamo-nos, portanto, seres que se sentem seguros somente se conectados a essas redes. Fora delas os relacionamentos são

frágeis, superficiais, “um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas” [...], o termo em destaque se refere:

- a) às novas mensagens.
- b) às novas participações.
- c) às manifestações efusivas.
- d) às redes sociais digitais.
- e) às expectativas frustradas.

QUESTÃO 45 (INSTITUTO AOCP/AGENTE/ITEP-RN/2018)**Cuidar de idoso não é só cumprir tarefa, é preciso dar carinho e escuta***Cláudia Colluci*

A maior taxa de suicídios no Brasil se concentra entre idosos acima de 70 anos, segundo dados recentes divulgados pelo Ministério da Saúde. São 8,9 mortes por 100 mil pessoas, contra 5,5 por 100 mil entre a população em geral. Pesquisas anteriores já haviam apontado esse grupo etário como o de maior risco. Abandono da família, maior grau de dependência e depressão são alguns dos fatores de risco.

Em se tratando de idosos, há outras mortes passíveis de prevenção se o país tivesse políticas públicas voltadas para esse fim. Ano passado, uma em cada três pessoas mortas por atropelamento em São Paulo tinha 60 anos ou mais. Pessoas mais velhas perdem reflexos e parte da visão (especialmente a lateral) e da audição por conta da idade.

Levando em conta que o perfil da população brasileira mudará drasticamente nos próximos anos e que, a partir de 2030, o país terá mais idosos do que crianças, já passou da hora de governos e sociedade em geral encararem com seriedade os cuidados com os nossos velhos, que hoje somam 29,4 milhões (14,3% da população).

Com a mudança do perfil das famílias (poucos filhos, que trabalham fora e que moram longe dos seus velhos), faltam cuidadores em casa. Também são poucos os que conseguem bancar cuidadores profissionais ou casas de repouso de qualidade. As famílias que têm idosos acamados enfrentam desafios ainda maiores quando não encontram suporte e orientação nos sistemas de saúde.

Recentemente, estive cuidando do meu pai de 87 anos, que se submeteu à implantação de um marca-passo. Após a alta hospitalar, foi um susto atrás do outro. Primeiro, a pressão arterial

disparou (ele já teve dois infartos e carrega quatro stents no coração), depois um dos pontos do corte cirúrgico se rompeu (risco de infecção) e, por último, o braço imobilizado começou a inchar muito (perigo de trombose venosa). Diante da recusa dele em ir ao pronto atendimento, da demora de retorno do médico que o assistiu na cirurgia e sem um serviço de retaguarda do plano de saúde ou do hospital, a sensação de desamparo foi desesperadora. Mas essas situações também trazem lições. A principal é a de que o cuidado não se traduz apenas no cumprimento de tarefas, como fazer o curativo, medir a pressão, ajudar no banho ou preparar a comida. Cuidado envolve, sobretudo, carinho e escuta. É demonstrar que você está junto, que ele não está sozinho em suas dores.

Meu pai é um homem simples, do campo, que conheceu a enxada aos sete anos de idade. Aos oito, já ordenhava vacas, mas ainda não conhecia um abraço. Foi da professora que ganhou o primeiro. Com o cultivo da terra, formou uma família, educou duas filhas. Lidar com a terra continua sendo a sua terapia diária. É onde encontra forças para enfrentar o luto pelas mortes da minha mãe, de parentes e de amigos. É onde descobre caminhos para as limitações que a idade vai impondo (“não consigo mais cuidar da horta, então vou plantar mandioca”).

Ouvir do médico que só estará liberado para suas atividades normais em três meses foi um baque para o meu velho. Ficou amuado, triste. Em um primeiro momento, dei bronca (“pai, a cirurgia foi um sucesso, custa ter um pouco mais de paciência?”). Depois, ao me colocar no lugar desse octogenário hiperativo, que até dois meses atrás estava trepado em um abacateiro, podendo-o, mudei o meu discurso (“vai ser um saco mesmo, pai, mas vamos encontrar coisas que você consiga fazer no dia a dia com o aval do médico”).

Sim, envelhecer é um desafio sob vários pontos de vista. Mas pode ficar ainda pior quando os nossos velhos não contam com uma rede de proteção, seja do Estado, da comunidade ou da própria família.

Os números de suicídio estão aí para ilustrar muito bem esse cenário de abandono, de solidão. Uma das propostas do Ministério da Saúde para prevenir essas mortes é a ampliação dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps). A presença desses serviços está associada à diminuição de 14% do risco de suicídio. Essa medida é prioritária, mas, em se tratando da prevenção de suicídio entre idosos, não é o bastante.

Mais do que diagnosticar e tratar a depressão, apontada como um dos mais importantes fatores desencadeadores do suicídio, é preciso que políticas públicas e profissionais de saúde ajudem os idosos a prevenir/diminuir dependências para que tenham condições de sair de casa com segurança, sem o risco de morrerem atropelados ou de cair nas calçadas intransitáveis, que ações sociais os auxiliem a ter uma vida de mais interação na comunidade. E, principalmente, que as famílias prestem mais atenção aos seus velhos. Eles merecem chegar com mais dignidade ao final da vida.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/09/1921719-cuidar-de-idoso-nao-e-so-cumprir-tarefa-e-preciso-dar-carinho-e-escuta.shtml> 26/09/2017

Em relação às afirmações a seguir, assinale a alternativa correta.

- a) No trecho “É onde encontra forças para enfrentar o luto [...]”, retirado do 6º parágrafo, o termo em destaque se refere à lida com a terra.
- b) No trecho “Diante da recusa dele em ir ao pronto atendimento [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere ao médico que realizou a cirurgia do pai da autora.
- c) No trecho “Recentemente, estive cuidando do meu pai de 87 anos [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere à cuidadora de idosos e ao pai dela.
- d) No trecho “Pesquisas anteriores já haviam apontado esse grupo etário como o de maior risco.”, retirado do 1º parágrafo, o termo em destaque se refere a idosos entre 60 e 70 anos de idade.
- e) No trecho “Diante [...] da demora de retorno do médico que o assistiu na cirurgia [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere ao idoso tio da autora do texto.

QUESTÃO 46 (INSTITUTO AOCP/ELETROTÉCNICO/CASAN/2016) Na oração “As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside”, o pronome pessoal “ela” funciona como elemento coesivo, retomando o sintagma:

- a) “a gente”.
- b) “esse município”.
- c) “a criança”.
- d) “a investigação”
- e) “na cidade”.

QUESTÃO 47 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)



No trecho “Maior faturamento em jogos eletrônicos na América Latina”, o vocábulo sublinhado significa:

- a) dispêndio.
- b) montante.
- c) fatura.
- d) expensa.
- e) rendimento.

(IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.

O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado doméstico

e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

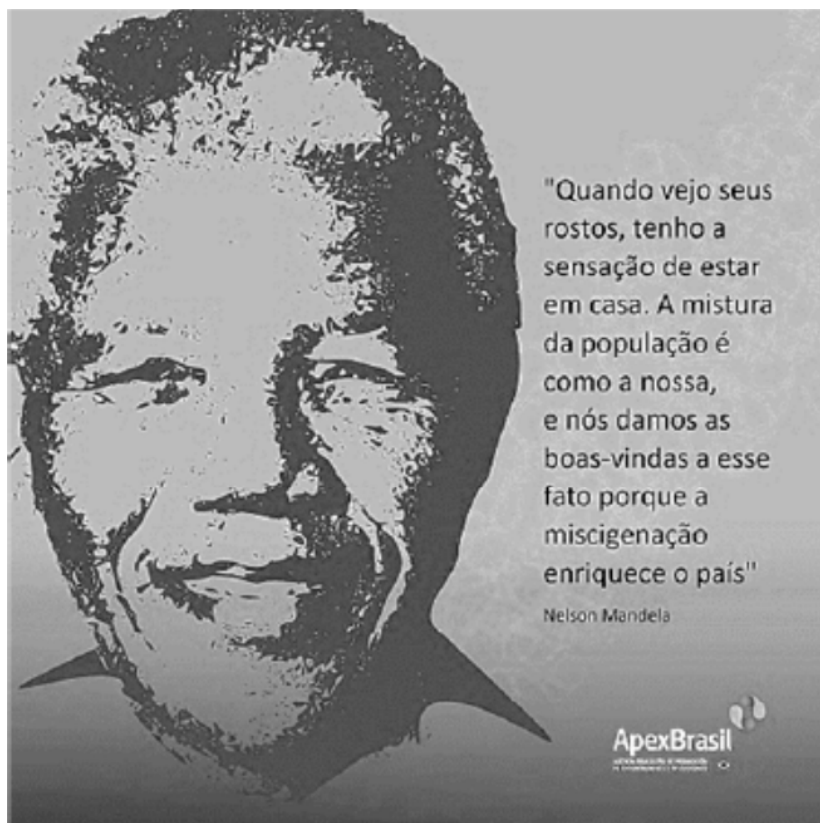
QUESTÃO 48 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018) Os sentidos do texto, assim como a respectiva correção gramatical, seriam mantidos caso se substituísse:

- a) “se reflete” (linha 25) por “reflete-se”.
- b) “tem de adaptá-lo” (linha 28) por tem de “adaptar ele”.
- c) “mercado ao qual se destina” (linhas 28 e 29) por “mercado ao qual destina-se”.
- d) “o que a obriga a aperfeiçoá-lo” (linha 29) por “o que obriga-a a aperfeiçoá-lo”.
- e) “o que a obriga a aperfeiçoá-lo” (linha 29) por “o que lhe obriga a aperfeiçoá-lo”.

QUESTÃO 49 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018) A correção e os sentidos do texto seriam mantidos caso se substituísse:

- a) “Há” (linha 1) por “Existi”.
- b) “desenvolvimento” (linha 14) por “crescimento”.
- c) “para” (linha 6) por “afim de”.
- d) “sem dúvida” (linha 8) por “de certo”.
- e) “percentual” (linha 2) por “porcentual”.

QUESTÃO 50 (IADES/ANALISTA/APEX BRASIL/2018)



No que se refere às relações de sinonímia e antonímia de vocábulos do texto, assinale a alternativa que corresponde a sinônimo da palavra “miscigenação”.

- a) cultura.
- b) descendência.
- c) mestiçagem.
- d) procedência.
- e) cepa.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. d | 28. b |
| 2. a | 29. a |
| 3. a | 30. e |
| 4. e | 31. d |
| 5. a | 32. b |
| 6. e | 33. e |
| 7. c | 34. a |
| 8. a | 35. c |
| 9. b | 36. c |
| 10. a | 37. b |
| 11. e | 38. e |
| 12. d | 39. a |
| 13. e | 40. e |
| 14. c | 41. c |
| 15. e | 42. a |
| 16. e | 43. c |
| 17. a | 44. d |
| 18. b | 45. a |
| 19. c | 46. c |
| 20. e | 47. e |
| 21. a | 48. a |
| 22. a | 49. e |
| 23. b | 50. c |
| 24. a | |
| 25. d | |
| 26. c | |
| 27. a | |

GABARITO COMENTADO

QUESTÃO 1 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Nas frases a seguir, o processo sublinhado que indica mudança de estado é:

- a) o operário trabalha demais.
- b) os trabalhadores chegaram depois da hora.
- c) as provas foram difíceis.
- d) as pessoas tornam-se preguiçosas.
- e) a bolsa foi deixada sobre a mesa.

Letra d.

O verbo “tornar-se” é o mais claro exemplar da semântica de mudança de estado. Na alternativa em (d), as pessoas passam de um estado X para um estado Y (isto é, de “não preguiçosas” a “preguiçosas”).

QUESTÃO 2 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

O processo de discursivização corresponde a um conjunto de operações que se encarregam de transformar a língua em discurso, ou seja, que fazem a passagem do significado (sentido de língua) para a significação (sentido de discurso). De fato, vocábulos como homem, bondoso, viajar etc. possuem tão-somente um sentido potencial e só ganham sentido real quando atualizados discursivamente:

“o homem é mortal”

“as criaturas bondosas ganham o reino dos céus”

“os turistas japoneses viajam por todo o mundo”

Como fazer para que o significado ganhe significação? Para isso são necessárias algumas operações: operação de semiotização, que consiste na nomeação dos seres do mundo, reais ou fictícios (entidades), das ações e estados ligados a essas entidades (processos) e das características a elas atribuídas (atributos).

Observe a seguinte frase: Prefiro um cachorro amigo que um amigo cachorro. Nessa frase, o vocábulo “cachorro”:

- a) passa de entidade a atributo.
- b) muda de atributo para entidade.
- c) exerce o papel de atributo nos dois casos.
- d) transforma-se em processo na segunda frase.
- e) exerce o papel de entidade nos dois casos.

Letra a.

Em “cachorro amigo”, o termo “cachorro” é uma entidade. Em “amigo cachorro”, o termo “cachorro” é um atributo. Com isso, temos que o termo passa de entidade a atributo.

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A alternativa abaixo em que ocorre uma premissa seguida de uma conclusão é:

- a) Foi ouvido um barulho na cozinha / a cozinheira já chegou.
- b) O restaurante deve estar cheio de clientes / o estacionamento está lotado.
- c) O Vasco da Gama vai ganhar o jogo / o time do Vasco vai jogar completo.
- d) Os carros novos chegarão ao mercado mais caros / os carros novos estão equipados com tecnologia moderníssima.
- e) Os empresários vão ficar felizes / os empresários passam a receber este mês novos financiamentos.

Letra a.

Para sabermos se estamos diante da sequência lógica PREMISSA-CONCLUSÃO, basta verificarmos a possibilidade de se inserir uma conjunção conclusiva como “**logo**”.

- a) Foi ouvido um barulho na cozinha, **logo** a cozinheira já chegou.
- b) O restaurante deve estar cheio de clientes, **logo** o estacionamento está lotado.
- c) O Vasco da Gama vai ganhar o jogo, **logo** o time do Vasco vai jogar completo.
- d) Os carros novos chegarão ao mercado mais caros, **logo** os carros novos estão equipados com tecnologia moderníssima.
- e) Os empresários vão ficar felizes, **logo** os empresários passam a receber este mês novos financiamentos.

Das alternativas, a única que é compatível à inserção da conjunção **logo** é a (a).

QUESTÃO 4 (FGV/ANALISTA/MPE-BA/2017)**China**

Estou há pouco mais de dois anos morando na China, leitor, e devo dizer que a minha admiração pelos chineses só tem feito crescer. É um país que tem coesão e rumo, como notou o meu colega de coluna neste jornal Cristovam Buarque, que passou recentemente por aqui.

Coesão e rumo. Exatamente o que falta ao nosso querido país. E mais o seguinte: uma noção completamente diferente do tempo. Trata-se de uma civilização milenar, com mentalidade correspondente. Os temas são sempre tratados com uma noção de estratégia e visão de longo prazo. E paciência. A paciência que, como disse Franz Kafka, é uma segunda coragem. Nada de curto praxismo, do imediatismo típico do Ocidente, que têm sido tão destrutivos e desagregadores.

Esse traço do chinês é até muito conhecido no resto do mundo. Há uma famosa observação do primeiro-ministro Chou En-Lai, muito citada, que traduz essa noção singular do tempo. Em certa ocasião, no início dos anos 1970, um jornalista estrangeiro lançou a pergunta: “Qual é afinal, primeiro-ministro, a sua avaliação da Revolução Francesa?” Chou En-Lai respondeu: “É cedo para dizer”.

Recentemente, li aqui na China que essa célebre resposta foi um simples mal-entendido. Com os percalços da interpretação, Chou En-Lai entendeu, na verdade, que a pergunta se referia à revolta estudantil francesa de 1968! Pronto. Criou-se a lenda.

Pena – que tenha sido um mal-entendido. Seja como for, é indubitável que para os chineses o tempo tem outra dimensão. Para uma civilização de quatro mil anos ou mais, uma década tem sabor de 15 minutos.

O Globo, 15/9/2017

Há vários momentos do texto em que se juntam termos de valor substantivo e valor adjetivo; o par abaixo em que NÃO ocorre mudança de significado em caso de troca de posição é:

- a) certa ocasião;
- b) jornalista estrangeiro;
- c) revolta estudantil;
- d) simples mal-entendido;
- e) observação famosa.

Letra e.

Vamos proceder às trocas de posição:

- a) ocasião certa;
- b) estrangeiro jornalista;
- c) estudantil revolta;
- d) mal-entendido simples;
- e) famosa observação.

O item pede que você reconheça o trecho em que a troca NÃO altera o significado. Isso significa o seguinte: “observação famosa” e “famosa observação” significam a mesma coisa (referem-se à mesma entidade). É por isso que nessa troca NÃO ocorre mudança de significado – e por isso a alternativa (e) é a correta.

Em (c), há grande estranhamento em “estudantil revolta”. Bom, isso em nada significa, porque o item exige outra coisa, ok?

QUESTÃO 5 (FGV/ASSISTENTE/MPE-BA/2017)**Refeição em família***Rosely Sayão*

Os meios de comunicação, devidamente apoiados por informações científicas, dizem que alimentação é uma questão de saúde. Programas de TV ensinam a comer bem para manter o corpo magro e saudável, livros oferecem cardápios de populações com alto índice de longevidade, alimentos ganham adjetivos como “funcionais”. Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos.

Cada vez menos a família se reúne em torno da mesa para compartilhar a refeição e se encontrar, trocar ideias, saber uns dos outros. Será falta de tempo? Talvez as pessoas tenham escolhido outras prioridades: numa pesquisa recente sobre as refeições, 69% dos entrevistados no Brasil relataram o hábito de assistir à TV enquanto se alimentam.

[....]

O horário das refeições é o melhor pretexto para reunir a família porque ocorre com regularidade e de modo informal. E, nessa hora, os pais podem expressar e atualizar seus afetos pelos filhos de modo mais natural. (adaptado)

“Temos dietas para cardíacos, para hipertensos, para gestantes, para obesos, para idosos”.

A relação vocabular adequada nos itens abaixo é:

- a) cardíacos / coração;
- b) hipertensos / temperatura corpórea;
- c) gestantes / descontrola hormonal;
- d) obesos / sistema respiratório;
- e) idosos / depressão psicológica.

Letra a.

Vamos observar o valor correto de cada um dos termos:

Hipertenso: que ou aquele que sofre de hipertensão.

Gestante: que carrega o embrião; mulher grávida.

Obeso: que tem gordura em excesso.

Idoso: que ou quem tem muitos anos de vida.

Assim, excluimos as alternativas em (b), (c), (d) e (e). A relação vocabular adequada, portanto, está em (a).

QUESTÃO 6 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Apesar de a pesquisa trazer à tona uma realidade do Reino Unido”.

Nessa frase, a expressão sublinhada equivale a:

- denunciar.
- comentar.
- debater.
- analisar.
- revelar.

Letra e.

A expressão “trazer à tona” significa “revelar”. Por exemplo: ele trouxe o segredo à tona (ele revelou o segredo).

QUESTÃO 7 (FGV/AUXILIAR/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Depois de um certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério.”

Nesse segmento do texto, o advérbio “desesperadamente” pode ser substituído por “com desespero”.

Assinale a opção que apresenta a substituição do mesmo tipo que está incorreta.

- a) Reagiu raivosamente = Reagiu com raiva.
- b) Cantou tristemente = Cantou com tristeza.
- c) Agiu solenemente = Agiu sozinho.
- d) Gritava nervosamente = Gritava com nervosismo.
- e) Comia vorazmente = Comia com voracidade.

Letra c.

Em (c), a substituição deveria ser “agiu com solenidade”. Além disso, não há relação semântica entre “solene” (que se celebra com pompa e suntuosidade) e “sozinho”.

QUESTÃO 8 (FGV/AUXILIAR/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

“Diz a lenda que, na Bahia, em meados da década de 60 do século passado, havia um menino que, além de muito levado, era também muito mentiroso, e que, certo dia, após aprontar muito na sala de aula, foi colocado de castigo no porão da escola por sua professora. Depois de um certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério.”

Nesse segmento do texto, há uma série de palavras cujo significado é fornecido nas opções a seguir. Assinale a opção em que o sentido dado é correto.

- a) década – conjunto de dez anos.
- b) levado – convencia facilmente os outros meninos.
- c) aprontar – preparar.
- d) porão – canto da sala
- e) a sério – sem seriedade.

Letra a.

“Década” é o conjunto de dez anos.

Nas demais alternativas, as descrições de sentido das palavras estão incorretas. As descrições corretas são as seguintes:

levado – que ou quem é traquinas; travesso, moleque

aprontar – proceder de modo indevido, freq. provocando confusão; comportar-se mal

porão – parte de uma casa ou edifício entre o primeiro piso e o solo

a sério – de fato, de veras.

QUESTÃO 9 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Na organização de um texto, há elementos anafóricos e catafóricos; o enunciado abaixo em que o termo sublinhado tem função catafórica é:

- a) A situação atual é de crise, mas é preciso enfrentá-la com coragem.
- b) Cheguei à conclusão de que isto é o mais importante: não perder o emprego.
- c) Trabalhar sempre: esse é o segredo do sucesso.
- d) Novos assaltos ocorreram, pois a polícia não consegue controlar essas ocorrências.
- e) Encontrei amigos durante a viagem, mas eles não ficaram junto conosco.

Letra b.

O elemento catafórico ANTECIPA um referente. É esse o caso de (b), em que o pronome “isto” antecipa o referente “não perder o emprego”.

QUESTÃO 10 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) Assinale a frase em que o pronome sublinhado substitui uma frase e não um termo.

- a) “Aqueles que reprimem o desejo assim o fazem porque seu desejo é fraco o suficiente para ser reprimido.”
- b) “Os homens dizem que a vida é breve, mas seus infortúnios fazem-na parecer longa.”
- c) “A vida tem um grande valor quando a desprezamos.”
- d) “Não há bom raciocínio que pareça tal quando é muito longo.”
- e) “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar.”

Letra a.

Para a banca FGV, neste item, “frase” equivale a “oração”. Assim, é preciso identificar se o referente de um dos pronomes é uma oração. Em (b), (c), (d) e (e), os referentes são formas substantivas: vida; vida; raciocínio; referente indefinido.

Em (a), o referente do pronome “o” tem como núcleo uma estrutura oracional: reprimem o desejo.

QUESTÃO 11 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

“Essa segunda descrição é mais detalhada e demonstra mais observação. Naturalmente, se eu estiver procurando tal pessoa, a partir dessa descrição detalhada, posso encontrá-la com mais facilidade.”

Assinale o termo desse fragmento do texto que **não** estabelece qualquer ligação coesiva com um termo antecedente.

- a) Essa segunda descrição.
- b) tal pessoa.
- c) dessa descrição detalhada.
- d) -la.
- a) mais facilidade.

Letra e.

Na alternativa (e), a expressão “mais facilidade” não retoma qualquer outro termo na frase. Nas demais expressões, é possível identificar um referente.

QUESTÃO 12 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

Assinale a opção em que o segmento verbal da charge não apresenta problemas de norma-padrão.

- a) Ai Jesus.
- b) Me ajuda.
- c) Ah Sinhô.
- d) há meses.

Letra d.

A expressão “há meses” está corretamente registrada, pois faz uso do verbo “haver” no sentido de tempo decorrido (estando na terceira pessoa do singular).

Nos outros registros, há desvios. As formas “de acordo com a norma-padrão” são assim registradas:

Ai, Jesus.
Ajuda-me;
Ah, senhor.

QUESTÃO 13 (FGV/ASSISTENTE/COMPESA/2018)

“Tu ias dormir e eu velava para que dormisses bem e profundamente. Tua irmã, embora menor, creio que ela me embromava: na realidade, ela já devia pressentir que Papai Noel era um mito que nós fazíamos força para manter em nós mesmos. Ela não fazia força para isso, e desde que a árvore amanhecesse florida de pacotes e coisas, tudo dava na mesma. Contigo era diferente. Tu realmente acreditavas em mim e em Papai Noel.”

Entre os termos sublinhados nesse segmento, assinale aquele que não se liga a nenhum termo anterior.

- a) ela.
- b) me.
- c) que.
- d) isso.
- e) coisas.

Letra e.

O termo “coisas” não possui referente anterior, pois ele é o próprio referente (com denotação indefinida).

QUESTÃO 14 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

Tomando resolutamente a sério as narrativas dos “selvagens”, a análise estrutural nos ensina, já há alguns anos, que tais narrativas são precisamente muito sérias e que nelas se articula um sistema de interrogações que elevam o pensamento mítico ao plano do pensamento propriamente dito. Sabendo a partir de agora, graças às Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss, que os mitos não falam para nada dizerem, eles adquirem a nossos olhos um novo prestígio; e, certamente, investi-los assim de tal gravidade não é atribuir-lhes demasiada honra.

Talvez, entretanto, o interesse muito recente que suscitam os mitos corra o risco de nos levar a tomá-los muito “a sério” desta vez e, por assim dizer, a avaliar mal sua dimensão de pensamento. Se, em suma, deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados, veríamos difundir-se uma espécie de mitomania esquecida de um traço todavia comum a muitos mitos, e não exclusivo de sua gravidade: o seu humor.

Não menos sérios para os que narram (os índios, por exemplo) do que para os que os recolhem ou leem, os mitos podem, entretanto, desenvolver uma intensa impressão de cômico; eles desempenham às vezes a função explícita de divertir os ouvintes, de desencadear sua hilaridade. Se estamos preocupados em preservar integralmente a verdade dos mitos, não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes e fazer rir aqueles que o escutam.

A vida cotidiana dos “primitivos”, apesar de sua dureza, não se desenvolve sempre sob o signo do esforço ou da inquietude; também eles sabem propiciar-se verdadeiros momentos de distensão, e seu senso agudo do ridículo os faz várias vezes caçar de seus próprios temores. Ora, não raro essas culturas confiam a seus mitos a tarefa de distrair os homens, desdramatizando, de certa forma, sua existência.

Essas narrativas, ora burlescas, ora libertinas, mas nem por isso desprovidas de alguma poesia, são bem conhecidas de todos os membros da tribo, jovens e velhos; mas, quando eles têm vontade de rir realmente, pedem a algum velho versado no saber tradicional para contá-las mais uma vez. O efeito nunca se desmente: os sorrisos do início passam a cacarejos mal

reprimidos, o riso explode em francas gargalhadas que acabam transformando-se em uivos de alegria.

- 1) deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados (2º parágrafo)
- 2) eles desempenham às vezes a função explícita (3º parágrafo)
- 3) senso agudo do ridículo os faz várias vezes (4º parágrafo)

Os termos sublinhados acima referem-se respectivamente a:

- a) mitos - os que narram - primitivos
- b) pensamento - mitos - primitivos
- c) mitos - mitos - primitivos
- d) mitos - os que narram - momentos de distensão
- e) pensamento - mitos - momentos de distensão

Letra c.

Os referentes das formas pronominais destacadas devem possuir as mesmas marcas de gênero e número. Por isso, “seus”, no plural, deve ter como referente o termo “mitos”, localizado no período anterior. O mesmo ocorre com a forma pronominal “eles”, que tem por referente o termo “mitos”. Assim, já podemos marcar a alternativa (c).

QUESTÃO 15 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

... não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes... (3º parágrafo)

Uma nova redação para a frase acima, em que se mantêm a clareza, o sentido e a correção, está em:

- a) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e, todavia, considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- b) Não só devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas também considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- c) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, a fim de considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...
- d) Não devemos nem subestimar o alcance real do riso que eles provocam, nem considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...

e) Não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam, mas considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes...

Letra e.

Observe cada uma das inadequações das reescritas:

- a) o uso de “todavia” não respeita as relações semânticas internas ao período.
- b) o uso da expressão “não só, mas também”, que cria um paralelismo, não respeita as relações semânticas internas ao período.
- c) o uso de “a fim de” não respeita as relações semânticas internas ao período.
- d) o uso da expressão “nem..., nem”, que cria um paralelismo, não respeita as relações semânticas internas ao período.

O item (e) está correto porque no trecho original a conjunção “e” equivale à conjunção “mas”.

QUESTÃO 16 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Aplicativos para celular e outros avanços tecnológicos têm transformado as formas de ir e vir da população e podem ser grandes aliados na melhoria da mobilidade urbana.

Segundo a União Internacional dos Transportes Públicos (UITP), simulações feitas nas capitais de países da União Europeia mostram que a combinação de transporte público de alta capacidade e o compartilhamento de carros e caronas poderia remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico.

A forma verbal “poderia”, no segundo parágrafo, atribui à expressão “remover até 65 de cada 100 carros nos horários de pico” sentido:

- a) falacioso.
- b) factual.
- c) imperativo.
- d) conclusivo.
- e) conjectural.

Letra e.

A forma verbal está no futuro do pretérito do modo indicativo. Esse tempo e modo verbal expressam uma conjectura (isto é, uma hipótese).

QUESTÃO 17 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Carros autônomos com diferentes tecnologias já estão circulando em várias partes do planeta, em ruas de grandes cidades e estradas no campo. Um caminhão autônomo já rodou cerca de 200 km nos Estados Unidos para fazer a entrega de uma grande carga de cerveja. Embora muito recentes, veículos sem motoristas são uma realidade crescente. E, no entanto, os países ainda não discutiram leis para reger seu trânsito.

No início do século 20, quando os primeiros automóveis se popularizaram, as cidades tiveram o desafio de criar uma legislação para eles, pois as vias públicas tinham sido concebidas para pedestres, cavalos e veículos puxados por animais. Cem anos depois, vivemos um momento semelhante diante da iminência de uma “nova revolução industrial”, como define o secretário de Transportes paulistano, Sérgio Avelleda. Ele cita o exemplo das empresas de seguros: “Hoje o risco incide sobre pessoas, donos dos carros e motoristas. No futuro, passará a empresas que produzem o carro, porque os humanos viram passageiros apenas”.

Considere as relações coesivas estabelecidas pelo pronome “seu”, ao final do primeiro parágrafo. No contexto, esse pronome retoma, especificamente:

- a) veículos sem motoristas.
- b) Estados Unidos.
- c) leis.
- d) ruas de grandes cidades e estradas no campo.
- e) países.

Letra a.

O pronome “seu” faz referência a “veículos autônomos” (isto é, veículos sem motoristas), termo que está presente no parágrafo anterior.

QUESTÃO 18 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

Cem anos depois, vivemos um momento semelhante diante da iminência de uma “nova revolução industrial”, como define o secretário de Transportes paulistano, Sérgio Avelleda.

O vocábulo “como”, nessa passagem do texto, estabelece a mesma relação de sentido que a verificada em:

- a) Ainda não se sabe como ficarão as leis de trânsito com a popularização dos carros autônomos.
- b) Como dito no texto, os carros autônomos, com diferentes tecnologias, já são uma realidade.
- c) O modo acelerado como os carros sem motorista têm sido produzidos é realmente espantoso.
- d) Os carros autônomos são, para a sociedade atual, como eram os carros no início do século 20.
- e) Como ainda há poucos carros autônomos nas ruas, seu impacto no cotidiano é desconhecido.

Letra b.

O vocábulo “como” tem valor de “assim como”, “semelhantemente a”, “tal qual”. A única construção em que o vocábulo “como” possui esse valor é a alternativa (b):

“Como (“semelhantemente a”, “assim como”, “tal qual”) dito no texto, os carros autônomos, com diferentes tecnologias, já são uma realidade.”

QUESTÃO 19 (FCC/ANALISTA/SEGEF-MA/2016)**COP-21 já foi. E agora, o que virá?**

O Acordo do Clima aprovado em Paris em dezembro de 2015 não resolve o problema do aquecimento global, apenas cria um ambiente político mais favorável à tomada de decisão para que os objetivos assinalados formalmente por 196 países sejam alcançados.

Como todo marco regulatório, o acordo estabelece apenas as condições para que algo aconteça, e, nesse caso, não há sequer prazos ou metas. As propostas apresentadas voluntariamente pelos países passam a ser consideradas “metas” que serão reavaliadas a cada 5 anos, embora a soma dessas propostas não elimine hoje o risco de enfrentarmos os piores cenários climáticos com a iminente elevação média de temperatura acima de 2°C.

Sendo assim, o que precisa ser feito para que o Acordo de Paris faça alguma diferença para a humanidade? A 21ª Conferência do Clima (COP-21) sinaliza um caminho. Para segui-lo, é preciso realizar muito mais - e melhor - do que tem sido feito até agora. A quantidade de moléculas de CO₂ na atmosfera já ultrapassou as 400 ppm (partes por milhão), indicador que confirmaria - segundo o Painel Intergovernamental de Mudança Climática (IPCC) da ONU - a progressão rápida da temperatura acima dos 2°C.

A decisão mais urgente deveria ser a eliminação gradual dos U\$ 700 bilhões anuais em subsídios para os combustíveis fósseis. Sem essa medida, como imaginar que a nossa atual dependência de petróleo, carvão e gás (75% da energia do mundo é suja) se modifique no curto prazo?

Para piorar a situação, apesar dos investimentos crescentes que acontecem mundo afora em fontes limpas e renováveis de energia (solar, eólica, biomassa, etc.), nada sugere, pelo andar da carruagem, que testemunhemos a inflexão da curva de emissões de gases estufa. Segundo a vice-presidente do IPCC, a climatologista brasileira Thelma Krug, a queima de combustíveis fósseis segue em alta e não há indícios de que isso se modifique tão cedo.

Como promover tamanho freio de arrumação em um planeta tão acostumado a emitir gases estufa sem um novo projeto educacional? Desde cedo a garotada precisa entender o gigantesco desafio civilizatório embutido no combate ao aquecimento global.

O Acordo do Clima é certamente um dos maiores e mais importantes da história da diplomacia mundial. Mas não nos iludamos.

Tal como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (adotada pela ONU em 1948), o Acordo sinaliza rumo e perspectiva, aponta o que é o certo, e se apresenta como um compromisso coletivo. Tornar o Acordo realidade exige atitude. Diária e obstinada.

Uma palavra empregada com sentido exclusivamente figurado está sublinhada na seguinte passagem do texto:

- a) a iminente elevação média de temperatura acima de 2°C (2º parágrafo)
- b) A quantidade de moléculas de CO₂ na atmosfera já ultrapassou as 400 ppm (3º parágrafo)
- c) nada sugere, pelo andar da carruagem, que testemunhemos (5º parágrafo)
- d) U\$ 700 bilhões anuais em subsídios para os combustíveis fósseis. (4º parágrafo)
- e) a queima de combustíveis fósseis segue em alta (5º parágrafo)

Letra c.

O sentido figurado é aquele que se distancia da denotação. No caso da opção (c), não se fala especificamente de uma carruagem (sentido denotativo), mas se fala do “andamento dos eventos”.

QUESTÃO 20 (FCC/ANALISTA/SEGEPI-MA/2016) A frase escrita com correção é:

- a) Humberto de Campos, jornalista, crítico, contista, e memorialista nasceu, em Miritiba, hoje Humberto de Campos no Maranhão, em 1886, e faleceu, no Rio de Janeiro em 1934.
- b) O escritor Humberto de Campos, em 1933, publicou o livro que veio à ser considerado, o mais celebre de sua obra: *Memórias*, crônica dos começos de sua vida.
- c) Em 1912, Humberto de Campos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, e entrou para *O Imparcial*, na fase em que ali encontrava-se um grupo de exímios escritores.
- d) De infância pobre e orfão de pai aos seis anos; Humberto de Campos, começou a trabalhar cedo no comércio, como meio de subsistência.
- e) Humberto de Campos publicou seu primeiro livro em 1910, a coletânea de versos intitulada *Poeira*; em 1920, já membro da Academia Brasileira de Letras, foi eleito deputado federal pelo Maranhão.

Letra e.

ATENÇÃO: não se separa com vírgula (ou equivalente) o sujeito de seu predicado. Esse desvio de pontuação ocorre na alternativa (c). Em (a), há desvio de pontuação e de ortografia (faleceu). Em (b), há erro no uso do sinal indicativo de crase diante de forma verbal. Em (d), por fim, o sinal de dois pontos é utilizado incorretamente e há vírgula separando sujeito e predicado. Não há desvios na alternativa (e).

QUESTÃO 21 (FCC/TÉCNICO/SEGEPI-AM/2016)

A tragédia vinha sendo anunciada: desde o começo do ano, Nabiré parecia cansada. Portadora de um cisto no ovário, carregava seu corpo de 31 anos e 2 toneladas com mais dificuldade. Ainda assim, atravessou aquele 27 de julho em relativa normalidade. Comeu feno, caminhou na areia, rolou na poça de lama para proteger-se do sol. Ao fim da tarde, recolheu-se aos seus aposentos – uma área fechada no zoológico Dvůr Králové, na República Tcheca. Deitou-se, dormiu – e nunca mais acordou. No dia seguinte, o diretor da instituição descreveria a perda como “terrível”, definindo-a como “um símbolo do declínio catastrófico dos rinocerontes devido à ganância humana”.

Nabiré representava 20% dos rinocerontes-brancos-do-norte ainda vivos. A espécie está extinta na natureza. Dos quatro remanescentes, três vivem numa reserva ecológica no Quênia,

protegidos por homens armados. O restante – uma fêmea chamada Nola – mora num zoológico nos Estados Unidos. São todos idosos e, até que se prove o contrário, inférteis.

Surgido como um adorno que conferia sucesso reprodutivo ao portador (como a juba, no caso do leão), o chifre acabaria por selar o destino trágico do paquiderme. Passou a ser usado para tratar diversas doenças na medicina oriental. De nada valeram inúmeros estudos científicos mostrando a inocuidade da substância. O chifre virou artigo valiosíssimo no mercado negro da caça.

Segundo estimativas, no começo do século XX a ordem dos rinocerontes era representada por um plantel de meio milhão de animais. Hoje restam apenas 29 mil, divididos em cinco espécies. A que está em estado mais crítico é a subespécie branca-do-norte.

O rinoceronte-branco-do-norte era endêmico do Congo – país que ainda sofre os efeitos de uma guerra civil iniciada em 1996 que já deixou um saldo de ao menos 5 milhões de pessoas mortas. Diante desse quadro, não houve quem zelasse pelo animal.

Nabiré foi um dos quatro rinocerontes-brancos-do-norte nascidos em cativeiro, no próprio zoológico. Após o nascimento de Fatu, no mesmo zoológico, quinze anos mais tarde, nenhuma outra fêmea de rinoceronte-branco-do-norte conseguiu engravidar. Por isso, em 2009, os quatro rinocerontes-brancos-do-norte que faziam companhia a Nabiré foram levados para um reserva no Quênia. Como nem a inseminação artificial tivesse funcionado, havia a esperança última de que um habitat selvagem pudesse surtir algum efeito. Porém, não houve resultado.

Nabiré não viajou com o grupo por ser portadora de uma doença: nasceu com ovário policístico, o que a tornava infértil. “Foi a rinoceronte mais doce que tivemos no zoológico”, disse o diretor de projetos internacionais do zoológico. “Nasceu e cresceu aqui. Foi como perder um membro da família.”

Há uma esperança remota de que a espécie ainda seja preservada por fertilização in vitro. “Nossa única esperança é a tecnologia”, completou o diretor. “Mas é triste atingir um ponto em que a salvação está em um laboratório. Chegamos tarde. A espécie tinha que ter sido protegida na natureza.”

No contexto, está usado em sentido figurado o elemento que se encontra em destaque em:

a) Foi a rinoceronte mais **doce** que tivemos no zoológico.

- b) ... a ordem dos rinocerontes era representada por um **plantel** de meio milhão de animais.
- c) Surgido como um **adorno** que conferia sucesso reprodutivo ao portador...
- d) São todos **idosos** e, até que se prove o contrário, inférteis.
- e) O restante – uma **fêmea** chamada Nola – mora num zoológico os Estados Unidos.

Letra a.

A palavra “doce” não está sendo utilizada em seu sentido denotativo (de sabor açucarado). O sentido é figurado (e derivado): o rinoceronte demonstrava docilidade e ternura.

QUESTÃO 22 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)**Medo da eternidade**

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao saímos de casa para a escola me explicou: Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

- Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.
- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?

- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

Considere as seguintes frases do texto:

- 1) Parei um instante na rua, perplexa. (5º parágrafo)
- 2) Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. (7º parágrafo)
- 3) – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver. (9º parágrafo)

As palavras grifadas nessas frases assumem no texto, respectivamente, o sentido de:

- a) atônita – figurava – cerimônia
- b) inerme – transcendia – liturgia
- c) atônita – simbolizava – périplo
- d) desorientada – figurava – imolação
- e) assustada – transcendia – périplo

Letra a.

O significado de “perplexa” é semelhante ao de “atônita”: ser tomado de assombro ou grande admiração.

A palavra “figurar” significa “representar, traçar a figura, a imagem, o contorno de”. É justamente essa a ideia expressa no texto.

Por fim, a palavra “ritual” possui o significado de “conjunto de atos ou práticas”. É por isso que “ritual” é sinônimo de “cerimônia”.

QUESTÃO 23 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Documentos sobre Shakespeare ‘vândalo’ são abertos ao público

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain’s Men, se uniram para roubar o teatro - tábuas por tábuas, prego por prego - e reconstruí-lo em outro lugar.

A história ocorrida em 28 de dezembro de 1598 não é inédita e consta em diversas biografias de Shakespeare. Agora, contudo, chegou o momento de ouvir o outro lado da ação: a justiça. De acordo com a transcrição do processo judicial de 1601, Shakespeare, seus atores e amigos (incluindo Burbage) foram “violentos” em uma ação “desenfreada” que destruiu o The Theatre. O documento diz que o dramaturgo e seus cúmplices estavam armados com punhais, espadas e machados, o que causou “grande distúrbio da paz” e deixou testemunhas “aterrorizadas”.

Até então guardado em segurança pelo National Archive, o arquivo do Reino Unido, o documento é uma das peças que serão exibidas ao público no centro cultural londrino Somerset House, a partir de fevereiro de 2016, ano em que se completam quatro séculos da morte do Bardo.

Nesse texto, observa-se que os responsáveis pelo ato de vandalismo são renomeados: “William Shakespeare e seus atores”; “Shakespeare e os homens de sua companhia”; “Shakespeare, seus atores e amigos”; “o dramaturgo e seus cúmplices”.

Entende-se que, nesse caso, a progressão textual (KOCK, 1994) se dá por recorrência de:

- a) nominalizações.
- b) paráfrases.
- c) hiperônimos.
- d) marcadores de situação.
- e) marcadores conversacionais.

Letra b.

A **paráfrase** é caracterizada por ser “uma frase sinônima”. Isso quer dizer o seguinte: eu posso expressar uma ideia ou um nome por meio de estruturas linguísticas diferentes, sempre preservando o sentido original. É este o caso do objeto de análise do item.

QUESTÃO 24 (FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018) A expressão destacada em “Leonardo da Vinci se mudou de Florença para Milão a serviço do duque **como** engenheiro, arquiteto, escultor e pintor” tem sentido equivalente ao de:

- a) enquanto.
- b) segundo.
- c) mesmo.
- d) tanto que.
- e) pelo que.

Letra a.

A ideia é que Leonardo da Vinci “exerceu a função de”. Nesse sentido, a expressão que substitui corretamente o “como” é “enquanto” (com a ideia de “enquanto filósofo, Sartre foi muito influente”).

QUESTÃO 25 (FCC/AGENTE/SABESP/2018)**Júlio Verne: previsões do autor que se tornaram realidade**

O escritor francês Júlio Verne é considerado por muitos o pai da ficção científica. Suas obras influenciaram gerações e inspiraram filmes e séries de TV. Há quase cem filmes baseados em mais de 30 livros assinados por ele.

Júlio Verne nasceu na cidade de Nantes em fevereiro de 1828. Sua verdadeira paixão eram as viagens, que na época eram feitas principalmente de navio. Aos 11 anos, ele fugiu de casa para se tornar marinheiro. Na primeira escala, porém, seu pai conseguiu apanhá-lo - e depois quem apanhou foi o pequeno Verne. Reza a lenda que ele teria jurado não voltar a viajar, a não ser em sua imaginação e fantasia.

Um dos fatos que mais chamam a atenção em suas obras são as previsões feitas pelo escritor que se concretizaram séculos depois. Por exemplo, oitenta anos antes dos noticiários televisivos surgirem, Júlio Verne descreveu a alternativa para os jornais: “Em vez de ser impresso, o ‘Crônicas da Terra’ seria falado, teria assinantes e partiria de conversas interessantes dos repórteres e cientistas que contariam as notícias do dia”. Ele também imaginou o “fonotelefoto”, que seria usado pelos repórteres para registrar e transmitir sons e imagens.

Considere a frase do texto:

“Na primeira escala, porém, seu pai conseguiu **apanhá-lo** - e depois quem **apanhou** foi o pequeno Verne.”

Os vocábulos “apanhar”, na primeira e na segunda ocorrência, são usados, respectivamente, com os sentidos de:

- a) compreender; contrair uma doença.
- b) segurar com força; recolher com as mãos.
- c) levar uma pancada; ser derrotado.
- d) alcançar; levar uma surra.
- e) encontrar; apossar-se de bem alheio.

Letra d.

Vou ser bem objetivo em meu comentário: a segunda ocorrência do verbo “apanhar” significa claramente “levar uma surra”. A única alternativa com essa possibilidade é a (d).

QUESTÃO 26 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Está aberta a temporada de ipês. Eu definiria essas árvores como sendo o clichê menos enfado de Brasília. Sim, porque, como parte do ciclo da natureza, eles brotam e colorem a capital das mesmas cores, no mesmo período, todos os anos. É a repetição mais original trazida pelo início da seca. Ainda que presença certa, os ipês são esperados com igual ansiedade a cada estação. E eles não aparecem sozinhos. Mesmo que soberanos em uma paisagem ressequida, a beleza dessas árvores - que exibem flores em cachos, de cores vistosas - é exaltada pela questionável feiura das plantas mirradas do cerrado.

Os ipês ficam ainda altivos ao lado de árvores que hibernam em forma de seu próprio esqueleto. Seus galhos aparentemente mortos, retorcidos, sem flores, sem folhas, se recolhem para dar espaço à exuberância dos ipês em tons de roxo, rosa, amarelo ou branco. Na paisagem desértica, eles ganham ainda mais destaque, o que me faz pensar que a natureza é mesmo um belo exemplo de equilíbrio. Se brotassem todos juntos, teriam que dividir a majestade. Em apresentação solo, viram reis absolutos, para os quais se dirigem aplausos, flashes, sorrisos e agradecimentos pela beleza da vida. Excesso é veneno para a magia. Sábios, os ipês.

Está redigida com correção, clareza e coesão a seguinte frase:

- a) Em cada região, os ipês ganham um significado especial, como no cerrado, aonde colore uma paisagem ressequida.
- b) Considerada árvore-símbolo do Brasil, as flores do ipê nascem em cachos e não dividem espaço com as folhas.
- c) A fragilidade dos ipês não resiste à passagem do um vento mais forte, após a qual o chão se colore de flores.
- d) A beleza singular dos ipês já chamou à atenção vários poetas, a fim de cantarem, a delicadeza de suas flores.
- e) Os ipês, com um florada que dura tão pouco tempo, que nos leva a refletir acerca do caráter efemero da vida.

Letra c.

Vamos observar os desvios das alternativas (a), (b), (d) e (e):

- a) Errada. A forma correta é “cerrado, onde colore”.

b) **Errada.** A forma “Considerada” deve estabelecer predicação com o termo subsequente (árvore), mas a presença do substantivo “flores” torna o texto sem coesão. Além disso, não há hífen em “árvore-símbolo”.

d) **Errada.** Não há fenômeno de crase; uso inadequado de vírgula.

e) **Errada.** O período não está corretamente construído. Falta predicação. Além disso, a palavra “efêmero” não está acentuada.

O gabarito preliminar indica a alternativa (c) como correta. No entanto, provavelmente houve erro de digitação, já que não se pode grafar **do um** (não pode haver a sequência artigo + artigo). O correto seria “à passagem **de um** vento”. Essa questão, portanto, é nula.

QUESTÃO 27 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como “grande arte”; hábito de torcer o nariz para “tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público”. Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como “onívoros”: em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a “grande arte” e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

A palavra “unívoro” (3º parágrafo) remete:

- a) ao grupo que se caracteriza por apreciar um tipo específico e uniforme de produtos culturais.
- b) aos apreciadores da cultura que se definem pelo conhecimento erudito e pelo gosto diversificado.
- c) aos indivíduos que nutrem simpatia tanto por produções eruditas quanto por populares.
- d) à elite cujo gosto pela arte se caracteriza pelo ecletismo e pelo respeito à diversidade de expressão.
- e) àqueles com conhecimento insuficiente para reconhecer os diferentes estilos de produção artística.

Letra a.

“Onívoro” significa “que ou o que come tudo ou de tudo”. “Unívoro”, diferentemente, remete a “aquele que come uma única fonte de alimento”. Como o autor está abordando o consumo de produtos culturais, compreendemos que se faz referência ao grupo que se caracteriza por apreciar **um tipo específico** e uniforme de produtos culturais.

QUESTÃO 28 (FCC/TÉCNICO/TST/2017) Está redigida com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, em sua modalidade formal, a frase:

- a) A elite cultural de diversos países não a muito tempo, torcia o nariz, para a música popular ou para as produções de TV, atitude que parece ter mudado nos últimos anos.
- b) A pesquisa realizada pelo grupo de John Goldthorpe traçou um novo perfil para a elite cultural, com preferências que a distanciam do estereótipo construído ao longo de séculos.

- c) Uma manifestação artística afim de ter a aprovação dos conhecedores da cultura, deveria ter atributos que a distinguíssem, de tudo quanto fosse classificado como trivial.
- d) Foi o sociólogo, John Goldthorpe, líder da equipe que empenhou-se ao estudo do novo perfil para caracterizar quem é a elite cultural que surgiu recentemente, na atualidade.
- e) Na hierarquia da cultura, acreditavam-se haver distinções qualitativas entre aqueles que frequentavam óperas e os que curtiavam permanecer em casa, assistindo a televisão.

Letra b.

Observe quais são os desvios em cada item:

- a) A elite cultural de diversos países, **[colocar vírgula]** não **há** **[verbo haver]** muito tempo **[retirar vírgula]** torcia o nariz para a música popular ou para as produções de TV, atitude que parece ter mudado nos últimos anos.
- c) Uma manifestação artística a fim **[erro de ortografia]** de ter a aprovação dos conhecedores da cultura **[sem vírgula]** deveria ter atributos que a distinguíssem **[sem vírgula]** de tudo quanto fosse classificado como trivial.
- d) Desvios de pontuação (vírgula), organização do período e colocação pronominal)
- e) Erro de concordância verbal e de propriedade vocabular.

QUESTÃO 29 (FCC/ANALISTA/TRT-4ª/2015)

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignomínia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O Dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço. O Dicionário Lexis apresenta ainda algumas definições com nuances diferentes: indignidade, sentimento penoso de baixaza, de confusão, sentimento de desconforto provocado pela modéstia, sentimento de remorso. O que chama a atenção nas definições de vergonha é não somente a diversidade dos significados atribuídos a este sentimento, mas também, e sobretudo, o fato de alguns destes significados serem opostos: desonra/

honra, indignidade/dignidade, humilhação/brio. Tal oposição, observada por Harkot-de-La-Taille, faz esta autora perguntar-se que palavra é esta que recobre o não e o sim, a ausência e a presença, o temível e o desejável.

Uma forma comum de pensar este sentimento é afirmar que ele é simplesmente desencadeado pela opinião de outrem. É o que, por exemplo, sugere a definição de Spinoza segundo a qual a vergonha é a tristeza que acompanha a ideia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros. E é o que, explicitamente, a antropóloga Benedict afirma em seu estudo sobre a sociedade japonesa. Para ela, as culturas da vergonha enfatizam as sanções externas, opondo-se às verdadeiras culturas da culpa, que interiorizam a convicção do pecado. Quanto ao sentimento de vergonha, escreve que alguém poderá envergonhar-se quando é ridicularizado abertamente, ou quando criar a fantasia para si mesmo de que o tenha sido. Todavia, não acreditamos que tudo esteja dito assim; a vergonha pressupõe um controle interno: quem sente vergonha julga a si próprio. Lembremos o fato notável de que a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, mesmo que não acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com efeito, certas pessoas sentem vergonha pelo simples fato de estarem sendo observadas. O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo. Este tipo de vergonha não deixa de ser psicologicamente misterioso: por que será que as pessoas sentem desconforto ao serem “apenas” observadas, mesmo que esta observação não contenha ameaças precisas, mesmo que ela seja lisonjeira?

Consideradas definições da palavra “vergonha” retiradas do **Dicionário Aurélio**, a alternativa que contém exemplificação correta é:

- a) “sentimento da própria dignidade, brio, honra” (linha 4): “Durante severa discussão, o mais sincero dos amigos indagou-lhe se não tinha ética e vergonha na cara.”
- b) “sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem” (linhas 2 e 3): “Se tiverem vergonha, honrarão a confiança neles depositada e trabalharão com mais lisura.”
- c) “desonra humilhante; opróbrio, ignomínia” (linha 2): “Artista talentoso, o jovem pianista contornou a explícita vergonha apresentando vários números antes de dirigir a palavra à audiência”.

- d) “sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos etc.; timidez, acanhamento” (linhas 3 e 4): “Todos ficaram constrangidos com o comportamento indecoroso do magistrado; foi de fato uma vergonha.”
- e) “desonra humilhante; opróbrio, ignomínia” (linha 2): “Um profundo sentimento de vergonha o impedia de aceitar elogios sem negar ou diminuir o que nele viam de bom.”

Letra a.

Os itens (b), (c), (d) e (e) estão errados porque os sentidos de cada exemplificação são diferentes dos da definição. Veja os sentidos de cada exemplificação:

- b) sentimento da própria honra, dignidade, honestidade; brio.
- c) sentimento de insegurança causado por medo do ridículo e do julgamento dos outros; timidez, acanhamento, recato, decoro.
- d) atitude ou situação indecorosa ou vexatória.
- e) sentimento penoso causado pela inferioridade, indecência ou indignidade.

QUESTÃO 30 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019)

As rápidas e crescentes mudanças no setor da comunicação puseram em xeque os antigos modelos de negócios. As novas rotinas criadas a partir das plataformas digitais produziram um complexo cenário de incertezas. Vivemos um grande desafio.

É preciso refletir sobre a mudança de paradigmas, uma vez que a criatividade e a capacidade de inovação - rápida e de baixo custo - serão fundamentais para a sobrevivência das organizações tradicionais e para o sucesso financeiro das nativas digitais. Mas é preciso, também, que façamos uma autocrítica sobre o modo como vemos o mundo e a maneira como dialogamos com ele.

Antes da era digital, em quase todas as famílias existia um álbum de fotos. Lembram disso? Lá estavam as nossas lembranças, os nossos registros afetivos. Muitas vezes abríamos o álbum e a imaginação voava.

Agora fotografamos tudo compulsivamente. Nosso antigo álbum foi substituído pelas galerias de fotos digitais de nossos dispositivos móveis. Temos excesso de fotos, mas falta o

mais importante: a memória afetiva, a curtição daqueles momentos. Pensamos que o registro do momento reforça sua lembrança, mas não é assim. Milhares de fotos são incapazes de superar a vivência de um instante. É importante guardar imagens. Porém, é mais importante viver cada momento com intensidade. As relações afetivas estão sucumbindo à coletiva solidão digital.

Algo análogo se dá com o consumo da informação. Navegamos freneticamente no espaço virtual. A fragmentação dos conteúdos pode transmitir certa sensação de liberdade, já que não dependemos, aparentemente, de ninguém. Somos os editores do nosso diário personalizado. Será? Não creio, sinceramente. Uma enxurrada de estímulos dispersa a inteligência. Ficamos reféns da superficialidade. Perdemos contexto e sensibilidade crítica.

É importante guardar imagens. Porém, é mais importante viver cada momento com intensidade. (4º parágrafo)

Sem que nenhuma outra alteração seja feita na frase, as relações de sentido e a correção do segmento acima estarão preservadas caso se substitua o elemento sublinhado por:

- a) Conquanto
- b) Embora
- c) Porquanto
- d) Conforme
- e) Todavia

Letra e.

A conjunção “porém”, no trecho em análise, é adversativa. Nas alternativas, apenas a forma “todavia” possui esse valor. As demais conjunções têm valor conformativo (conforme), concessivo (conquanto), explicativo (porquanto) e concessivo (embora).

QUESTÃO 31 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019) Está correta a redação do segmento adaptado do texto que se encontra em:

- a) Foi apenas nos últimos 300 anos, que surgiu as normas, e eventualmente os direitos, de privacidade.
- b) No futuro, conforme previsões, a vigilância ativa será uma parte rotineira das transações, a qual será quase impraticável escapar.

- c) As experiências com a mídia social, já se deixou claro que agimos de modo diferente quando estamos sendo observados.
- d) A conexão histórica entre a privacidade e a riqueza ajuda a explicar os motivos pelos quais a privacidade está ameaçada hoje.
- e) A difusão da privacidade em escala maciça, cuja as realizações mais impressionantes da civilização moderna, dependeu da criação da classe média.

Letra d.

Observe os erros das alternativas (a), (b), (c) e (e):

- a) erros de pontuação e de concordância (“que surgiram as normas”).
- b) erro de regência (“da qual será quase impraticável escapar”).
- c) erro de construção do período (impessoalização).
- e) erro no uso do pronome “cujo” (cujas realizações); erro de pontuação.

QUESTÃO 32 (FCC/PROGRAMADOR/SEMEF MANAUS-AM/2019)

Por boa parte da história humana, a privacidade estava pouco presente na vida da maioria das pessoas. Não existiam expectativas de que uma porção significativa da vida transcorresse distante dos olhares alheios.

A difusão da privacidade em escala maciça, com certeza uma das realizações mais impressionantes da civilização moderna, dependeu de outra realização, ainda mais impressionante: a criação da classe média. Só nos últimos 300 anos, quando a maior parte das pessoas obtiveram os meios financeiros para controlar o ambiente físico, as normas, e eventualmente os direitos, de privacidade vieram a surgir.

A conexão histórica entre a privacidade e a riqueza ajuda a explicar por que a privacidade está sob ataque hoje. A situação nos faz recordar que ela não é um traço básico da existência humana, mas sim um produto de determinado arranjo econômico - e portanto um estado de coisas transitório.

Hoje as forças da criação de riqueza já não favorecem a expansão da privacidade, mas trabalham para solapá-la. Testemunhamos a ascensão daquilo que a socióloga Shoshanna

Zuboff define como “capitalismo de vigilância” - a transformação de nossos dados pessoais em mercadoria por gigantes da tecnologia. Encaramos um futuro no qual a vigilância ativa é uma parte tão rotineira das transações que se tornou praticamente inescapável.

Como nossas experiências com a mídia social têm deixado claro, agimos diferente quando sabemos estar sendo observados. A privacidade é a liberdade de agir sem ser observado, e assim, em certo sentido, de sermos quem realmente somos - não o que desejamos que os outros pensem que somos. A maioria deseja maior proteção à sua privacidade. Porém, isso requererá a criação de diversas leis.

- 1) Hoje as forças da criação de riqueza já não favorecem a expansão da privacidade, mas trabalham para solapá-la. (4º parágrafo)
- 2) Encaramos um futuro no qual a vigilância ativa é uma parte tão rotineira das transações... (4º parágrafo)
- 3) A situação nos faz recordar que ela não é um traço básico da existência humana... (3º parágrafo)

No contexto, os elementos sublinhados acima referem-se, respectivamente, a:

- a) riqueza - vigilância - existência humana.
- b) privacidade - futuro - privacidade.
- c) privacidade - futuro - existência humana.
- d) riqueza - futuro - privacidade.
- e) privacidade - vigilância - privacidade.

Letra b.

Nos dois primeiros períodos, os referentes são facilmente recuperáveis:

“Hoje as forças da criação de riqueza já não favorecem a expansão da **privacidade**, mas trabalham para solapá-la.”

“Encaramos um **futuro** no qual a vigilância ativa é uma parte tão rotineira das transações...”

No terceiro período, o referente está em trecho anterior (é o substantivo “privacidade”):

“A conexão histórica entre a privacidade e a riqueza ajuda a explicar por que a **privacidade** está sob ataque hoje. A situação nos faz recordar que **ela** não é um traço básico da existência humana...”

QUESTÃO 33 (FCC/DEFENSOR/DPE-RS/2018)

Tomando resolutamente a sério as narrativas dos “selvagens”, a análise estrutural nos ensina, já há alguns anos, que tais narrativas são precisamente muito sérias e que nelas se articula um sistema de interrogações que elevam o pensamento mítico ao plano do pensamento propriamente dito. Sabendo a partir de agora, graças às Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss, que os mitos não falam para nada dizerem, eles adquirem a nossos olhos um novo prestígio; e, certamente, investi-los assim de tal gravidade não é atribuir-lhes demasiada honra.

Talvez, entretanto, o interesse muito recente que suscitam os mitos corra o risco de nos levar a tomá-los muito “a sério” desta vez e, por assim dizer, a avaliar mal sua dimensão de pensamento. Se, em suma, deixássemos na sombra seus aspectos mais acentuados, veríamos difundir-se uma espécie de mitomania esquecida de um traço todavia comum a muitos mitos, e não exclusivo de sua gravidade: o seu humor.

Não menos sérios para os que narram (os índios, por exemplo) do que para os que os recolhem ou leem, os mitos podem, entretanto, desenvolver uma intensa impressão de cômico; eles desempenham às vezes a função explícita de divertir os ouvintes, de desencadear sua hilaridade. Se estamos preocupados em preservar integralmente a verdade dos mitos, não devemos subestimar o alcance real do riso que eles provocam e considerar que um mito pode ao mesmo tempo falar de coisas solenes e fazer rir aqueles que o escutam.

A vida cotidiana dos “primitivos”, apesar de sua dureza, não se desenvolve sempre sob o signo do esforço ou da inquietude; também eles sabem propiciar-se verdadeiros momentos de distensão, e seu senso agudo do ridículo os faz várias vezes caçoar de seus próprios temores. Ora, não raro essas culturas confiam a seus mitos a tarefa de distrair os homens, desdramatizando, de certa forma, sua existência.

Essas narrativas, ora burlescas, ora libertinas, mas nem por isso desprovidas de alguma poesia, são bem conhecidas de todos os membros da tribo, jovens e velhos; mas, quando eles têm vontade de rir realmente, pedem a algum velho versado no saber tradicional para contá-las mais uma vez. O efeito nunca se desmente: os sorrisos do início passam a cacarejos mal reprimidos, o riso explode em francas gargalhadas que acabam transformando-se em uivos de alegria.

Considerando o contexto, está correto o que se afirma em:

- a) “caçoar” (4º parágrafo) está empregado em sentido metafórico.
- b) “primitivos” (4º parágrafo) e “selvagens” (1º parágrafo) são sinônimos.
- c) “mitos” e “pensamento” (2º parágrafo) são antônimos.
- d) “selvagens” (1º parágrafo) é hiperônimo de “homens”.
- e) “primitivos” (4º parágrafo) está empregado de forma irônica.

Letra e.

Uma forma de identificar que a palavra “primitivos” está sendo empregada com ironia é a presença de aspas. O mesmo ocorre, por exemplo, no primeiro parágrafo (“selvagens”).

A alternativa (a) está incorreta porque a palavra “caçoar” não está sendo empregada no sentido metafórico (na verdade, emprega-se no sentido denotativo, literal). Em (b), os termos destacados não são intercambiáveis (como seria em uma sinonímia), pois denotam sentidos distintos. A alternativa (c) está errada porque os termos em destaque não são antônimos (o mito é uma espécie de pensamento). Por fim, na alternativa (d), a semântica de “selvagem” não recobre o grupo semântico denotado por “homens”, por isso não pode ser hiperônimo.

QUESTÃO 34 (IDECAN/AGENTE/UERN/2016)



Em “A gente não deve matá-las porque elas trabalham para nós”, o termo em destaque é empregado com a mesma denotação vista em:

- a) Tal empreendimento é imprescindível para os mais necessitados.
- b) A irresponsabilidade para quem assim age é uma prática corriqueira.
- c) O homem de bom caráter, para se fazer notar, não precisa de muitas palavras.
- d) Disse que iria para um lugar diferente, distante de todos os problemas que o atordoavam.

Letra a.

O valor da preposição “para” no quadrinho é de indicar o beneficiário da ação descrita pelo verbo. Em (a), os beneficiários do empreendimento são os necessitados.

QUESTÃO 35 (IDECAN/ANALISTA/PRODEB/2015)**De Gutenberg a Zuckerberg**

Após cinco anos e meio dedicados apenas a funções executivas, volto a ter um espaço para troca de ideias e informações. Desta vez, sobre o mercado digital com suas histórias de bastidores, dados infundáveis, surpresas, o dia a dia de *start ups* aqui e lá no Vale (sim, o do Silício) e entrevistas com quem sacode este mercado ou é sacudido por ele.

O título do blog (seria *blog*, *vlog*, *site*, plataforma digital?) vem de *From Gutenberg to Zuckerberg: Leveraging Technology to Get Your Message Heard*, palestra de Michael Eisner que passa bem além do trocadilho engraçadinho.

O fato é que não são poucas as vezes em que ouço que nós, os caras de internet, os bichos de tecnologia criamos todos os problemas que a humanidade não tinha antes de inventarmos os nossos *gadgets*, *softwares*, redes e o que mais pudesse ser desenvolvido em nossas garagens (imaginárias, Wozniak?).

Errado. Explico.

Não criamos nada. Desculpe, amigos, mas é a verdade. Ferramentamos, apenas. Como *Gutenberg* o fez pelos idos de 1450. No *big deal*. Repetimos a história. Se o poder saía das mãos de dedos manchados dos monges copistas e passava a um tipo que podia multiplicar exponencialmente os caracteres que formavam a informação, com *Zuck* e seus contemporâneos deu-se o mesmo. O jornalista, até então dono absoluto do palco italiano, da bola e do campo, teve que deitar a régua. O que era vertical, *top down*, passou a ser horizontal, em uma distribuição de informações via iguais.

Nenhuma novidade aqui. O que as redes sociais fizeram foi repetir o fenômeno evolutivo. Is revolução digital the new revolução industrial? É provável sob muitos aspectos, mas uma revolução somente se conhece a posteriori, contentemo-nos em evoluir por ora. Não é pouco.

E sobre criarmos plataformas-problema, qual foi a primeira rede social que você conheceu? A fofoqueira de sua rua. Ficava na janela, ouvia no máximo 140 caracteres de qualquer conversa, tempo necessário para que o transeunte desavisado percorresse o espaço da fachada da

casa da moça. Retuitava ao marido, à filha, compartilhava. De vez em quando, curtia. E quando ia ao salão de beleza, viralizava.

Não, esta criação não nos pertence. Ferramentamos, ajudamos e até atrapalhamos, ok. Mas como sempre fizeram estes seres humanos, gregários, que insistem em viver em uma sociedade em rede.

Mas agora resolveram chamar de rede social.

<http://gutzuck.com/de-gutenberg-azuckerberg-20150105/>

De acordo com os conceitos linguísticos de conotação e denotação, analise os trechos em destaque a seguir e assinale qual deles DIFERE dos demais.

- a) “O jornalista, até então dono absoluto do palco italiano, da bola e do campo, teve que deitar a régua.” (4º§)
- b) “[...] e lá no Vale (sim, o do Silício) e entrevistas com quem sacode este mercado ou é sacudido por ele.” (1º§)
- c) “É provável sob muitos aspectos, mas uma revolução somente se conhece a posteriori, contentemo-nos em evoluir por ora.” (5º§)
- d) “O fato é que não são poucas as vezes em que ouço que nós, os caras de internet, os bichos de tecnologia criamos todos os problemas que a humanidade não tinha [...]” (3º§)

Letra c.

Em (a), (b) e (d), há expressões conotativas, como “deitar a régua”, “sacode o mercado”, “os bichos da tecnologia”. Em (c), diferentemente, há apenas expressões denotativas.

QUESTÃO 36 (IDECAN/ADVOGADO/PREFEITURA DE PORCIÚNCULA/2011)

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. Seu componente de irracionalidade é irrelevante para quem se sente mal. O escritório de estatísticas da Inglaterra divulgou recentemente uma pesquisa que é ao mesmo tempo um diagnóstico. Cerca de um sexto dos ingleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano. Isso provoca tal desconforto que muitos apresentam desordens neuróticas.

O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer. O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis, imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim. (...)

O excesso de informação não escolhe idade nem sexo.

A paulista Renata Gukovas, de 13 anos, sabe exatamente o que é isso. Ela vai à escola, estuda japonês e inglês, joga basquete e handebol e participa de competições de matemática. “O que me falta na vida? Tempo. Queria que o dia tivesse trinta horas.” (...)

O americano Richard Saul Wurman, autor dos livros *Ansiedade de Informação* e *Ansiedade de Informação 2*, este último lançado no final do ano passado nos Estados Unidos e ainda não publicado no Brasil, sugere que as pessoas encarem o mundo como um grande depósito de material de construção. E o que fazer com a matéria-prima? Ora, diz ele, seja um arquiteto de sua própria catedral de conhecimento. A arma para isso é a “ignorância programada”, ou seja, a escolha criteriosa do que se quer absorver (...). O resto deve ser deixado de lado, como o compositor que intercala pausas de silêncio entre as notas para que a música faça sentido aos ouvidos. “A ansiedade de informação é o buraco negro que existe entre os dados disponíveis e o conhecimento. É preciso escapar dela”, observa Wurman. Ou, ao menos, não deixar que ela assuma proporções dolorosas para quem precisa ultrapassá-la no dia-a-dia.

Cristiana Baptista. A dor de nunca saber o bastante. Veja: Comportamento, 5 de setembro de 2001 / com adaptações

No texto, algumas ideias são expostas através de uma linguagem conotativa. Dentre os trechos a seguir apenas um deles NÃO demonstra o uso do recurso metafórico. Assinale-o.

- a) “... encarem o mundo como um grande depósito de material de construção.”
- b) “... seja um arquiteto de sua própria catedral de conhecimento.”
- c) “... ou seja, a escolha criteriosa do que se quer absorver.”
- d) “... como o compositor que intercala pausas de silêncio entre as notas...”
- e) “A ansiedade de informação é o buraco negro que existe...”

Letra c.

Em (c), todas as palavras são empregadas em seu sentido denotativo (isto é, vínculo direto de significação (sem sentidos derivativos ou figurados) que um nome estabelece com um objeto da realidade).

QUESTÃO 37 (IDECAN/ADVOGADO/UFAL/2014)**Fumo em lugares fechados será vetado no Brasil**

Ministério da Saúde regulamenta regras da Lei Antifumo; fumódromo está proibido.

O Ministério da Saúde anunciou ontem, em função das comemorações do “Dia Mundial sem Tabaco”, as regras do decreto que vai regulamentar a Lei Antifumo, aprovada em 2011. As novas normas preveem a proibição do fumo em locais fechados e de uso coletivo em todo o país, extinguindo, inclusive, os fumódromos. Além disso, veta toda e qualquer propaganda comercial, até mesmo nos pontos de venda. Nesses locais, só será possível a exposição dos produtos acompanhada por mensagens sobre perigos do fumo. O decreto da presidente Dilma Rousseff deverá ser publicado amanhã no Diário Oficial e entrará em vigor 180 dias depois.

O consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos ligados ao fumo está proibido em locais de uso coletivo públicos e privados. Isso inclui *hall* e corredores de condomínios, restaurantes, clubes e até pontos de ônibus, não importa se o ambiente é apenas parcialmente fechado por uma parede, divisória, teto ou toldo. Em bares e restaurantes, o fumo só será permitido caso haja ambientes totalmente livres, como mesas na calçada. O consumo continuará livre em vias públicas, residências e áreas ao ar livre. As embalagens deverão ter, em 100% da face posterior e em uma de suas laterais, avisos sobre os danos provocados pelo tabaco. Em 2016, o mesmo deverá ser feito também em 30% da face frontal dos maços.

O Ministério da Saúde informou que os fumantes não serão alvo de fiscalização. Isso recairá sobre os estabelecimentos comerciais. Caso não cumpram a lei, eles podem ser advertidos, multados, interditados ou até ter a autorização para funcionamento cancelada. As multas vão de R\$ 2 mil a R\$ 1,5 milhão. A fiscalização ficará a cargo dos órgãos de vigilância sanitária de estados e municípios. Os responsáveis pelos estabelecimentos poderão, inclusive, chamar a polícia quando o cliente se recusar a apagar o cigarro.

Até hoje, não havia definição sobre o conceito de local coletivo fechado, onde o fumo é proibido. Além disso, atualmente ainda são permitidas a existência de fumódromos e a propaganda nos pontos de venda. A regulamentação iguala as normas para todo o Brasil, e extingue as variações no caso dos estados que possuem suas próprias legislações.

No Rio, por exemplo, já existe uma lei rigorosa em vigor desde 2009, muito semelhante à estabelecida pelo governo federal. Há algumas diferenças, como os valores de multas, por exemplo. No estado, elas variam de R\$ 3.933 a R\$ 38 mil.

– A Lei Antifumo é um grande avanço. O decreto é fundamental para que possamos continuar enfrentando o tabaco como problema de saúde pública – disse o ministro da Saúde, Arthur Chioro, acrescentando que o propósito não é criminalizar o fumante nem tornar sua vida um inferno. – O tabaco faz mal. Mas é uma droga legal e as pessoas têm direito de usar.

O Globo, 01 de junho de 2014.

Apesar do texto apresentado possuir predominantemente uma linguagem denotativa, é possível identificar conotação em:

- a) “Isso recairá sobre os estabelecimentos comerciais.” (3º§)
- b) “[...] não é criminalizar o fumante nem tornar sua vida um inferno.” (5º§)
- c) “O decreto da presidente Dilma Rousseff deverá ser publicado amanhã [...]” (1º§)
- d) “[...] a proibição do fumo em locais fechados e de uso coletivo em todo o país, [...]” (1º§)
- e) “O consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos ligados ao fumo está proibido [...]” (2º§)

Letra b.

Em (b), a conotação está presente na “tornar sua vida um **inferno**”. A palavra “inferno” não está empregada em sentido denotativo, cujo significado primeiro é “local subterrâneo habitado pelos mortos”.

QUESTÃO 38 (IDECAN/ANALISTA/CNEN/2014)

Visão comunicativa

Até pouco tempo atrás, a qualificação de empresários, *headhunters*, executivos e CEOs e dos mais variados profissionais se fundava no domínio de outro idioma - o inglês em particular. Num mundo globalizado, saber outra língua é signo e condição competitiva.

Décadas recentes demonstraram, no entanto, que já é digna de atenção a maneira como nossos recursos humanos buscam reciclar o próprio português. Aumenta a necessidade de usar o idioma de forma refinada, como ferramenta nos negócios, ou pelo menos de modo a não pôr a perder um negócio.

O mercado brasileiro avança em seus próprios terrenos, não só os globalizados. Vivemos hoje num país em que mais de 800 milhões de mensagens eletrônicas diárias são trocadas, muitas das quais enviadas para tratar de questões empresariais. Há mais relatórios, encontros entre empresários, almoços de negócios, apresentações em reuniões de trabalho. Cresce o número de situações em que as pessoas ficam mais expostas por meio da escrita e da retórica oral, expondo a fragilidade de uma má formação em seu próprio idioma. Não por acaso, cresce também a procura por aulas de língua portuguesa, destinadas a executivos, gerentes e os mais diversos tipos de profissionais.

A velocidade da mensagem eletrônica não perdoa desatenção. Texto de correio eletrônico, de redes sociais com fins corporativos e de *intranets* deve ser simples, mas exige releitura e cuidado para acertar o tom da mensagem. Se por um lado a popularização da tecnologia nos ambientes de trabalho fez com que as pessoas passassem a ter contato diário com a língua escrita, por outro a enorme quantidade de mensagens trocadas nem sempre deixa claro onde está o valor da informação realmente importante. As mensagens eletrônicas do mundo empresarial dão ainda muita margem a mal-entendidos, com textos truncados, obscuros ou em desacordo com normas triviais da língua e da comunicação corporativa.

Quem se comunica bem no mundo profissional não é quem repete modelinhos e regras, ideias e frases feitas aprendidas em cursos *prêt-à-porter* de comunicação empresarial. Saber interagir num ambiente minado como o das organizações ajuda a carreira, mas para ter real efeito significa dar voz ao outro, falar não para ouvir o que já sabia, mas descobrir o que não se percebia por pura falta de diálogo.

Luiz Costa Pereira Junior. *Língua Portuguesa*. Ed. Segmento. Janeiro de 2014.

Ao referir-se ao ambiente das organizações, o autor caracteriza como um “ambiente minado” demonstrando o uso de uma linguagem:

a) denotativa, própria da linguagem jornalística.

- b) denotativa, em que há uma comparação explícita.
- c) conotativa, em que a objetividade da informação é assegurada.
- d) conotativa, em que há um exagero proposital em tal qualificação.
- e) conotativa, em que a palavra está sendo empregada fora do sentido usual.

Letra e.

Certamente o autor não se refere denotativamente à “cavidade cheia de pólvora ou engenho de guerra (terrestre ou submarino), que se camufla ou esconde, e que explode ao ser tocado”. Assim, o emprego é distinto da sua acepção original - sendo, por isso, classificada como linguagem **conotativa**.

QUESTÃO 39 (IDECAN/PREFEITURA DUQUE DE CAXIAS/PSICÓLOGO/2014)**Como o antibiótico mudou o mundo**

Em 24 horas, uma bactéria se reproduz 16 milhões de vezes. É um ritmo diabólico. Não à toa, os micróbios por trás das quatro grandes epidemias (peste negra, cólera, tuberculose e tifo) mataram mais de 1 bilhão de humanos. Elas estavam ganhando de goleada até que, num dia de 1928, o biólogo escocês *Alexander Fleming* se esqueceu de limpar o laboratório. Quando voltou, notou um fungo crescendo numa placa – e matando as bactérias que ele usava em experiências. E o que era desleixo virou a descoberta do século: esse fungo, do gênero *penicillium*, foi o primeiro antibiótico até para os bichos (nos EUA, 80% dele é ingerido por gado, aves e porcos de corte). Mas a lua-de-mel pode estar perto do fim. As bactérias estão criando resistência aos antibióticos, e a indústria farmacêutica não consegue criar novos – o ritmo de invenções caiu 70% nos últimos 20 anos. A esperança são os “antibióticos virais”, que já estão em testes – e são feitos de vírus que matam bactérias.

Superinteressante, abril de 2014.

De acordo com o contexto, as palavras e/ou expressões podem assumir sentidos diversos. Considerando tal aspecto, indique o trecho em destaque em que o sentido conotativo pode ser observado.

- a) “Elas estavam ganhando de goleada [...]”
- b) “[...] foi o primeiro antibiótico até para os bichos [...]”
- c) “[...] o ritmo de invenções caiu 70% nos últimos 20 anos.”

- d) “Quando voltou, notou um fungo crescendo numa placa [...]”
e) “Em 24 horas, uma bactéria se reproduz 16 milhões de vezes.”

Letra a.

A expressão “ganhando de goleada” significa “estar à frente”, “estar em vantagem”. A expressão não denota o placar de uma partida de futebol.

QUESTÃO 40 (IDECAN/CÂMARA DE PANCAS-ES/AUDITOR/2014) Considerando que a escolha adequada do léxico é um dos elementos necessários à construção da coerência textual, indique o vocábulo indicado que poderia substituir o termo em destaque preservando-se tal coerência.

- a) “[...] parece uma ação descabida.” – conveniente
b) “[...] ao mesmo tempo suprimir o tédio?” – delimitar
c) “[...] desequilíbrio oriundo do capitalismo?” – egrégio
d) “E parece estar instaurado no inconsciente [...]” – oscilante
e) “[...] a cidade grande está perdendo os atrativos da vida urbana [...]” – estímulos

Letra e.

A questão avalia seu conhecimento sobre **sinonímia**. Dentre as alternativas, apenas a presente em (e) possui um par de itens sinônimos.

QUESTÃO 41 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/TRT 1ª REGIÃO/2018)

“Eu era piloto...”

Quando ainda estava no sétimo ano, um avião chegou à nossa cidade. Isso naqueles anos, imagine, em 1936. Na época, era uma coisa rara. E então veio um chamado: ‘Meninas e meninos, entrem no avião!’. Eu, como era *komsomolka**, estava nas primeiras filas, claro. Na mesma hora me inscrevi no aeroclube. Só que meu pai era categoricamente contra. Até então, todos em nossa família eram metalúrgicos, várias gerações de metalúrgicos e operadores de altos-fornos. E meu pai achava que metalurgia era um trabalho de mulher, mas piloto não. O chefe do aeroclube ficou sabendo disso e me autorizou a dar uma volta de avião com meu pai. Fiz isso. Eu e meu pai decolamos, e, desde aquele dia, ele parou de falar nisso. Gostou.

Terminei o aeroclube com as melhores notas, saltava bem de paraquedas. Antes da guerra, ainda tive tempo de me casar e ter uma filha.

Desde os primeiros dias da guerra, começaram a reestruturar nosso aeroclube: os homens foram enviados para combater; no lugar deles, ficamos nós, as mulheres. Ensinávamos os alunos. Havia muito trabalho, da manhã à noite. Meu marido foi um dos primeiros a ir para o *front*. Só me restou uma fotografia: eu e ele de pé ao lado de um avião, com capacete de aviador... Agora vivia junto com minha filha, passamos quase o tempo todo em acampamentos. E como vivíamos? Eu a trancava, deixava mingau para ela, e, às quatro da manhã, já estávamos voando. Voltava de tarde, e se ela comia eu não sei, mas estava sempre coberta daquele mingau. Já nem chorava, só olhava para mim. Os olhos dela são grandes como os do meu marido...

No fim de 1941, me mandaram uma notificação de óbito: meu marido tinha morrido perto de Moscou. Era comandante de voo. Eu amava minha filha, mas a mandei para ficar com os parentes dele. E comecei a pedir para ir para o *front*...

Na última noite... Passei a noite inteira de joelhos ao lado do berço..."

Antonina Grigórievna Bondareva, tenente da guarda, piloto.

** komsomolka: a jovem que fazia parte do Komsomol, Juventude do Partido Comunista da União Soviética.*

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Quanto às expressões de circunstâncias de tempo no texto, assinale a alternativa correta.

- a) Em "Quando ainda estava no sétimo ano, um avião chegou à nossa cidade.", a oração em destaque indica que o avião chegou à cidade da narradora quando ela tinha 7 anos de idade.
- b) Em "Até então, todos em nossa família eram metalúrgicos [...]", a expressão em destaque indica o momento em que os membros da família da narradora começaram a exercer a profissão de metalúrgicos.
- c) Em "No fim de 1941, me mandaram uma notificação de óbito [...]", a palavra em destaque poderia ser substituída por "termo", sem prejuízo sintático ou semântico.
- d) Em "Voltava de tarde, e se ela comia eu não sei [...]", a preposição em destaque poderia ser omitida, sem causar prejuízo sintático ou semântico.

e) Em “Havia muito trabalho, da manhã à noite.”, a expressão em destaque poderia ser substituída por “de manhã e à noite”, sem causar prejuízo sintático ou semântico.

Letra c.

O erro de análise da alternativa (a) é equivaler “ano escolar” a “idade”.

Na alternativa (b), a expressão temporal “Até então” marca fim.

Em (d), se não houvesse a preposição, o sentido serial alterado (equivalendo a “depois do tempo ou da hora certa”).

Em (e), também haveria prejuízo de sentido: ao invés de um intervalo (de manhã à noite), a reescrita indica **dois pontos temporais** (um pela manhã e outro à noite).

A alternativa correta, (c), propõe uma reescrita adequada: pode-se substituir a palavra “fim” por “termo”: “No termo de 1941, me mandaram...”.

QUESTÃO 42

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/EBSERH/2017)

A beleza e a arte não constituem nenhuma garantia moral

Contardo Calligaris

Gostei muito de “Francofonia”, de Aleksandr Sokurov. Um jeito de resumir o filme é este: nossa civilização é um navio cargueiro avançando num mar hostil, levando contêineres repletos dos objetos expostos nos grandes museus do mundo. Será que o esplendor do passado facilita nossa navegação pela tempestade de cada dia? Será que, carregados de tantas coisas que nos parecem belas, seremos capazes de produzir menos feiura? Ou, ao contrário, os restos do passado tornam nosso navio menos estável, de forma que se precisará jogar algo ao mar para evitar o naufrágio?

Essa discussão já aconteceu. Na França de 1792, em plena Revolução, a Assembleia emitiu um decreto pelo qual não era admissível expor o povo francês à visão de “monumentos elevados ao orgulho, ao preconceito e à tirania” – melhor seria destruí-los. Nascia assim o dito vandalismo revolucionário – que continua.

Os guardas vermelhos da Revolução Cultural devastaram os monumentos históricos da China.

O Talibã destruiu os Budas de Bamiyan (séculos 4 e 5). Em Palmira, Síria, o Estado Islâmico destruiu os restos do templo de Bel (de quase 2.000 anos atrás). A ideia é a seguinte: se

preservarmos os monumentos das antigas ideias, nunca teremos a força de nos inventarmos de maneira radicalmente livre.

Na mesma Assembleia francesa de 1792, também surgiu a ideia de que não era preciso destruir as obras, elas podiam ser conservadas como patrimônio “artístico” ou “cultural” – ou seja, esquecendo sua significação religiosa, política e ideológica.

Sentado no escuro do cinema, penso que nós não somos o navio, somos os contêineres que ele carrega: um emaranhado de esperanças, saberes, intuições, dúvidas, lamentos, heranças, obrigações e gostos. Tudo dito belamente: talvez o belo artístico surja quando alguém consegue sintetizar a nossa complexidade num enigma, como o sorriso de “Mona Lisa”.

Os vândalos dirão que a arte não tem o poder de redimir ou apagar a ignomínia moral. Eles têm razão: a estátua de um deus sanguinário pode ser bela sem ser verdadeira nem boa. Será que é possível apreciá-la sem riscos morais?

Não sei bem o que é o belo e o que é arte. Mas, certamente, nenhum dos dois garante nada.

Por exemplo, gosto muito de um quadro de Arnold Böcklin, “A Ilha dos Mortos”, obra imensamente popular entre o século 19 e 20, que me evoca o cemitério de Veneza, que é, justamente, uma ilha, San Michele. Agora, Hitler tinha, em sua coleção particular, a terceira versão de “A Ilha dos Mortos”, a melhor entre as cinco que Böcklin pintou. Essa proximidade com Hitler só não me atormenta porque “A Ilha dos Mortos” era também um dos quadros preferidos de Freud (que chegou a sonhar com ele).

Outro exemplo: Hitler pintava, sobretudo aquarelas, que retratam edifícios austeros e solitários, e que não são ruins; talvez comprasse uma, se me fosse oferecida por um jovem artista pelas ruas de Viena. Para mim, as aquarelas de Hitler são melhores do que as de Churchill. Pela pior razão: há, nelas, uma espécie de pressentimento trágico de que o mundo se dirigia para um banho de sangue.

É uma pena a arte não ser um critério moral. Seria fácil se as pessoas que desprezamos tivessem gostos estéticos opostos aos nossos. Mas, nada feito.

Os nazistas queimavam a “arte degenerada”, mas só da boca para fora. Na privacidade de suas casas, eles penduraram milhares de obras “degeneradas” que tinham pretensamente destruído. Em Auschwitz, nas festinhas clandestinas só para SS, os nazistas pediam que a banda dos presos tocasse suíngue e jazz – oficialmente proibidos.

Para Sokurov, o museu dos museus é o Louvre. Para mim, sempre foi a Accademia, em Veneza. A cada vez que volto para lá, desde a infância, medito na frente de três quadros, um dos quais é “A Tempestade”, do Giorgione. Com o tempo, o maior enigma do quadro se tornou, para mim, a paisagem de fundo, deserta e inquietante. Pintado em 1508, “A Tempestade” inaugura dois séculos que produziram mais beleza do que qualquer outro período de nossa história. Mas aquele fundo, mais tétrico que uma aquarela de Hitler, lembra-me que os dois séculos da beleza também foram um triunfo de guerra, peste e morte – Europa afora.

É isto mesmo: infelizmente, a arte não salva.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2016/08/1806530-a-beleza-e-a-arte-nao-constituem-nenhuma-garantia-moral.shtml>

A expressão “Essa proximidade com Hitler [...]” e o advérbio destacado no trecho “A cada vez que volto para lá [...]” referem-se, respectivamente:

- a) ao fato de o autor do texto compartilhar o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, com Hitler e à Accademia em Veneza.
- b) ao fato de o autor do texto gostar das aquarelas que foram pintadas por Hitler, uma vez que elas evocam um sentimento trágico, e ao Museu do Louvre.
- c) ao fato de Hitler e Freud compartilharem o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, uma vez que o primeiro tinha em sua coleção particular uma versão do quadro e o segundo chegou a sonhar com ele e à Academia em Veneza.
- d) ao fato de o autor do texto, assim como Freud, também sonhar com a obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, cuja a melhor versão pertenceu a Hitler e ao Museu do Louvre.
- e) ao fato de o autor do texto, além compartilhar o gosto pela obra “A ilha dos mortos”, do pintor Arnold Böcklin, com Hitler, ter comprado uma aquarela do líder nazista oferecida por um jovem artista em Viena e à Accademia em Veneza.

Letra a.

Nessa questão, a banca exige seus conhecimentos de coesão textual (ou seja, como os elementos internos ao texto se articulam).

O primeiro termo, “essa”, retoma o fato de o autor possuir o mesmo gosto por determinada obra artística com Hitler.

O segundo termo, “lá”, retoma “a Academia, em Veneza”.

QUESTÃO 43 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)**A lista de desejos**

Rosely Sayao

Acabou a graça de dar presentes em situações de comemoração e celebração, não é? Hoje, temos listas para quase todas as ocasiões: casamento, chá de cozinha e seus similares – e há similares espantosos, como chá de lingerie –, nascimento de filho e chá de bebê, e agora até para aniversário.

Presente para os filhos? Tudo eles já pediram e apenas mudam, de vez em quando ou frequentemente, a ordem das suas prioridades. Quem tem filho tem sempre à sua disposição uma lista de pedidos de presentes feita por ele, que pode crescer diariamente, e que tanto pode ser informal quanto formal.

A filha de uma amiga, por exemplo, tem uma lista na bolsa escrita à mão pelo filho, que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias. Ah! E ela funciona tanto como lista de pedidos como também de “checklist” porque, dessa maneira, o garoto controla o que já recebeu e o que ainda está por vir. Sim: essas listas são quase uma garantia de conseguir ter o pedido atendido.

Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo. Sabe aquele esforço de pensar na pessoa que vai receber o presente e de imaginar o que ela gostaria de ganhar, o que tem relação com ela e seu modo de ser e de viver? Pois é: agora, basta um telefonema ou uma passada rápida nas lojas físicas ou virtuais em que as listas estão, ou até mesmo pedir para uma outra pessoa realizar tal tarefa, e pronto! Problema resolvido!

Não é preciso mais o investimento pessoal do pensar em algo, de procurar até encontrar, de bater perna e cabeça até sentir-se satisfeito com a escolha feita que, além de tudo, precisaria estar dentro do orçamento disponível para tal. Hoje, o presente custa só o gasto financeiro e nem precisa estar dentro do orçamento porque, para não transgredir a lista, às vezes é preciso parcelar o presente em diversas prestações...

E, assim que os convites chegam, acompanhados sem descrição alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra. É que os presentes menos custosos são os primeiros a serem ticados nas listas, e quem demora para cumprir seu compromisso acaba gastando um pouco mais do que gostaria.

Se, por um lado, dar presentes deixou de dar trabalho, por outro deixou também totalmente excluído do ato de presentear o relacionamento entre as pessoas envolvidas. Ganho para o mercado de consumo, perda para as relações humanas afetivas.

Os presentes se tornaram impessoais, objetos de utilidade ou de luxo desejados. Acabou-se o que era doce no que já foi, num passado recente, uma demonstração pessoal de carinho.

Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo? Ou aquela frase transparente de criança, que nunca deixa por menos: “Eu não quero isso!”? Tudo isso acabou. Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla. Quem recebe apenas tica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.

Que tempos mais chatos. Resta, a quem tiver coragem, a possibilidade de transgredir essas tais listas. Assim, é possível tornar a vida mais saborosa.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2014/07/1489356-a-lista-de-desejos.shtml>

Em “... que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias.”, o termo destacado retoma:

- a) bolsa.
- b) filha.
- c) lista.
- d) amiga.
- e) liberdade.

Letra c.

O referente da forma pronominal “-la” é “lista”, palavra presente no mesmo período.

QUESTÃO 44 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)

Zygmunt Bauman: Estamos isolados em rede?

“As relações humanas não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual. Em vez disso, transformaram-se numa fonte prolífica de ansiedade. Em lugar de oferecerem

o ambicionado repouso, prometem uma ansiedade perpétua e uma vida em estado de alerta. Os sinais de aflição nunca vão parar de piscar, os toques de alarme nunca vão parar de soar.”

- Zygmunt Bauman

Em tempos líquidos, a crise de confiança traz consequências para os vínculos que são construídos. Estamos em rede, mas isolados dentro de uma estrutura que nos protege e, ao mesmo tempo, nos expõe. É isso mesmo?

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seu livro *Medo líquido*, diz que estamos fragilizando nossas relações e, diante disso, nos contatamos inúmeras vezes, seja qual for a ferramenta digital que usamos, acreditando que a quantidade vai superar a qualidade que gostaríamos de ter.

Bauman diz que, nesses tempos líquidos modernos, os homens precisam e desejam que seus vínculos sejam mais sólidos e reais. Por que isso acontece? Seriam as novas redes de relacionamento que são formadas em espaços digitais que trazem a noção de aproximação? Talvez sim, afinal a conexão com a rede, muitas vezes, se dá em momentos de isolamento real. O sociólogo, então, aponta que, quanto mais ampla a nossa rede, mais comprimida ela está no painel do celular. “Preferimos investir nossas esperanças em ‘redes’ em vez de parcerias, esperando que em uma rede sempre haja celulares disponíveis para enviar e receber mensagens de lealdade”, aponta ele.

E já que as novas sociabilidades, aumentadas pelas pequenas telas dos dispositivos móveis, nos impedem de formar fisicamente as redes de parcerias, Bauman diz que apelamos, então, para a quantidade de novas mensagens, novas participações, para as manifestações efusivas nessas redes sociais digitais. Tornamo-nos, portanto, seres que se sentem seguros somente se conectados a essas redes. Fora delas os relacionamentos são frágeis, superficiais, “um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas”.

A liquidez do mundo moderno esvai-se pela vida, parece que participa de tudo, mas os habitantes dessa atual modernidade, na verdade, fogem dos problemas em vez de enfrentá-los. Quando as manifestações vão para as ruas, elas chamam a atenção porque se estranha a formação de redes de parceria reais. “Para vínculos humanos, a crise de confiança é má notícia. De clareiras isoladas e bem protegidas, lugares onde se esperava retirar (enfim!) a armadura pesada e a máscara rígida que precisam ser usadas na imensidão do mundo lá fora, duro e

competitivo, as 'redes' de vínculos humanos se transformam em territórios de fronteira em que é preciso travar, dia após dia, intermináveis conflitos de reconhecimento."

<http://www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-estamos-isolados-em-rede>

Em "[...] apelamos, então, para a quantidade de novas mensagens, novas participações, para as manifestações efusivas nessas redes sociais digitais. Tornamo-nos, portanto, seres que se sentem seguros somente se conectados a essas redes. Fora delas os relacionamentos são frágeis, superficiais, "um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas" [...]", o termo em destaque se refere:

- a) às novas mensagens.
- b) às novas participações.
- c) às manifestações efusivas.
- d) às redes sociais digitais.
- e) às expectativas frustradas.

Letra d.

O referente da forma pronominal (de + **elas**) está presente no período anterior: se conectados a **essas redes** (sociais digitais).

QUESTÃO 45 (INSTITUTO AOCP/AGENTE/ITEP-RN/2018)

Cuidar de idoso não é só cumprir tarefa, é preciso dar carinho e escuta

Cláudia Colluci

A maior taxa de suicídios no Brasil se concentra entre idosos acima de 70 anos, segundo dados recentes divulgados pelo Ministério da Saúde. São 8,9 mortes por 100 mil pessoas, contra 5,5 por 100 mil entre a população em geral. Pesquisas anteriores já haviam apontado esse grupo etário como o de maior risco. Abandono da família, maior grau de dependência e depressão são alguns dos fatores de risco.

Em se tratando de idosos, há outras mortes passíveis de prevenção se o país tivesse políticas públicas voltadas para esse fim. Ano passado, uma em cada três pessoas mortas por atropelamento em São Paulo tinha 60 anos ou mais. Pessoas mais velhas perdem reflexos e parte da visão (especialmente a lateral) e da audição por conta da idade.

Levando em conta que o perfil da população brasileira mudará drasticamente nos próximos anos e que, a partir de 2030, o país terá mais idosos do que crianças, já passou da hora de governos e sociedade em geral encararem com seriedade os cuidados com os nossos velhos, que hoje somam 29,4 milhões (14,3% da população).

Com a mudança do perfil das famílias (poucos filhos, que trabalham fora e que moram longe dos seus velhos), faltam cuidadores em casa. Também são poucos os que conseguem bancar cuidadores profissionais ou casas de repouso de qualidade. As famílias que têm idosos acamados enfrentam desafios ainda maiores quando não encontram suporte e orientação nos sistemas de saúde.

Recentemente, estive cuidando do meu pai de 87 anos, que se submeteu à implantação de um marca-passo. Após a alta hospitalar, foi um susto atrás do outro. Primeiro, a pressão arterial disparou (ele já teve dois infartos e carrega quatro stents no coração), depois um dos pontos do corte cirúrgico se rompeu (risco de infecção) e, por último, o braço imobilizado começou a inchar muito (perigo de trombose venosa). Diante da recusa dele em ir ao pronto atendimento, da demora de retorno do médico que o assistiu na cirurgia e sem um serviço de retaguarda do plano de saúde ou do hospital, a sensação de desamparo foi desesperadora. Mas essas situações também trazem lições. A principal é a de que o cuidado não se traduz apenas no cumprimento de tarefas, como fazer o curativo, medir a pressão, ajudar no banho ou preparar a comida. Cuidado envolve, sobretudo, carinho e escuta. É demonstrar que você está junto, que ele não está sozinho em suas dores.

Meu pai é um homem simples, do campo, que conheceu a enxada aos sete anos de idade. Aos oito, já ordenhava vacas, mas ainda não conhecia um abraço. Foi da professora que ganhou o primeiro. Com o cultivo da terra, formou uma família, educou duas filhas. Lidar com a terra continua sendo a sua terapia diária. É onde encontra forças para enfrentar o luto pelas mortes da minha mãe, de parentes e de amigos. É onde descobre caminhos para as limitações que a idade vai impondo (“não consigo mais cuidar da horta, então vou plantar mandioca”).

Ouvir do médico que só estará liberado para suas atividades normais em três meses foi um baque para o meu velho. Ficou amuado, triste. Em um primeiro momento, dei bronca (“pai, a cirurgia foi um sucesso, custa ter um pouco mais de paciência?”). Depois, ao me colocar no lugar desse octogenário hiperativo, que até dois meses atrás estava trepado em um

abacateiro, podendo-o, mudei o meu discurso (“vai ser um saco mesmo, pai, mas vamos encontrar coisas que você consiga fazer no dia a dia com o aval do médico”).

Sim, envelhecer é um desafio sob vários pontos de vista. Mas pode ficar ainda pior quando os nossos velhos não contam com uma rede de proteção, seja do Estado, da comunidade ou da própria família.

Os números de suicídio estão aí para ilustrar muito bem esse cenário de abandono, de solidão. Uma das propostas do Ministério da Saúde para prevenir essas mortes é a ampliação dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps). A presença desses serviços está associada à diminuição de 14% do risco de suicídio. Essa medida é prioritária, mas, em se tratando da prevenção de suicídio entre idosos, não é o bastante.

Mais do que diagnosticar e tratar a depressão, apontada como um dos mais importantes fatores desencadeadores do suicídio, é preciso que políticas públicas e profissionais de saúde ajudem os idosos a prevenir/diminuir dependências para que tenham condições de sair de casa com segurança, sem o risco de morrerem atropelados ou de cair nas calçadas intransitáveis, que ações sociais os auxiliem a ter uma vida de mais interação na comunidade. E, principalmente, que as famílias prestem mais atenção aos seus velhos. Eles merecem chegar com mais dignidade ao final da vida.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2017/09/1921719-cuidar-de-idoso-nao-e-so-cumprir-tarefa-e-preciso-dar-carinho-e-escuta.shtml> 26/09/2017

Em relação às afirmações a seguir, assinale a alternativa correta.

- a) No trecho “É onde encontra forças para enfrentar o luto [...]”, retirado do 6º parágrafo, o termo em destaque se refere à lida com a terra.
- b) No trecho “Diante da recusa dele em ir ao pronto atendimento [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere ao médico que realizou a cirurgia do pai da autora.
- c) No trecho “Recentemente, estive cuidando do meu pai de 87 anos [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere à cuidadora de idosos e ao pai dela.
- d) No trecho “Pesquisas anteriores já haviam apontado esse grupo etário como o de maior risco.”, retirado do 1º parágrafo, o termo em destaque se refere a idosos entre 60 e 70 anos de idade.
- e) No trecho “Diante [...] da demora de retorno do médico que o assistiu na cirurgia [...]”, retirado do 5º parágrafo, o termo em destaque se refere ao idoso tio da autora do texto.

Letra a.

O referente do termo **“onde”** está no parágrafo imediatamente anterior: **“Lidar com a terra** continua sendo a sua terapia diária.”

Nas demais alternativas, há erros na correlação entre o termo referente e o termo referido:

- b) “dele” retoma “o pai”.
- c) o termo “meu” se refere à autora do texto.
- d) idosos acima de 70 anos.
- e. o pronome **o** faz referência ao pai da autora.

QUESTÃO 46 (INSTITUTO AOCP/ELETROTÉCNICO/CASAN/2016) Na oração “As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside”, o pronome pessoal “ela” funciona como elemento coesivo, retomando o sintagma:

- a) “a gente”.
- b) “esse município”.
- c) “a criança”.
- d) “a investigação”
- e) “na cidade”.

Letra c.

O referente do pronome “ela” é “a criança”. Observe a concordância em gênero (feminino) e em número (singular).

QUESTÃO 47 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)



No trecho “Maior faturamento em jogos eletrônicos na América Latina”, o vocábulo sublinhado significa:

- a) dispêndio.
- b) montante.
- c) fatura.
- d) expensa.
- e) rendimento.

Letra e.

As palavras dispêndio e expensa são **antônimas** da palavra “faturamento”. A semântica de “fatura” é distinta da de “faturamento” (fatura é a relação de mercadorias, com os respectivos preços). A palavra “montante”, por fim, significa “investimento financeiro rentabilizado” – o que a diferencia da palavra “faturamento”. Por fim, temos a palavra “rendimento”, a qual é sinônima de “faturamento”.

(IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.

O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado doméstico e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

QUESTÃO 48 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018) Os sentidos do texto, assim como a respectiva correção gramatical, seriam mantidos caso se substituísse:

- a) “se reflete” (linha 25) por “reflete-se”.
- b) “tem de adaptá-lo” (linha 28) por tem de “adaptar ele”.
- c) “mercado ao qual se destina” (linhas 28 e 29) por “mercado ao qual destina-se”.
- d) “o que a obriga a aperfeiçoá-lo” (linha 29) por “o que obriga-a a aperfeiçoá-lo”.
- e) “o que a obriga a aperfeiçoá-lo” (linha 29) por “o que lhe obriga a aperfeiçoá-lo”.

Letra a.

As substituições propostas envolvem fenômenos gramaticais, os quais geram sentidos.

Em (a), a colocação pronominal é optativa (próclise ou ênclise), pois o sujeito gramatical está próximo ao sujeito (em posição canônica SVO).

Em (b), o desvio da norma padrão é o uso de um pronome reto em função de objeto.

Em (c) e (d), a próclise é obrigatória (há uma partícula atrativa, o pronome relativo “o qual” e da partícula “que”).

Em (e), o desvio está em se utilizar o pronome “lhe” (que exerce função de objeto indireto) como complemento de um verbo transitivo direto (obrigar).

QUESTÃO 49 (IADES/ASSISTENTE/APEX BRASIL/2018) A correção e os sentidos do texto seriam mantidos caso se substituísse:

- a) “Há” (linha 1) por “Existi”.
- b) “desenvolvimento” (linha 14) por “crescimento”.
- c) “para” (linha 6) por “afim de”.
- d) “sem dúvida” (linha 8) por “de certo”.
- e) “percentual” (linha 2) por “porcentual”.

Letra e.

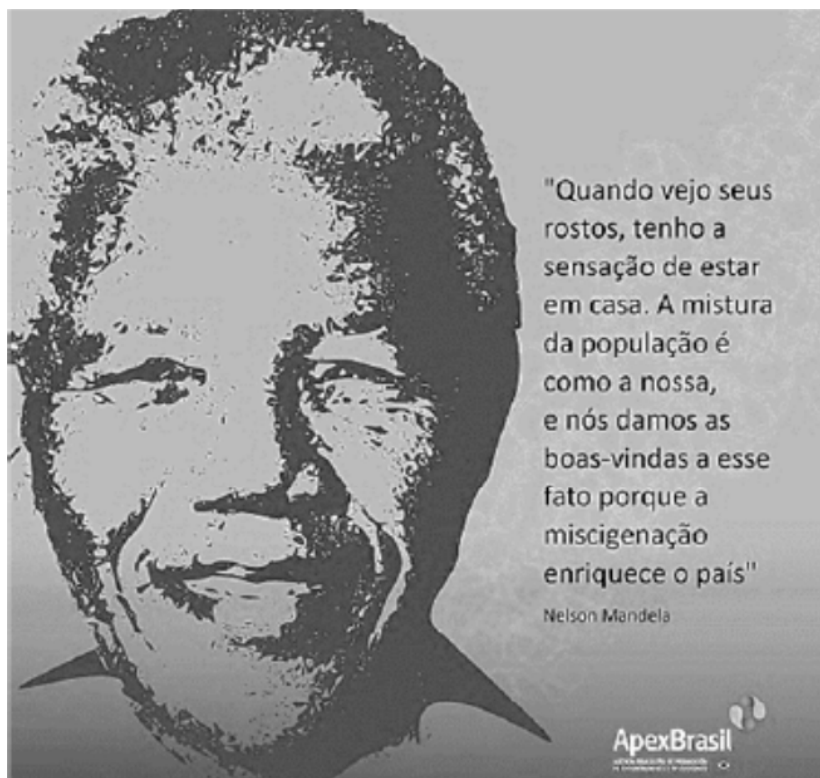
Vamos observar os desvios de cada alternativa:

- a) A substituição deve ser pela forma “existem”.

Nas alternativas (b), (c) e (d) há desvios ortográficos. As formas adequadas são, respectivamente, “crescimento”, “a fim de” e “decerto”.

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) registra ambas as formas: “percentual” e “porcentual”. É por isso que a alternativa (e) está correta.

QUESTÃO 50 (IADES/ANALISTA/APEX BRASIL/2018)



No que se refere às relações de sinonímia e antonímia de vocábulos do texto, assinale a alternativa que corresponde a sinônimo da palavra “miscigenação”.

- a) cultura.
- b) descendência.
- c) mestiçagem.
- d) procedência.
- e) cepa.

Letra c.

“Miscigenação” é a ação ou efeito de “miscigenar(-se)”. É equivalente a “mestiçagem” (miscigenação entre pessoas de raças diferentes).

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2008.

BRASIL. **Manual de Redação da Presidência da República**. 2018.

GARCIA, O. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar**. 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2009.

KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 2012.

Bruno Pilastre



Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).



ANOTAÇÕES

**NÃO SE ESQUEÇA DE
AVALIAR ESTA AULA!**

**SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE
PARA MELHORARMOS AINDA MAIS
NOSSOS MATERIAIS.**

**ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO
DESTA AULA!**

**PARA AVALIAR, BASTA CLICAR EM LER
A AULA E, DEPOIS, EM AVALIAR AULA.**

AVALIAR 